

DUAS PÁTRIAS

Revista Documentária
LUSO-BRASILEIRA



FEV 1958
- MAR 1958

Quilô 5.
1958



Estas são as pátrias muito amadas
1140 1500

no Brasil!

PROCURE HOSPEDAR-SE NO

**PALACE
HOTEL**

*DE CACHAMBU
(MINAS GERAIS)*

(Propriedade de PAULO VIANA DE ARAÚJO)

*A melhor
água mineral do Mundo
no melhor clima do Brasil*



Duas Patrias



*Flagrantes da viagem do Presidente da República Portuguesa
Senhor General Craveiro Lopes ao Brasil*

As gravuras mostram : à esquerda, o Chefe de Estado de Portugal com a Senhora de Kubitschek de Oliveira ; à direita, o Presidente da República do Brasil com a Senhora de Craveiro Lopes.

DUAS PÁTRIAS



REVISTA DOCUMENTÁRIO
LUSO-BRASILEIRA

(SEDE NO BRASIL)

ANO V - 1.º NÚMERO DE 1958

DIRECTOR ADMINISTRADOR:
DOLORES MONTENEGRO MATIAS

PROPRIETÁRIO, DIRECTOR TÉCNICO
E EDITOR:
JOAQUIM ANTÓNIO MATIAS

CORPO DIRECTIVO:
JOAQUIM MATA ÁGUAS
RAUL BALTA HENRIQUES
AUGUSTO KRUSSE AFFEALLO

DIRECÇÃO NO BRASIL:
RUA VERGUEIRO 1631 - SÃO PAULO

DIRECÇÃO EM PORTUGAL:
AV. ELIAS GARCIA, 143, 3.º
LISBOA - TELEFONE 774513

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
OFICINAS DE S. JOSE - LISBOA

PREÇO { PORTUGAL: ESC. 30800
BRASIL: CRS. 60.00

MENSAGENS

DO PRESIDENTE KUBITSCHKE DE OLIVEIRA, DIRIGIDA AO SENHOR GENERAL CRAVEIRO LOPES, APÓS O REGRESSO DO PRESIDENTE DA REPUBLICA PORTUGUESA A LISBOA

...«Criámos no Brasil um estilo nacional de vida, mas não repudiámos a tradição portuguesa. Somos nacionalistas, mas não esquecemos Portugal para o efeito da situação internacional. Criámos, desenvolvemos e mantemos uma perfeita e completa soberania nacional, ciosa cada vez mais da sua independência e do seu destino, dentro do continente americano e em termos de projecção própria na Europa, mas formámos espontaneamente com Portugal, enraizada ainda mais nos sentimentos fortes e quentes das nossas almas do que nos textos convencionais e frios dos tratados, essa magnífica e creio que inédita construção política e jurídica de entidade supranacional, que é a comunidade luso-brasileira. Isto não é uma utopia, nem uma fórmula de cortesia: é uma realidade nossa.

É esta realidade brasileira que esperamos e estamos certos que Vossa Excelência levará para Portugal e transmitirá a todos os portugueses, como uma das imagens mais características da fisionomia política e do retrato espiritual deste povo, que se orgulha da sua origem lusitana, neste imenso laboratório geográfico e humano em que sessenta milhões de brasileiros procuram criar riquezas, fixar uma cultura nacional e oferecer à nossa época a contribuição do estímulo brasileiro de vida e de civilização.


Se foram poucos os dias para uma visão minuciosa e completa de todas as nossas regiões se nem todos os Estados da nossa república federativa, por efeito dessa luta contra o tempo que é o drama de todos nós, homens de Estado e de Governo, tiveram a satisfação e o privilégio de receber a visita, em pessoa, de Vossa Excelência, a verdade é que foi unânime e igual o acolhimento do povo brasileiro em todo o território nacional. E no que viu, sem tudo ter visto, sentido e amado, Vossa Excelência viu, de facto, o Brasil».

DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA, À CHEGADA A PORTUGAL DA SUA VIAGEM AO BRASIL

«Regresso do Brasil, na convicção plena de que a visita do Chefe do Estado será um acontecimento histórico de incalculáveis benefícios para as duas nações irmãs. Na verdade, tal como sucedeu durante as visitas dos dois Presidentes a Portugal: em que toda a nação aclamou vibrantemente o Brasil, assim, também o povo brasileiro se ergueu unânime para homenagear a velha nação que é pátria da sua pátria. E fê-lo com caloroso entusiasmo e, sem reservas. Excedendo tudo quanto se poderia esperar de melhor, os brasileiros manifestaram, com exuberância, a sua amizade fraterna e o desejo de que a comunidade, à qual pertencemos, se torne cada vez mais viva e forte, seja nas relações entre as duas nações e pelo que respeita ao Estatuto dos seus nacionais, seja na larga projecção internacional que de justiça lhe compete. Estes sentimentos acham-se bem radicados em todas as camadas da sociedade brasileira, pois com todas elas o Chefe do Estado teve oportunidade de conviver e apreciar os requintes da sua hospitalidade. Foi uma longa jornada, a que acabamos de fazer, através do imenso e prometedor território brasileiro — realização do génio lusitano — em que podemos verificar que em toda a parte as populações sentem a necessidade de levar tão longe quanto possível a unidade luso-brasileira. Compete, agora, aos respectivos Governos, tomar as suas decisões, seguros como estão, de contarem com o entusiástico apoio dos seus povos. Por mim, não tenho dúvida de que assim sucederá. Sei ser esse o firme propósito do Governo Português. E terminada a visita que me deixou recordações inesquecíveis, só me resta dizer à Nação de que sou simples mandatário: MISSÃO CUMPRIDA».

COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA

PRESIDENTE KUBITSCHK DE OLIVEIRA

 ILUÍDOS os ecos da viagem triunfal de Sua Excelência o Senhor Presidente da República Portuguesa ao Brasil, pelo tempo que tudo parece gastar, ainda se ouve, pairando sobre as capitais carioca e paulista, sobre toda a vastíssima região que se estende até ao Amazonas, sobre a capital portuguesa, repercutindo-se no litoral atlântico da Península e sobre as montanhas e planícies de Portugal, uma parte desses ecos que, estamos certos, jamais deixarão de ser ouvidos pela geração actual e que se tornarão fios doirados das Histórias do Brasil e Lusitana, fundidas na futura «História da Comunidade Luso-Brasileira», designação mais certa, mais lógica, mais humanamente lusiada.

O Atlântico, tornado pensamento, será saudade eterna desses ecos, transocianismo, como disse Capriстано de Abreu, referindo-se à «Saudade Luso-Brasileira».

Ergue-se num dos montes da margem sul do Tejo o princípio da estátua a «Cristo Rei» que, quando concluída, estenderá decerto as mãos simbolicamente ao «Cristo do Corcovado», união espiritual entre as duas Nações Cristãs, união considerável de dois povos, irmãos pelo sangue, pelo génio da raça, pela identidade de pensamento.

Elo imenso, de que são polos humanos o Presidente Kubitschek de Oliveira e o Presidente Craveiro Lopes.

Elo imenso dos espíritos e das terras; dessas terras,

onde, como escreveu o Doutor Amândio Marques, illustre Director do «Grupo de Estudos Brasileiros da Cidade do Porto»: «... há luz e claridade e púrpura no casario do Recife e de Olinda, pintando-as de ouro do mais puro quilate! É o Sol que nasce no mar!...»

É este mesmo Sol que banha o Marão em dias esplendorosos; é este o mesmo Sol que nasce lentamente e que banha o Tejo em manhãs de sonho!

Foi este mesmo Sol que ajudou a criar o Presidente Juscelino, incutindo-lhe no pensamento e no coração, a ideia da Pátria Lusiada e o amor a Portugal; foi aquele mesmo Sol que o formou lentamente, mas com segurança básica para o mais alto cargo da Nação Brasileira, que o suicídio de Getúlio Vargas abreviou, segundo a nossa opinião, mas que não pode ser levado à conta dum «sub-produto imprevisto das circunstâncias, porque Juscelino seria da mesma forma, o Presidente de 1956», como muito bem disse a este respeito José Morais no seu livro «Juscelino».

O presidente Kubitschek tem a seu favor, por natural, o cruzamento de raças puras, trabalhadoras, dinâmicas, de acção viril e inteligente. O alemão Johann Kubitschek foi seu antepassado.

A união estreita de raças, latina e germânica, deu-lhe uma personalidade excepcional que o clima brasileiro tornou admirável. Nonô, como era conhecido em menino, parece indicar resistência àquilo que lhe que-riam impor: Nonô, não!

Espírito firme, desempoeirado e simples, impôs-se a nacionais e estrangeiros. E, sobretudo, para nós, os da Comunidade da Ocidental praia Lusitana, a sua acção, o seu desvanecimento por tudo quanto é português, tornou simpática a sua actuação, feita sempre com o fito inconfundível, sereno e entusiástico a um tempo, pelo que poderia ser praticado e determinado a favor dos portugueses.

Tem sido admirável a sua acção neste campo. Os portugueses do Brasil, e, os portugueses de Portugal, sentem o carinho, sentem o calor com que o extraordinário Chefe de Estado do Brasil demonstra por tudo quanto é português.

A visita do Presidente Craveiro Lopes ao Brasil, serviu para cimentar uma amizade que, sendo já naturalmente demonstrada em muitas declarações do Presidente Juscelino, mais radicada ficou com as afirmações que o «protocolo» torna oficialíssimas e definitivas.

Estamos crentes que todos os portugueses nutrem pelo ilustre Chefe de Estado brasileiro, uma admiração sem limites.

E que assim é, provam-no o «Pergaminho» em letras iluminadas que em breve lhe será entregue no «Palácio do Catete» assinado pelos representantes das «Casas Regionais» de Portugal, porta-vozes dos seus contrários, documento esse inspirado pela Direcção da nossa Revista, como preito de gratidão por aquilo que o Presidente Kubitschek tem feito pelos lusitanos.

Não poderia, evidentemente, a nossa Revista deixar de, por esse modo, associar-se e inspirar-se na homenagem ao Presidente Kubitschek. As manifestações de apoio à nossa organização jornalística, dadas pelo ilustre Chefe de Estado do Brasil e, ainda, o famoso autógrafa que foi publicado pela Revista «Duas Pátrias» no seu Número Especial dedicado a «Santos-Dumont» e cujo conteúdo, como que uma síntese do seu programa de Governo em relação aos interesses lusos, lisongeiou-nos como jornalistas e desvaneceu-nos como portugueses

* * *

A Nação Brasileira ganhou o que a Cirurgia perdeu por algum tempo. É considerado um dos mais eminentes cirurgiões — e foi essa a impressão deixada pelo

Presidente Kubitschek na classe médico-cirúrgica portuguesa, como aliás é reconhecido no artigo intitulado «O Médico» publicado no presente número desta Revista, pelo ilustre e distintíssimo Professor Doutor Adelino Padesca.

Colaboram neste número em homenagem a um seu eminente colega, Chefe de Estado, ilustres médicos lusitanos, que decerto calará no ânimo do Homem que, como Governador de Estado foi enérgico na sua acção, auxiliando poderosamente a desenvolver os meios clínicos e cirúrgicos, criando um ambiente notável e de estímulo no prosseguimento de um plano que se concretiza pelos notáveis serviços hospitalares do Estado de Minas Gerais e presentemente no âmbito de todo o Brasil.

Na História do Brasil, ficará gravada para sempre a do Governo do Presidente Kubitschek de Oliveira, pela criação da nova Capital da Nação Brasileira: BRASILIA.

Brasília, será o padrão glorioso que ficará a atestar para a posteridade o que pode a vontade de um Governo com larga visão do futuro, criando novas cidades, desbravando assim, esse imenso Império, conquistando mais riquezas e trabalho, não só para o seu país e naturais, como ainda para aqueles que, se acolhem à sombra da sua gloriosa bandeira auri-verde, símbolo de riqueza e de esperança.

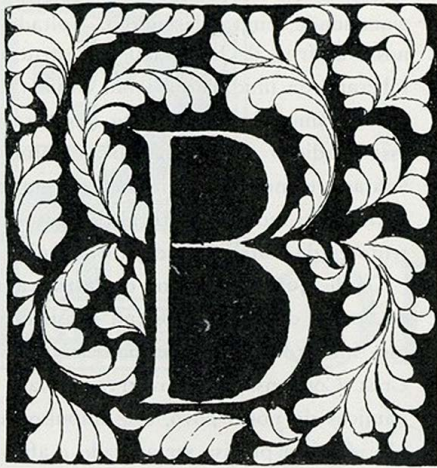
* * *

A Revista Documentário Luso-Brasileira «DUAS PÁTRIAS», sente-se honrada pela oportunidade que tem, em homenagear o Doutor Juscelino Kubitschek de Oliveira, como Chefe da Grande Nação Irmã e como cirurgião de excepcional categoria.

Sente-se honrada e contente igualmente, por notar em Juscelino, sangue luso, sangue que o seu próprio nome indica — Oliveira — desse sangue português que fez nascer um povo que caminha para um ridente futuro nessa Grande Nação que será o refúgio de um Mundo conturbado, mercê das qualidades cristãs que os portugueses plasmaram nesse Brasil, orgulho da Nação Lusa.

DOLORES M. G. MATIAS





RASIL

DE ONTEM, DE HOJE E DE AMANHÃ

por TITO LÍVIO FERREIRA
da Universidade Católica de São Paulo

REVIVER o passado significa, no presente, condição de existência no futuro. Por isso, rejuvenescer as tradições de nossa terra e os feitos de nossa gente, consiste em reavivar para os dias vindouros, o lume irradiante da lareira da Pátria.

Daí a necessidade imperativa, nos dias que correm, desse retorno às fontes puras de nossa formação social, para adquirirmos a consciência de nós mesmos, de nossa dignidade e de nosso valor, como povo livre e independente.

Assim precisamos «despertar na alma de nossos cidadãos sentimentos mais fundos, e por isso mesmo, gerais e humanos, de justiça e gratidão, o reconhecimento pelo serviço prestado, bem como se poderia chamar o instinto de conservação da raça, da religião — todas as qualidades de permanência», assevera Afonso Arinos, para mantermos, puro e presente, o culto imorredouro dos nossos maiores.

De nossos maiores nos veio a consciência da coletividade. Nela vive a alma nacional engrandecida e amplificada pelo esforço de cada um, interpenetrada, sempre, do labor social de todos e palpitante, sempre, desse idealismo combativo, fecundo e magnífico. Sua voz misteriosa e penetrante atrai e retém o mais indiferente, com a doce intimidade de seu acolhimento simples e franco. Voz da terra a subir de nossos passos confiantes e seguros, ela nos fala da comunidade. Voz do Brasil, nela vibram as vozes de nossos antepassados,

nela rumorejam as vozes do presente e cantam os anseios de amanhã. Comovida e clara, nela florescem as lições de patriotismo, a religião dos nossos ancestrais, a língua de nossos maiores, a doce língua de Camões, o culto da Pátria.

Esse culto da Pátria envolve, no mesmo expansionismo radioso, na mesma afectividade serena, na mesma cordialidade arejada a «Minas do lume e do pão», no expressivo dizer do Sr. Oliveira Viana; a Bahia veneranda e tradicionalista, onde o Brasil nasceu; os pagos vigilantes do Rio Grande do Sul, onde o gaúcho traça, com a ponta da lança, a zona fronteira; o Pernambuco onde no século dezassete floriu, escarlate e generoso, o sangue nativista; o Espírito Santo onde o capichaba venera, desde os primeiros dias da colônia, a Nossa Senhora da Vitória; o Estado do Rio, centralizador e imperialista; o Maranhão do humanismo florizante e fecundo; o Ceará dos «verdes e bravios mares» a rumorejar na orla rendilhada e faiscante das praias cheias de sol; o Piauí dos sertões fragueiros e dos campos fartos; o Pará, sentinela marajoara do estuário amazônico; o Mato-Grosso da abundância e da tranquilidade; o Amazonas, mundo em formação banhado pelas águas do rio-mar; o Paraná, de pinheirais guapos e frondejantes; o Acre, fronteira viva de nacionalidade; o Rio Grande do Norte, almenara acesa na torre oriental do continente; o Sergipe, comprimido entre a terra e o mar; a Paraíba, altiva e heróica; Alagoas, deste-

merosa e altaneira; a Santa Catarina, modesta e laboriosa; Goiás, planalto convergente e luminoso e São Paulo, bandeirante do expansionismo e do trabalho produtivo.

Lateja, todo esse passado comum, na estrutura viva da Pátria jovem, sobredeirada pela glória radiosa e pela poeira grisalha de quatro séculos. Em todas essas unidades fundamentais da unidade pátria, estirada para cima e para o alto, estremece a flama radiante do amor ao torrão natal redivivo no culto ao passado. E essa flama irradiante se confunde e se amplia na lareira ardente da consciência nacional, iluminando-a.

Todas as forças morais acumuladas na Pátria representam a multiplicidade viril das consciências individuais trabalhadas pelos mesmos sentimentos, pelas mesmas angústias, pelas mesmas emoções e pelos mesmos anseios. Eles vivem em cada indivíduo, para sobreviver em todos. E confundem-se nos hábitos, nos gestos, nas atitudes, nos modos de ver, de sentir, de falar, de sorrir e de pensar dos grupos sociais.

Todas as lembranças nacionais, constituídas pelo sentimento dos sacrifícios feitos, plasmam a grande solidariedade humana e expressam o desejo palpitante de continuar a vida comum, de prolongar a existência

colectiva, de compartilhar da obra civilizadora da nacionalidade, engrandecendo-a. Voltado para o futuro, nosso espírito de brasilidade se estrutura no postulado soberano da unidade nacional, cujas raízes mergulham, profundamente, no substrato das gerações passadas. E essa tradição alicerçada no pensamento comum, na vontade comum, no sentimento comum, representa o patrimônio moral e cultural de nossos ancestrais, construtores da Pátria grande, forte e digna.

Desde João Ramalho, o Patriarca dos Bandeirantes, pulsa dentro de nós, no substrato de nosso povo, esse instinto vital de permanência na Terra de Santa Cruz. Condensado nas reservas sociais, biológicas e dinâmicas do nosso povo, esse impulso viril de preservação e defesa precisa ser avivado e afervorado. Com ele unimos e entrelaçamos, dentro da unidade nacional, o Brasil de ontem, o Brasil de hoje e o Brasil de amanhã. Formamos, com ele, o espírito de brasilidade cujas origens se adentram, profundamente, no cerne sadio da nossa raça. E graças a ele, os nossos maiores fazem jús ao nosso respeito e ao nosso reconhecimento, pela sua obra civilizadora, em prol de nossa terra e de nossa gente.

CASA CORCOVADO

*ESTABELECIMENTO DE VÍVERES POR GROSSO E A RETALHO
ESPECIALIDADES EM CONSERVAS, QUEIJOS, VINHOS FINOS, BOMBONS E LICORES*



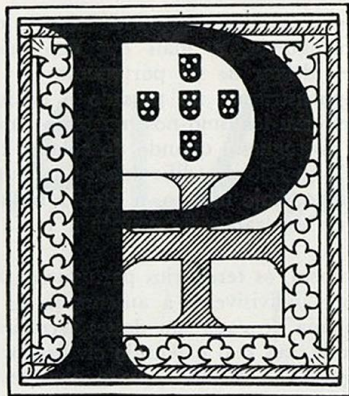
ARTHUR COSTA & CIA. LTDA.

TELEFONE 35 84

RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 2

End. Teleg.: CORCOVADO

BELÉM - PARÁ



PORTUGAL

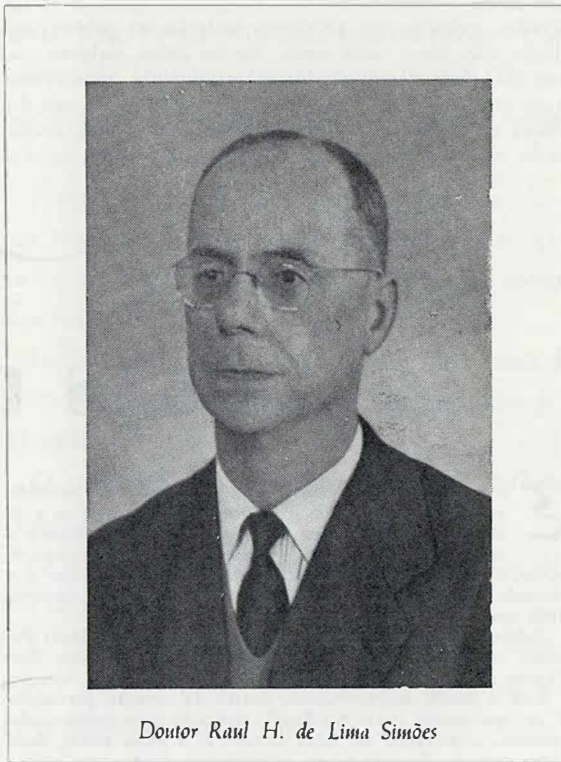
UNO E INDIVISÍVEL

por Dr. RAUL HUMBERTO DE LIMA SIMÕES
DIRECTOR DO «BOLETIM DO PORTO DE LISBOA»

Portugal viveu, num dado momento da existência do Mundo, «uma exaltação de intrepidez e de heroísmo que, dificilmente, na História Universal, outra se lhe iguala» — nas palavras de Stephan Zweig. E, ainda, segundo o mesmo escritor, «mesmo os «Lusiadas» quase não conseguem tornar compreensível essa nova expedição, semelhante à de Alexandre Magno, que um punhado de homens empreende a fim de, com alguns navios, conquistar simultaneamente três continentes e, além disso, todo o oceano desconhecido. É que o pequeno Portugal, que, quase apenas há dois séculos, se libertou do domínio árabe, não possui dinheiro; o rei, todas as vezes que prepara uma frota, tem, de antemão, que empenhar o rendimento dela a banqueiros e comerciantes. Portugal também não possui soldados em número suficiente para guerrear ao mesmo tempo os árabes, os indus, os malaios, os africanos, os selvagens, e, em todos os lugares dos três continentes, estabelecer colónias e fortalezas. Contudo, como por milagre, extrai de si todas essas forças: cavaleiros, camponeses, e, conforme certa vez disse Colombo, indignado, até alfaiates abandonaram as oficinas, as mulheres, os filhos. Deixando todas as profissões, afluem do país inteiro, para os portos. Não os assusta o facto de, segundo as célebres palavras de João de Barros, se tornar o «oceano o mais frequente túmulo dos portugueses»...

E Portugal ia escrever com letras de bronze uma magnífica epopeia, epopeia de bravura, de audácia, de civilização.

Quando outros povos dormiam, uns, e se digladiavam, outros, em lutas inglórias, Portugal, pequeno país, então, de um milhão de habitantes, não contando talvez nem mesmo trezentos mil adultos disponíveis, do sexo masculino, ocupou praticamente metade do Mundo, fundou cidades, criou nações, povoou os oceanos, levou a palavra de Cristo aos mais remotos lugares, do Atlântico à Oceania, foi compreensivo, humano, para



Doutor Raul H. de Lima Simões

com os povos que o acolheram, fez, numa palavra, civilização.

Os «civilizadores» de hoje, como os de todos os tempos, longe de lhe poder dar lições, muito têm, com efeito, que aprender com Portugal.

É que, mesmo nos tempos modernos, «civilização»

e «cultura» não podem equiparar-se exclusivamente à ideia de «organização» e «conforto». Como diz Stephan Zweig, «nada favoreceu mais esse erro funesto do que a estatística que, como ciência mecânica, calcula em quanto importa, num país, a fortuna do povo e quanto é, na mesma, a parte de cada um; quantos autos, quantas casas de banho, quantos rádios e quantos seguros correspondem a cada habitante. De acordo com essas tabelas, os povos mais cultos e mais civilizados seriam os que têm a maior produção, o maior consumo e o maior número de fortunas individuais. Mas falta, nessas tabelas, um elemento valioso, o computo do espírito de humanidade que, em nossa opinião, representa o mais importante índice da cultura e da civilização. E, aludindo decerto ao espírito belicista e aos bárbaros procedimentos havidos, designadamente na última guerra mundial, o grande escritor nota com razão: «Vimos que a mais elevada organização não impediu povos de aplicarem essa organização unicamente no sentido da brutalidade ao invés de o fazerem no sentido humano...»

Portugal espalhou e espalha civilização, verdadeira civilização, no melhor sentido do termo. Em todos os seus territórios, dos quatro cantos do Mundo, que hoje são ainda o testemunho vivo da grande epopeia de há séculos, todos os que ali vivem poderão ser pobres, poderão não viver num meio, alguns deles, nalguns casos, dos mais desenvolvidos materialmente, mas vivem num meio humano e compreensivo, sem ódios, sem divisões de castas ou de raças, num meio, afinal, civilizado, no mais alto sentido da palavra.

Por isso, são todos eles, pelo coração, pelo espírito, igualmente portugueses, e, mais que isso, não querem, todos eles, deixar de ser portugueses.

Assim, o demonstraram no passado e demonstram no presente pelo seu lealismo nos momentos mais difíceis da nação portuguesa, quando do colapso do final do século XVI, quando das dificuldades das lutas com Napoleão, quando, hoje mesmo, a União Indiana alimenta a ilusória esperança de ocupar a Índia Portuguesa.

Por isso, também, os territórios portugueses, formam um bloco uno e indivisível e a autonomia do todo é assim a autonomia de cada um desses territórios.

Foi tão grande, tão real o sentido civilizador da expansão portuguesa no Mundo, que a obra executada no Brasil, de construir uma grande nação, que será amanhã, sem dúvida, uma das grandes potências mundiais, é hoje reconhecida, sem favor, como uma «obra sem exemplo na História».

Manuel da Nóbrega, o grande iniciador da criação da nação brasileira, reunia em Piratininga os aborígenes, fixava-os à terra, formava núcleos populacionais e podia mais tarde anunciar: «vai-se fazendo uma formosa povoação». Tão formosa, com efeito, que havia de se tornar na grande capital moderna que é S. Paulo, cidade de arranha-céus imponentes, de grandes instalações industriais, de intensa actividade económica.

Portugal criador de Nações, Portugal construtor de futuro, de história, de civilização... como se pode negar, com justiça, o seu papel civilizador, no passado e no presente, o brilho do seu esforço centenário em prol do progresso humano?

«DUAS PÁTRIAS»

É a revista-documentário «Duas Pátrias», na verdade, esplêndida publicação, de óptimo aspecto gráfico e de alto nível cultural em que perpassa irresistivelmente o sentimento forte dessa grande realidade histórica, de ontem e de hoje e que perdurará pelos séculos fora, que é a amizade luso-brasileira, marca indelével da grande comunidade mundial de língua portuguesa.

Publicações como a grande revista-documentário «Duas Pátrias» constituem, assim, elos indispensáveis das nossas duas Pátrias a que todos nos honramos de pertencer pelo coração.

Está o Brasil, inegavelmente, dentro do coração português. E eu, que nunca estive no Brasil, tenho no meu peito, curiosamente, a nostalgia da terra brasileira, a visão nítida dessa terra extensa, fecunda e de esplendoroso futuro em que a energia portuguesa constituiu uma grande nação de que a saudade lusiada cimentou a alma pródiga de afectos.

É que, «se a terra é dadivosa e boa», como escrevia, já há 450 anos, Pero Vaz de Caminha, a alma do Brasil é, do mesmo modo, generosa e de primeiro quilate.

E para que o coração brasileiro deixasse de ser português seria preciso que desaparecessem do Brasil as antigas cidades construídas pelos navegadores de Portugal, as velhas igrejas de traça lusiada, as fortalezas portuguesas de há séculos, que contiveram as ambições de povos estranhos, e ainda todos os

vestígios das longas e penosas caminhadas dos ousados bandeirantes que desvendaram o sertão misterioso e ardente. Seria preciso, enfim, forjar outra alma brasileira em que, absurdamente, não tivessem eco os versos portugueses do grande bardo, tão genuinamente brasileiro, que foi Catullo da Paixão Cearense. Cantou ele, na língua lusiada, que era a dele e que é a nossa, o sertão luarento e celebrou apaixonadamente as graças da terra brasileira, do «seu Brasil», a terra do caboclo, onde gorgeia o sabiá, «no meio da mattaria», nesse quadro esplendoroso, de irresistível atracção, em que a terra até se sobrepõe ao Céu, impondo-nos a sua preferência.

Ele diz na sua luminosa linguagem:

«Eu cá no céu não ficava,
e nem sei se alguma estrela
aqui no céu ficaria.»

E, na verdade, como nos desprendermos do Brasil, como fuirmos ao seu encanto se

«... tu, Brasil, és tão rico,
tão gentil, tão cavalheiro...»

DR. RAUL HUMBERTO DE LIMA SIMÕES
(Director do Boletim do Porto de Lisboa)

SALAZAR

E A POLÍTICA EXTERNA DE PORTUGAL

Um dia, perguntando a Newton como descobrira a «Lei da atracção universal», respondeu : — *Pensando nela vinte anos!*

O pensamento de Salazar tem vivido mais tempo; mas ele descobriu o equilíbrio social e interno e um equilíbrio internacional que, só uma visão extraordinária poderia conseguir, no meio do caos que se tem verificado em todo o Mundo.

Em toda a política externa, a acção de Portugal tem girado à volta da Grã-Bretanha e do Brasil; da Grã-Bretanha, nossa aliada secular; do Brasil, amigo de sempre, e, ainda como desdobramento natural da Pátria Lusa, onde estão integrados muitos e muitos milhares de portugueses que na sua sequência biológica se podem contar por milhões.

Queremos, julgar que, somente em duas ocasiões a opinião nacional se impôs sem qualquer influência exterior.

Dois políticos extraordinários, dois condutores com C. grande da Pátria Lusitana, suberam imprimir directrizes «não» influenciadas: D. João II e Salazar!

É facto que, não devemos esquecer a acção de D. João IV na entrevista que teve com o Cavaleiro de Jant, representante de Luís XIV, em que o *Brasil é considerado como a grande razão ultramarina de Portugal.*

E também não nos devemos esquecer da célebre resposta do Marquês de Pombal ao Embaixador de Espanha, que desnecessário se torna descrevê-la.

D. João II e Salazar são porém, dois casos à parte na política portuguesa. Inconfundíveis! Magníficos!

O primeiro, «El Hombre», como o definiu Isabel a Católica!

O segundo, «O Estadista», como é conhecido nas chancelarias!

O primeiro, estabeleceu um Império e segrou-o por *tratados*, baseados nas informações científicas dos seus navegadores.

O segundo tomando «as rédeas» do poder, recordou-se decerto, das célebres palavras de D. Luís da Cunha ao príncipe D. José: «a quarta obrigação do Pai de Família é não ter a casa individualada». E seguidamente, os seus conselhos são mais completos, quando diz: «Porque nin-

guém é rico senão quando não deve, o que não se pode evitar todas as vezes que a despesa exceda a receita; assim toda a economia é justa e necessária».

* * *

A acção económica de Salazar, foi o fulcro da sua acção política.

Nacional e internacionalmente, o seu prestígio não poderia ter chegado ao ponto actual, sem a base segura dum equilíbrio financeiro, reflexo de uma ordem interna, que não existia à sua chegada à governação pública.

O êxito da política interna de Salazar, tem, no que referimos, a base principal.

Depois dos equilíbrios firmes com que enfrentou os focos de desordem que se encontravam latentes em vários pontos da Nação, depois de os cloroformizar e os tratar em seguida, pausadamente, Salazar manifestou uma concepção elevadíssima do momento internacional, não só na Guerra de Espanha, mas muito principalmente na «Segunda Grande Guerra», em que a sua acção diplomática — não ambígua — *mas firme*, fez manter o sossego nas almas das mães de Portugal, que ansiosamente viam os seus filhos em perigo permanente.

A neutralidade de Portugal, constitui uma das maiores glórias do espírito diplomático de Salazar.

* * *

Passadas essas épocas atribuladas, o Primeiro Ministro Português, fez por cimentar os pontos principais da política portuguesa, em primeiro lugar, e, naturalmente, pela «Amizade Luso-Brasileira»; relações de amizade com a Inglaterra; naturais relações de amizade e concordância com a Santa Sé; amizade dentro do espírito Ibérico com a Espanha; e, por último, acordos seguros e firmes com os Estados Unidos da América do Norte, Nação número um defensora da Ordem Internacional, e, como tal, merecedora da grande amizade de Portugal.

Dum modo geral, a acção portuguesa no Mundo, é de concordância e amizade sincera com todos os povos de boa vontade.

É facto que, poderia haver um bom *administrador* das coisas portuguesas, e um mau *visionador* das realidades políticas. Mas a Providência encarregou-se de presentear Portugal com um Estadista incomparável.

Seja-nos lícito porém lembrar — *e deve constar decerto na agenda* — certos povos da América do Sul, além do Brasil, — caso à parte — onde labutam alguns milhares de portugueses, como a Venezuela, Argentina, etc. que *possivelmente* necessitam dum maior amparo do Poder Central, que decerto lhes não negará.

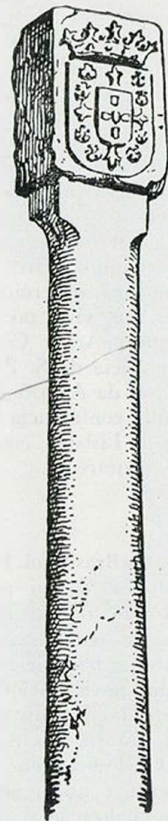
O prestígio do País, no conceito internacional, muito aumentou, devido às visitas a Portugal do Generalíssimo Franco, do Presidente efectivo do Brasil e do Presidente Eleito da mesma Nação, da Rainha da Inglaterra, da Rainha da Holanda e de tantas outras altas e predominantes individualidades de outros Estados Soberanos. E por outro lado, com não menos prestígio, as visitas de S. Excelência o Senhor Presidente da República, General Craveiro Lopes a Inglaterra, à Espanha e à África do Sul, e por último à gloriosa Pátria Irmã, o Brasil, onde foi apoteoticamente recebido, cujo reflexo internacional se verificou com manifesto significado e profunda simpatia, e, pela consagração fraterna das duas Pátrias irmãs, exemplo único na História do Mundo.

Estas visitas não se fazem por simples cortesia! Elas representam um significado internacional de alta valia e projecção.

Política e religiosamente, Salazar tem tido uma visão do *momento*. Tem sido esta visão que, cuidadosamente, selecciona os Embaixadores de Portugal no Estrangeiro, cujas personalidades projectam com inteligência em países mais ou menos afastados, a luz da «estrela» que brilha intensamente no firmamento português, orientadora magnífica da sua política externa.

COMUNIDADES

O LUSÍADA (LUSO-BRASILEIRO) ULTRAPASSA ÉTNICAMENTE E EM CORAÇÃO TODAS AS COMUNIDADES POSSÍVEIS



PORTUGAL, territorialmente pequenino na sua Metrópole, é uma Grécia gloriosa dos tempos heróicos, uma Roma esplendorosa dominadora do Mediterrâneo e saltadora da Mancha até à Grã-Bretanha!

Prolongaram a Grécia e Roma os seus domínios no Mundo de então, circunscrito a esse Mar Mediterrâneo, onde espalharam as civilizações grega e latina.

A Nação Lusitana foi mais além!

Lançada pelo espírito do Infante D. Henrique nas sombras do Atlântico, misterioso e grande, conseguiu levar a civilização portuguesa e o espírito cristão a todo o Mundo, dominando aquele Oceano, ultrapassando o Índico, devassando o Pacífico, numa demonstração de capacidade extraordinária!

A glória portuguesa deu uma Pátria Grande ao Mundo: o **BRASIL!**

Constituiu a Nação Brasileira um baluarte ocidentalíssimo do Cristianismo.

Impregnados pela Fé e pelo valor de Aljubarrota, os «bandeirantes» foram «uma espécie de consubstanciação» do espírito deste «jardim da Europa à beira-mar plantado».

Foram a repetição do que, na Europa fez Portugal, do que no Ultramar os Missionários sofreram e viveram, para estabelecer a Paz de Cristo e o nome glorioso da Pátria Portuguesa.

Lançados nos sertões, nesse «Inferno Verde» do Brasil, conseguiram no «Novo Mundo», o que outros lusitanos impuseram pela bondade nos desertos e nas florestas da África, Ásia e Oceania, de modo a fazer erguer nas almas indígenas a verdade dos princípios da Igreja Católica, inspirada na figura divina de Cristo Nosso Senhor!

A extensão territorial imensa do Rio da Prata do Amazonas, é uma verdade indiscutível de Fé, de possibilidades e de Esperança da Raça Portuguesa, tornava

única e completa no seu essencialismo rático, depois da conquista do Algarve pelo Rei Afonso.

Foi, indubitavelmente, no século XVI, que a expansão portuguesa conseguiu em terras do Novo Mundo, dar aos habitantes do outro lado do Atlântico, um sopro de Fé Católica, destruidora de mitos, integradora de princípios religiosos, em espíritos que nada tinham a guiá-los.

A chegada de Cabral ao Brasil, posterior ao conhecimento da mesma gloriosa Nação por outros portugueses, veio demonstrar à Europa deslumbrada, a existência duma terra fertilíssima, plena de colorido e de promessas, luz bruxuleante de início, mas sol esplendoroso depois, promissor dum grande e vasto Império.

Planaltos foram devassados, florestas virgens, algumas vezes atravessadas heróicamente, rios cheios de tumultos de águas foram dominados!

Mato Grosso e Ceará foram, entre outras regiões guardas avançadas da civilização lusíada, que lutava contra o clima agressivo, lutando e vencendo a resistência da selva.

Rapidamente, «no tempo», os portugueses ergueram um princípio de Império que, pelas suas condições naturais, pelo sangue dos seus primeiros habitantes e pela renovação do sangue dos vindouros, haveriam de erguer uma Pátria grande, libertada da Nação-Mãe que lhe dera o ser!

Bendita essa Fatalidade histórica!

Bendita, porque fez demonstrar ao Mundo, a força e o poder colonizador e civilizador dos portugueses, cuja humanidade e carinho indiscutíveis, pouco a pouco, foram lançando as bases futuras duma Comunidade, Comunidade de coração, Comunidade de alma, baseadas nessas, humanidade e carinho, polos opostos aos

processos de Cortez, conquistador espanhol que, à força da espada, tantas lágrimas fez derramar aos nativos do Continente Novo.

As bases desses «climas» deram origem ao presente estado de espírito luso-brasileiro, lusiada 100 %, climas esses que se iniciaram com os delineamentos populacionais, depois com as feitorias, e, seguidamente, com a colonização, que a prática e a bondade portuguesas fizeram estudar e praticar em todos os seus pormenores.

Capitanias e, mais longe, para o interior, num anseio de conquista para a civilização, a aliança com o índio; lançamento heróico até ao Amazonas, a essa Amazónia tão bem vista por Alexandre Gaspar Ferreira e que o Doutor Artur César Ferreira Reis, da Universidade Pontifícia de S. Paulo e do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazónia, ilustrou com a sua palavra fluente numa conferência efectuada na «Sociedade de Geografia de Lisboa», em Outubro de 1957, na Sala «Visconde de Santarém».

* * *

«O Brasil foi fruto do trabalho de uma raça, que cultivou o seu próprio linguajar, que desvendou o Mundo, que se tornou por todos os Sóis, que enrijou com as tempestades, e que se tornou, nas terras do planalto, o bandeirante que varejou os sertões, que fundou uma nova nacionalidade. A missão dos homens das entradas foi um dos capítulos mais valentes e ousados da história dos empreendimentos humanos.

O desbravador do planalto, ultrapassada a cordilheira, é quem marca, realmente, o início da tomada da civilização nas terras de Santa Cruz. Dominado o ambiente geofísico, conseguida a arte de domar o gentio, plantando o burgo, então, tudo se tornou campo aberto para o caldeamento ético, para o chamariz doutras correntes migratórias. Após a primeira fase da colonização, formou-se em S. Paulo um dos mais variados agrupamentos sociais de todo o Mundo, fazendo florescer sobre o extracto ibérico, um dos mais pujantes parques de indústria, de lavoura, de arte e de cultura que existe actualmente no globo e que é orgulho da gente BRASILEIRA.»

Tais foram, em resumo, as palavras duma «Mensagem» de Ademar de Barros aos portugueses residentes em S. Paulo, por intermédio do nosso prezado colega «Padrão».

* * *

Estabelecimento e penetração, não fizeram esquecer os nomes das localidades da Metrópole, da Mãe-Pátria inicial.

Alenquer, Bragança, Chaves, Aveiro, Oeiras, Caxias, Soure, Óbidos, Souzã, Porto de Moz, Viseu, Guimarães, Moura, Serpa. Barcelos, Tomar, Coimbra, etc., nada mais significam que a nostalgia das terras lindas de Portugal.

Corograficamente, o Brasil ficava ligado a Portugal!

Como o ficou pelo espírito dos seus intelectuais; como se encontra ligado mais e ainda mais, por este espírito admirável de intercâmbio moral e espiritual, que se verifica dia a dia, nas relações íntimas e superiores dos que chegam do Brasil a Portugal e de Portugal ao Brasil.

É um desvanecimento que não tem explicação literária, o encontro em Portugal, dum brasileiro com um português.

Significa ou sente-se qualquer amplexo de família que se encontrava distante há muitos anos e que neste momento nos visita.

Não há explicação para essa atracção, para esse delecto de espírito, que nos comove a nós, portugueses, quando nos aproximamos dum brasileiro nosso irmão!

Racialmente, compreende-se em parte! Mas há qualquer coisa mais, muito mais grandiosa, mais cheia de espiritualidade, que, nem as chancelarias, nem a própria Imprensa podem traduzir!

Antes da «Comunidade» oficial, a «Comunidade da Alma e do Coração» eram já um facto.

«Comunidades possíveis» poderão ser possíveis, mas nunca dentro dum espírito superior e divino, que uniu no Equador a Saudade lusiada, entrelaçando nos espaços a constelação da Ursa com a do Cruzeiro do Sul!

Rio e Lisboa, representantes oficiais das duas Pátrias, transformadas hoje numa Comunidade, beijam-se no Guanabara e no Tejo, com aquele Amor sincero e grande de dois irmãos queridos, benzidos nos seus sentimentos por Deus e protegidos pelo Filho Jesus Cristo, que os contempla do Corcovado e amanhã, dos montes de Almada, estabelecendo assim, um elo indissolúvel através o Atlântico!

ESTA É UMA VERDADEIRA COMUNIDADE!

Companhia Automotriz Brasileira

RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 4

BELÉM - PARÁ



*Sua Excelência Reverendíssima
Arcebispo-Bispo de Coimbra
Conde de Arganil - Alcaide-Mor
de Avô e Senhor de Coja*



*obre as duas Pátrias irmãs - Portugal e Brasil -
que, desde o primeiro dealbar da sua existência,
têm tido sempre a guiá-las e a aquecê-las o sol
insubstituível do Evangelho, imploro do coração
as melhores bênçãos de Deus.*

J. L. ... Arcebispo-Bispo de Coimbra



INCO FIGURAS

se erguem nos firmamentos maravilhosos de Portugal e Brasil

O INFANTE D. HENRIQUE

D. JOÃO II

JOÃO RAMALHO

PADRE MANUEL DA NÓBREGA

ANTÓNIO RAPOSO TAVARES

O PRIMEIRO, o orientador de Sagres, científico impulsionador das caravelas e naus, que saíram do Tejo, «irmão mais velho dos rios brasileiros na história das aventuras e das glórias que dignificam duas Pátria», nas palavras formosas de Plínio Salgado.

O SEGUNDO, o Rei-Estadista, firme, inteligente e audaz, que, escondendo muito, nos autoriza a dizer hoje, que foram os portugueses os primeiros a pisar terra americana.

O TERCEIRO, o homem que, no dizer de Plínio Salgado, «fez com que o génio imperial da raça lusitana se manifestasse na sua plenitude. O Brasil nascia da confraternização das raças, como a cidade do Salvador da aliança luso-tupi.»

O QUARTO, o primeiro missionário que fez conhecer na terra brasileira, praticamente, o valor dessa organização superior, que é a Companhia de Jesus, tornando-se credor de portugueses e brasileiros, da alta honra que foi prestada em Janeiro do ano 1954, na cidade de S. Paulo, cidade esta de que foi incontestavelmente o fundador!

O QUINTO, foi essa figura heróica e imensa, do bandeirante mais formidável, que conti-

nuou o espírito de D. João II com Tordesilhas, galgando quilómetros até aos Andes, essas montanhas donde se avista o grande oceano que banha a Austrália, outra glória muito nossa!

Nós fomos os legisladores marítimos do Mundo, glorificando o filho de Deus, simbolizado na Cruz encarnada das Caravelas!

Fomos o Portugal respeitado de 500 e 600, que, nem o período triste de 60 anos de pesadelo conseguiu dobrar!

Fomos o Portugal cristão que levou os missionários portugueses a essa obra grandiosa e bela de aproximação espiritual que, nem tempestades napoleónicas, nem lutas fratricidas abalarão nos alicerces!

Fomos o Portugal de ontem, e somos a Pátria de hoje:

RESPEITADA E ALEVANTADA!

Somos o país do mundo que, devido a luz irradiante do seu labor e da sua honestidade, mereceu a graça de Deus para os maiores cometimentos do Mundo donde sobressai sobre todos a Glória de termos feito um Brasil uno, indivisível, que é a garantia do presente e futuro grandioso desta Nação que já espanta o mundo pelo seu enorme progresso!

Uma grande iniciativa

«Duas Pátrias» está organizando um

ALBUM BIOGRÁFICO

«da Comunidade Luso-Brasileira»



A História constitui hoje uma Ciência. Dentro das suas modalidades, não pode desprezar a parte documental que, se muitas vezes, não representa elemento decisivo no julgamento de certos factos, como no caso dos «Descobrimientos Marítimos», contribui em certo ponto, para uma demonstração de actividades duma época que revelará aos vindouros, certos pormenores dignos de admiração.

Como seria interessante havermos vários «Albums» biográficos de todos os portugueses que procuraram o Brasil, desde o seu — para nós — primeiro desembarcado — João Ramalho?!

Tarefa que seria imensa, senão impossível, devido ao «estado» das épocas.

Como seria interessante organizar um «Album» biográfico de todos os que, sendo portugueses, se tornaram brasílicos, por amor à terra que os acolheu desvanecedoramente.

Encontramo-nos hoje, porém, em circunstâncias diferentes. A Civilização criando «responsabilidades e ordem», tornou possível o que, há mais de cinquenta anos, seria uma utopia.

A nossa Revista, portanto, tentará, dentro das possibilidades ao seu alcance e com os meios que a organização oficial lhe poderá facultar, fazer a apresentação dum «Album Biográfico» não só da Colónia Portuguesa no Brasil, mas também de todos os que se encontrem pelo seu sangue e pelo seu espírito, ligados intimamente à «Comunidade Luso-Brasileira».

Constituirá este «Album», no presente e no futuro, elemento interessantíssimo de consulta para a História, quadro de honra dos homens da «Comunidade», nos quais estarão incluídos os portugueses que decidiram contribuir com o seu esforço e com o seu espírito de aventura ancestral para a elevação ainda maior da Pátria Irmã que, na sua bandeira gloriosa, ostenta as palavras mágicas de «ORDEM E PROGRESSO»!

Assim pois, o «Album» referido ficará a atestar para a posteridade, os nomes dos que, na Pátria Brasileira,

lutam pelo bom nome do sangue e da alma portuguesa, contribuindo desta arte, para a grandeza do Brasil.

* * *

O «Album» em causa terá uma ordem especial; nem outra coisa seria possível para uma obra de tal importância.

A «ordem especial» citada, dirá respeito à discriminação dos portugueses por cada Estado, independentemente do que se referirá aos restantes componentes da «Comunidade».

Assim, fácil será uma consulta rápida, elemento hoje indispensável, elemento duma época de dinamismo, de velocidade e de decisões imediatas!

Como elemento de consulta presente e futura, torna-se desnecessário encarecer a magnitude de tal obra.

Este será como que uma «genealogia» simples, mas clara, o mais possível completa, dos portugueses laborando em terras do Brasil e dos componentes da «Comunidade».

Revelar e apresentar a Colónia Portuguesa em todos os seus aspectos e realidades, muitos dos quais desconhecidos ou mal conhecidos, é o intuito primacial deste trabalho que vamos iniciar.

Ele será, para uns, os que se encontram na Pátria Irmã, um elemento genealógico e de exemplo para os seus vindouros; para os seus parentes de Portugal, uma saudade impressa em letra de forma, autêntico tratado de vontade, de trabalho e de honra, que servirá de exemplo e de bússola para os que, em pensamento e em decisões futuras, procurem no outro lado do Atlântico uma vida melhor, com o fito decidido de colaborar no progresso do Brasil, o grande orgulho de Portugal, o extraordinário «PAÍS DO FUTURO»!

O «Album Biográfico da Comunidade Luso-Brasileira», será, decididamente, um elemento histórico de alto valor, a que lhe emprestará o maior carinho a Direcção da Revista Luso-Brasileira «Duas Pátrias», que tanto tem contribuído com a sua orientação documental para a «cimentação» do espírito e da alma lusíadas, de um e do outro lado do Atlântico.

GLÓRIA COMUM

SER PORTUGUÊS:

Significa passar o Equador, dobrar o Cabo da Boa Esperança, chegar às Índias, abrir as Portas do Pacífico, enfim, encher uma era de descobertas, de grandezas, de conquistas, de novos mundos.

SER PORTUGUÊS

é lavar a terra,
os mares,
batalhar,
sofrer,
descobrir,
povoar,
sorrir,
e cantar,

é construir um império imenso e na hora de desfalecer com o seu rei nos areais africanos, num pôr de sol encandecido de sangue e dor, de desesperança e de lágrimas, ressurgir na época fremente e audaz da Restauração, com novos generais, novos políticos e até novos reis. Ser português é ser forte, abnegado e trabalhador; é ser herói por todos os cantos da Terra e distâncias dos mares; é ser criador «de heróis anónimos e de santos plebeus e pobrezinhos que guardam ovelhas, semeiam terras, dormem nos eirados, e falam com os anjos»; é ser cândido, cristão, amoroso, meigo e melancólico, impregnado da natureza e de Deus; é ter sido o Condestável, o Infante descobridor, o Infante mártir, Nuno Gonçalves e Fernão Lopes, Bartolomeu Dias e D. João II, Gama e Camões, São Francisco Xavier e Cabral, Magalhães e Gil Vicente, Bernardim Ribeiro e soror Mariana, Pombal, D. João VI, Pedro I, Camona, Craveiro e Salazar; ser português é tudo isto.

SER BRASILEIRO:

Quer dizer tudo quanto é ser português, mais a descoberta e a colonização, a língua, a lei, a casa, a família, a sociedade, a religião, a pátria; enfim, o vosso, o nosso Brasil.

SER BRASILEIRO

é tudo isto e mais
as bandeiras,
a independência,
o império,
a República,

e este vasto país de quase cinquenta milhões, falando a língua portuguesa, crescendo e multiplicando-se na sua unidade portuguesa, enriquecendo a raça e a tradição portuguesas, profundamente cristão na sua maneira de ser e pacífico nas suas aspirações, dando a consciência da sua força e da sua grandeza, e, acima de tudo, irredutível em sua fidelidade a essas origens, amigo de todos os povos, mas filho de Portugal.

Esse movimento coordenador de nossa vida, latente em nossa raça e coerente em nossas histórias, já fez de Portugal um dos grandes povos da humanidade e constituiu para nós um penhor de que nada impedirá no mundo a crescente expansão e glória de nossos dois países.

SER PORTUGUÊS E BRASILEIRO

é viver as mesmas tradições e desenvolver as mesmas tendências e aspirações, é cumprir uma vocação incessantemente empenhada em criar e expandir as mesmas raízes e fontes de um destino inseparável.

«O amor entre nós cresceu em beleza, porque aumentou em liberdade. Amando-nos através das ondas, vencemos o espaço; amando-nos através da história vencemos o tempo. E, com a imortalidade desse amor,

venceremos a morte e o porvir», como disse um grande poeta português.

O Padre António Vieira afirmou que o mais antigo pregador que houve no mundo foi o céu, porque pregou a glória de Deus. Eu vos direi, cheio de unção e de reconhecimento, que o Brasil, como o céu, como os mares e como as terras, será um grande pregador, porque pregará pelos tempos afora a glória de Portugal.

OSVALDO ARANHA

O MÉDICO

por: PROF. DOUTOR ADELINO PADESCA

«Estarei à disposição de todos os Colegas lá no Brasil e disposto, como Presidente da República, a fomentar uma mais íntima colaboração entre Portugal e o Brasil no terreno da Medicina, o que será mais um elo entre os dois países.»

AFIRMAÇÃO FEITA PELO DR. JUSCELINO KUBITSCHK DE OLIVEIRA

PALAVRAS memoráveis foram estas, que remataram o belo improviso do Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, numa tarde de Janeiro do ano passado, ao visitar a Faculdade de Medicina de Lisboa e o Hospital de Santa Maria.

Todo o encanto pessoal que dimanou da sua eloquência foi feito da sinceridade com que abriu os recessos mais íntimos da sua espiritualidade e das suas recordações ao contacto com o ambiente propício: um agrupamento de médicos cultos e eruditos.

Quis falar duma maneira espontânea e, como disse, «com o coração nas mãos» porque era compreendido pelos seus colegas na medicina e a sua estrutura mental vibrava em unísono com a dos ouvintes. A sua excepcional capacidade de trabalho e as suas indomáveis energias acordaram precocemente na sua vida ao ter de enfrentar as terríveis consequências da sua orfandade paterna; veio a exercer clínica, e quando governava o Estado de Minas Gerais, logo criou postos de assistência e de saúde.

Em todas as suas palavras há o reflexo do íntimo orgulho de ser médico e a precisão natural de comunicar com outros cultores da mesma ciência. É com vigor que nos diz da urgência de levar profissionais da medicina às muitas cidades do interior, onde eles faltam, «num país do tamanho dum continente e onde as distâncias são imensas». É ainda com todo o fogo da sua oratória que nos desvenda o conhecimento exacto dos grandes problemas de saúde pública que há a resolver no Brasil.

Que mais seria preciso para pôr em foco a personalidade médica do Presidente Juscelino de Oliveira?

Desde remotas eras que a Medicina estendeu os seus processos aos males colectivos, muito além, pois, das locubrações inerentes à solução dos problemas clínicos, aliás, uns bastante singelos, outros particularmente intrincados.

A multiplicação dos conhecimentos e das técnicas modernas, ampliando a visão do médico, trouxe-lhe uma tal quantidade de dados positivos, que as soluções têm hoje que surgir mais ajustadas às realidades e muito mais límpidas que nos tempos em que só poderia contar com as suas faculdades pessoais de observa-



Prof. Doutor Adelino Padesca

ção e de dedução, criadas na educação dos sentidos.

Contudo é precisamente observando pelos mesmos prismas, adoptando os mesmos processos de estudo e de escolha de factos, empregando a mesma probidade elevada ao caracterizar e concluir sobre a significação dos fenómenos mórbidos que afectam a grei, que a me-

dicina ampliou humanamente as suas finalidades e as levou a vastos sectores de actividade, inclusive ao foro jurídico.

E, assim, ao contrário do que congemina aqueles que se confinaram em ambientes limitados e nos vêm falar de decadência, o âmbito da Medicina tem continuado a expandir-se nos tempos recentes, indo dar relevo às doenças de carácter social e profissional e às suas consequências sobre a invalidez e a inabilitação parcial de muitíssimos indivíduos fazendo aflorar assim problemas da época actual que preocupam os Governos de todos os povos civilizados, porque pesam temerosamente na economia das Nações.

A grande escola da vida, o vencer dos grandes obstáculos, a formação médica, a lucidez de espírito e até a robustez orgânica posta à prova no dinamismo das deslocações de propaganda da candidatura e da viagem aos países europeus, tudo se conjugou para dotar,

com particular felicidade e no momento histórico próprio, um grande e progressivo Povo, com uma notável figura de Presidente.

Finalmente encareçamos no Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira os seus altos destinos ao presidir com tão grande nobreza e do lado ocidental do mar Atlântico à exaltação dos factos que firmaram a Comunidade Luso-Brasileira, uma força crescente a tornar-se imensa e a pesar nos destinos do Mundo, num desdobramento de vastos territórios, que duas Pátrias com a mesma língua, a colaborarem intimamente em todos os terrenos e a completarem-se no agrupamento de poderes.

Chcio de beleza espiritual, necessária à civilização e à harmonia dos povos, a Comunidade Luso-Brasileira é em bloco, uma gigantesca realidade da latindade contemporânea.

ADELINO PADESCA

★ ★ ★ ★ ★

Curriculum vitae do Prof. Doutor Adelino Padesca

—O Dr. Adelino Padesca formou-se em Lisboa, onde nasceu, tendo muito novo concorrido aos Hospitais Cívicos (Hospital Real de S. José e Anexos), onde desempenhou os cargos de facultativo da Junta Consultiva e de assistente.

Simultaneamente foi nomeado chefe de clínica para a Propedêutica Médica, começando logo a tomar parte no ensino. Em 1911, com a abertura do Hospital de Santa Marta (Hospital das Clínicas Gerais e Especiais da Faculdade de Medicina), passou a Assistente da Clínica Médica, dirigida pelo Prof. Dr. Carlos Bello Moraes, de quem foi discípulo, lugar em que se manteve muitos anos e se preparou intensivamente para os Concursos, a que se apresentou. Estagiou durante algum tempo em Paris no serviço do Prof. Vaquez, em S. Antoine, passando depois à Inglaterra, onde trabalhou com Sir James Mackenzie no Mount Vernon Hospital e visitou o serviço de Thomas Lewis no London Hospital; por este tempo conheceu vários cardiologistas, depois célebres e também Pachon, fisiologista inventor dum conhecido aparelho de medição de pressão arterial.

Mediante concurso de provas públicas, alcançou o lugar de 1.º Assistente do grupo de cadeiras de Medicina Interna. Tendo sobrevivido a Guerra Mundial de 1914-1918, foi chamado a prestar serviço militar, tomando também parte intensiva na Clínica e tratamento de enorme quantidade de doentes atacados da pandemia universal de «gripe pneumónica».

Após a guerra foi professor ordinário de Propedêutica, cabendo-lhe a direcção do respectivo serviço clínico; mais tarde regeu um curso de doenças infecto-contagiosas no Hospital Curry Cabral e depois o de Clínica Terapêutica, uma

cadeira nova nos estudos médicos, cuja regência lhe foi entregue. Transferido, a seu pedido, para a cadeira de Patologia e Terapêutica Médicas, aí se conservou com a direcção simultânea da 1.ª Clínica Médica até à transferência da Faculdade de Medicina para as actuais instalações no moderno edifício do Hospital de Santa Maria.

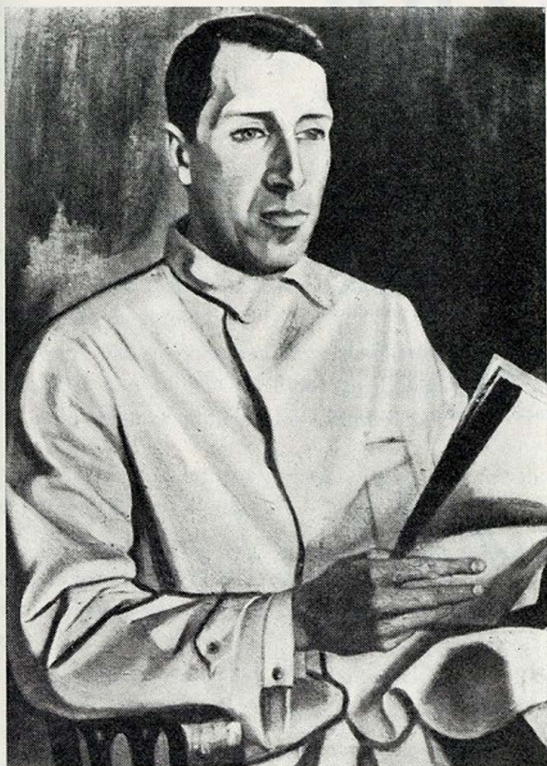
Desempenhou, entretanto, os cargos de Secretário da Faculdade de Medicina e de director do Hospital de Santa Marta. Foi vogal e mais tarde presidente do Conselho Médico Legal de Lisboa.

Também fez parte da Comissão Instaladora do novo e grandioso Hospital de Santa Maria, onde dirigiu o novo serviço de Patologia Médica, adstrito à respectiva cadeira, tendo sido recentemente louvado pelo Governo, pelo Ministério do Interior, em termos altamente honrosos, pelo desempenho destes serviços.

É sócio titular da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, onde desempenhou os cargos de 1.º Secretário, Secretário Geral Adjunto e de Presidente Adjunto; é também sócio da Sociedade Portuguesa de Cardiologia e actual Presidente da Sociedade Portuguesa de Alergia.

Publicou numerosos trabalhos, o último já neste ano de 1957 sobre «As doenças ganglionares e a estância hidro-climática do Estoril», uma conferência proferida na Sociedade Portuguesa de Hidrologia Médica.

Finalmente é o actual director do Centro de Lisboa, do Instituto Português de Reumatologia, instituição a que tem dado grande esforço e, pela qual, já tomou parte em vários Congressos no estrangeiro.



ESPECIAL PARA
«DUAS PÁTRIAS»

Prof. Doutor Barahona Fernandes

DIRECTOR DO HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

REENCONTRAR homens da sua Província, achar uma segunda Pátria, após um voo sobre o Atlântico — tal a experiência maravilhosa vivida no Brasil. Sentido eco para os próprios afectos e ideias, em sonhos de passadas aventuras, na simpatia e compreensão para novas formas de vida e de cultura, semeadas nesse outro mundo pelo sangue e pelo espírito universalista e humano dos portugueses.»

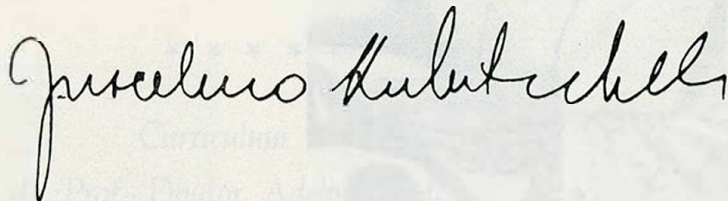
H. Barahona Fernandes

SE muitos são os factores que tornam inadiável a construção de Brasília, entre eles queremos salientar aqueles que entendem com o despovoamento do interior e com o desnível que se verifica na densidade demográfica das regiões habitadas do País.

Para tanto, bastará referir que dos oito milhões e quinhentos mil quilómetros quadrados do território nacional permanecem despovoados nada menos de seis milhões de quilómetros quadrados, enquanto a média da densidade demográfica atinge, na região litorânea, a 15 habitantes por quilómetro quadrado, mas é, no interior, de 0,5.

A interiorização da Capital Federal representa a concretização de um ideal que remonta aos tempos do Brasil colonial. Já no Império um estadista da visão de José Bonifácio agitava o problema, que veio a se impor também, com o advento da República, à atenção e zelo dos legisladores das três Constituintes, unânimes em ver nele um dos passos decisivos para os destinos da nossa Pátria. Não se tratava, já na República, de simples anseio: era uma realidade que se configurava através da inserção, na nossa Carta Magna, de um dispositivo que autorizava a transferência da Capital Federal. — dispositivo a que a Providência nos reservou o privilégio, mas também a grave responsabilidade, de dar vida e sentido prático e atuante, integrando na comunidade nacional extensas regiões até então abandonadas.

A mensagem que dirigimos ao Congresso Nacional, propondo as medidas consideradas indispensáveis para a construção da Capital Federal no centro do País, obteve dos ilustres representantes do povo brasileiro a mesma e patriótica unanimidade de opinião. A iniciativa do Governo representou, por conseguinte, o acto final de uma concentração de esforços e ideias em torno de uma aspiração nacional.



BRASÍLIA

NOVA CAPITAL FEDERAL

ACREREDITAMOS, a esta altura, que não se trata mais de saber se a interiorização da Capital do Brasil para o Planalto Central é ou não um facto consumado. Estamos diante de uma realidade e podemos parafrasear os antigos do tempo de César, afirmando que todos os caminhos vão dar a Brasília.

Caminhos de qualquer espécie, sejam os rigorosamente baseados na necessidade da criação de rotas que tomem a direcção Oeste, sejam os de natureza económica, em um País ainda incrustado no litoral, sejam os de ordem política tão essenciais quanto os primeiros, porque a administração far-se-á ausente das injunções partidárias. Não de todo ausentes, apressamo-nos em corrigir, mas a posição de Brasília oferece possibilidades de não sentir-se tão ao vivo o jôgo dos interesses na teia multiforme dos caprichos eleitorais.

Brasília está crescendo mais vertiginosamente que discursos, conferências e palavras em torno da sua grandeza. Haja vista as providências tomadas pela Directoria da NOVACAP; que a seguir publicamos, com o título «Brasília e as suas realizações»:

BRASILIA

E AS SUAS REALIZAÇÕES

— Já se iniciou a construção do Palácio do Congresso Nacional;

— em 1958 ficará concluído o Palácio residencial do Presidente da República;

— em 1958, também estarão concluídos o Palácio de Despacho e o edifício do Supremo Tribunal Federal;

— em 1960, os edifícios dos Ministérios.

Acrecentem-se outras informações sobre o andamento dos trabalhos em Brasília:

— o IPASE já está recebendo escrituras de duas quadras da cidade, nas quais erguerá dois conjuntos de 1.040 apartamentos destinados a parlamentares, magistrados, etc.

— a Fundação da Casa Popular concluirá em 1958 cerca de 500 residências;

— foi contratada a construção da usina hidroelétrica do Rio Paraná, com empresa norte-americana, sendo previsto o aproveitamento de 25.000 HP de força instalada, em Abril de 1959;

— acham-se contratados os estudos e projectos de

água e esgoto com a firma Escritório Técnico «Saturnino de Brito»;

— a rodovia Brasília-Anápolis será entregue ao tráfego, pavimentada, no primeiro trimestre de 1958;

— a rodovia Brasília-Cristalina-Paracatu-Três Marias em estudo;

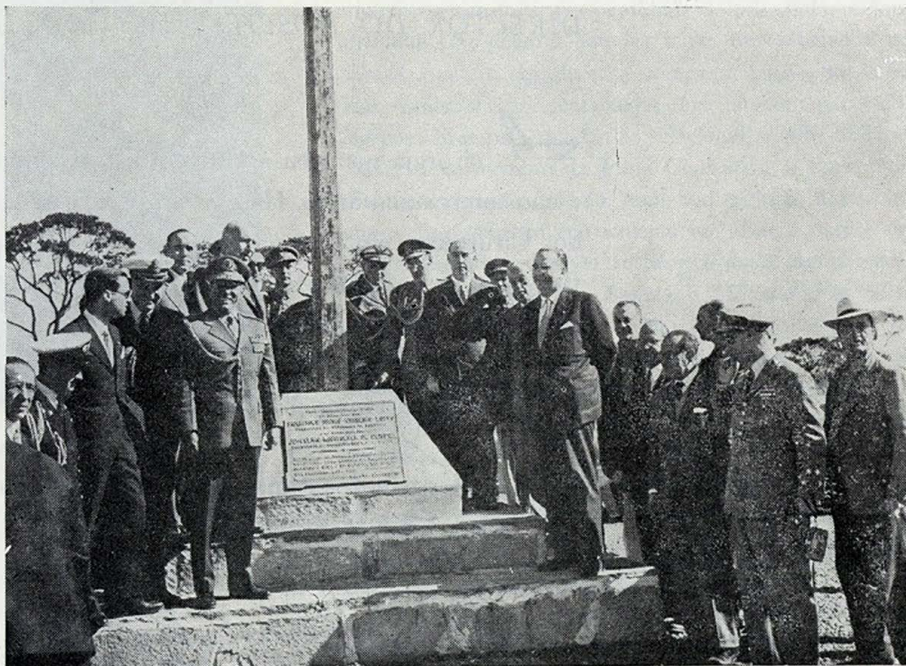
— a ferrovia Brasília-Pires do Rio, na E. F. Goiás, foi submetida a concorrência pública;

— o hotel de Brasília — primeiro e definitivo, com capacidade para 320 hóspedes, ficará pronto no primeiro semestre de 1958.

Eis, em resumo, o que de providências recentes tomou a NOVACAP com respeito à construção de Brasília. Aqui estão pois os factos à frente das palavras, as obras se antecipando às promessas, os acontecimentos em forma de estradas, edifícios e serviços urbanos antecedendo discursos.

Brasília está nascendo sob o signo de um trabalho racional, muito diferente do empirismo brasileiro. E só este registro sublinha a crença na interiorização da nova Capital, marco de uma era histórica para o Brasil.

O Senhor General Craveiro Lopes após o desceramento da lápide que comemora a sua visita, como primeiro Chefe de Estado estrangeiro, à futura capital do Brasil: Brasília





Prof. Doutor FRANCISCO GENTIL

DIRECTOR DO HOSPITAL DE ONCOLOGIA DE LISBOA

A cirurgia mereceu a Hipócrates ser considerada como «A Arte» e não como «uma arte». Há vinte e quatro anos, no Colégio Americano dos Cirurgiões, em Chicago, foi-lhe dada a designação de «Queen of the Arts» e — Lord Moynihan — «artista em cirurgia» disse, na oração a Murphy: «nenhuma arte tem o valor quase sagrado da que realiza o cirurgião no corpo humano.» Assim é para a Escola Brasileira, e os seus representantes praticam a técnica operatória como «uma arte divina».

À ambição de se aproximar dessa realidade consagra cada um de nós toda a sua vida profissional.»

Prof. Doutor MARCELO CAETANO

Ministro da Presidência



Prof. Doutor Marcelo Caetano
Ministro da Presidência

O Sr. Prof. Doutor Marcelo Caetano terminou o seu curso de Direito em 1927, doutorou-se em 1931 e foi nomeado professor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, em 1933.

Em 1929 foi nomeado auditor jurídico do Ministério das Finanças, lugar que desempenhou até 1934. Esclarecido e entusiástico doutrinador do sistema corporativo, professor catedrático de Direito Administrativo, elaborou o Código Administrativo vigente e o Estatuto dos distritos autónomos das Ilhas Adjacentes.

Em missão oficial, visitou em 1935 as províncias ultramarinas de Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe e Angola; desempenhou importantes missões no estrangeiro e em Agosto de 1940 assumiu o cargo de comissário nacional da Mocidade Portuguesa, lugar em que marcou a sua forte personalidade de orientador e doutrinador. No mesmo ano fez parte da embaixada ao Brasil, que foi agradecer a comparticipação brasileira nas comemorações centenárias. Fez também parte dos corpos directivos da União Nacional, desde 1932 a 1947, como membro da Junta Consultiva, e Executiva. Em Setembro de 1944 foi nomeado ministro das Colónias, em momento particularmente difícil, cargo em que desenvolveu notável acção, visitando, nessa qualidade, as províncias de Angola e Moçambique, onde promulgou importantes medidas e recebeu as mais significativas homenagens, como intelectual de grande envergadura e como político amplamente esclarecido. Revelando a sua capacidade não só como professor catedrático mas também nas múltiplas missões que lhe foram confiadas e como político experimentado, o Sr. Professor Marcelo Caetano é autor de numerosos trabalhos científicos e de investigação histórica, especialmente no campo do Direito Administrativo.

Antes da sua investidura para o Ministério da Presidência, era Presidente da Câmara Corporativa.

A MISSÃO CONSULAR

É evidente que aos Cônsules lhes deve estar determinada uma missão especial, complemento do que aprenderam nos Cursos Superiores, missão essa que se tornará mais ou menos brilhante, conforme a maneira de actuar psicologicamente.

De resto, o factor psicológico é parte integrante do «bom êxito», atingindo, por vezes, proporções nunca imaginadas, se bem, que calculadas para um certo número de possibilidades.

Depende, quase sempre, da maneira de agir, da orientação dada a um consulado, o estado de espírito dos nacionais seus «dependentes», estado de espírito esse, que se reflecte nas suas acções morais e sociais.

Assim, o Cônsul, independentemente das obrigações officiais a que tem de obedecer, deve ser um guia, um amigo, um ponto «firme» de apoio dos seus compatriotas ou dos que se devem servir da sua protecção.

E referimo-nos aos «*que se devem servir da sua protecção*», porque casos há, em que a representação dum País, é concedida a cidadãos estrangeiros.

Mas a acção psicológica dum representante diplomático consular, não se deve cifrar somente à protecção dos seus nacionais, ou ao que acima referimos.

O prestígio do Cônsul, reflectindo-se no País que representa, deve procurar mesmo, fora do «ambiente» citado, um outro clima; o «clima» de atracção dos estrangeiros a que, porventura possa comunicar um aceno de simpatia, um acto de delicadeza, um sinal de atracção.

* * *

As palavras que escrevemos podem ser applicadas, o que fazemos com desvanecimento, ao Cônsul dos Estados Unidos da América do Norte no Pará, Mr. Colman que, devido à sua acção especial, criou à sua volta um ambiente de simpatia extraordinária.

O Cônsul da grande democracia americana, tem reunido com frequência no seu magnífico palácio, os nacionais da U. S. A. e outros elementos estrangeiros, proporcionando-lhes agradáveis passatempos, criando deste modo uma atmosfera de simpatia pela grande potência do Norte América, reflexo immediato da sua simpatia especial.

E uma prova do seu modo de agir, está no facto de, tendo tido conhecimento da nossa presença no Pará, nos ter convidado gentilmente para um brilhante «*cocktail*», gentileza essa que culminou por ter sido dado em nossa honra.

Teve o «*cocktail*», dentro da alegria natural do ambiente, um grande motivo de satisfação para nós.

É que o referido Cônsul declarou que não podia esquecer Portugal, onde havia exercido igualmente funções officiais, funções estas que se tornaram extraordinariamente agradáveis pelo contacto amigo com os portugueses do lado oriental do Atlântico e pelas deferências recebidas, espontâneas manifestações dos lusitanos pela grande Nação Americana.

Evidentemente que, diplomatas como o referido, existem felizmente em determinado número. E são estes os que elevam a simpatia pelos seus países a um grau ilimitado, a ponto dos jornalistas sentirem a necessidade moral de relatarem, como nós, a lhanesa da sua actualção.

Na verdade, a acção consular deve revestir-se, independentemente das suas normas officiais, mesmo que rígidas, duma latitude de facilidades — dentro do possível — que tornem a sua acção simpática.

Infelizmente — e isto succede em alguns casos — e podemos dizer algo sobre o assunto — nem sempre o modo de proceder dalguns representantes diplomáticos consulares, possui as qualidades que, gostosamente, apontamos ao ilustre Cônsul da U. S. A. no Pará.

Há, como aliás em certas repartições nacionais e estrangeiras, indivíduos que põem entraves e dificuldades a tudo. Parece possuírem o prazer sádico da confusão e das complicações!

Em vez de facilitarem, dificultam.

O cumprimento dum dever, não implica rigorismo excessivo, pois que dentro desse dever, existem «latitudes» que podem ser observadas, sem quebra dos princípios estabelecidos.

A «complicação» cria desespero e desordem nos espíritos.

A indiferença e o desrespeito que mostram pelos cidadãos que os procuram gera más vontades e faz criar o espírito de queixa.

Um Cônsul que assim procede é um «padastro mau» da colónia que se encontra a seu cargo.

E disto, resulta um mal-estar que se reflecte nos «nacionais» em todos os sectores de actividade da colónia, pois encaram-no, no todo ou em grande parte, um péssimo elemento de prestígio para a Nação a que pertence.

É muito mais de agrado para «nacionais e estrangeiros» louvar atitudes como a do ilustre consul Mr. Colman da U. S. A. no Pará, que sempre está pronto a atender e auxiliar quem o procura.

É essa a verdadeira missão consular.

Dr. ANTÓNIO LEITE DE FARIA

Ilustre Embaixador de Portugal no Brasil



Dr. António Leite de Faria

A figura do ilustre diplomata, escolhido para o alto cargo de representante de Portugal no Brasil, é das mais distintas, seleccionada pelo Governo de Salazar.

Os altos dirigentes das nações, não enviam para determinadas missões diplomáticas, missões de categoria, onde o espírito e a responsabilidade especial imperam, senão funcionários que possam, pelo seu passado magnífico e pelo conhecimento e determinado prestígio, bem representar os governos dessas nações.

O «curriculum vitae» do Doutor António de Faria é extenso e brilhante.

Dentre as suas numerosas actividades, extrairemos — e perdoem-nos qualquer omissão importante — o seguinte:

Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa, foi, em seguida, adido de legação na Secretaria Portuguesa da «Sociedade das Nações». Em 2 de Setembro de 1929, encontramos-lo como Secretário da Delegação Portuguesa à 10.ª Assembleia da citada Sociedade. Em seguida vemos-lo na Conferência de Codificação do Direito Internacional da Haia (1930). Em Abril de 1931, a Embaixada no Rio de Janeiro conta-no como seu Secretário de Legação.

Representante do Governo Português nas festas comemorativas da fundação da Capitania de S. Vicente (Santos), o Doutor António de Faria aparece-nos na Legação de Paris em 1933, na Legação de Bruxelas no mesmo ano, delegado interino do Ministério dos Negócios Estrangeiros no Conselho Nacional do Ar, na Embaixada em Londres (1936), etc.

E o seu nome prestigioso surge sempre em comissões e cargos delicadíssimos, como na Comissão Internacional de não Intervenção na Guerra Civil de Espanha; Conferência Internacional da Cruz Vermelha, Conselheiro de legação na Embaixada em Londres (1939); Encarregado de negócios (interino) em Londres (1944-45), depois do seu brilhante concurso para Ministro Plenipotenciário. Seguidamente, em 1945, o Doutor António de Faria aparece-nos como Ministro Plenipotenciário junto dos governos da Holanda, Noruega e Polónia (em Londres), tendo sido encarregado de apresentar várias credenciais.

Por várias vezes delegado à Assembleia da Sociedade das Nações, o ilustre diplomata fez parte dos membros do Júri dos Concursos para Ministros Plenipotenciários, conselheiros de legação, etc.

Foi Director-Geral dos Negócios Políticos e da Administração Interna (1947).

Por ocasião do «Pacto do Atlântico», acompanhou a Washington S. Ex.ª o Ministro dos Negócios Estrangeiros.

Surge então (1950) como Embaixador no Rio de Janeiro e signatário do «Tratado de Amizade e Cultura», entre Portugal e Brasil (1953), cargos estes devidos à sua experiência, à sua carreira brilhantíssima e ao seu nunca desmentido amor ao Brasil.

Foi, decerto a experiência imensa do ilustre diplomata, o espírito votado ao serviço das duas Pátrias, que contribuiu poderosamente com o seu prestígio para a resolução dos mais difíceis problemas; e para que a viagem do Presidente da República Portuguesa ao Brasil, constituísse a grandiosidade de que se revestiu e que todo o país irmão unissonamente acompanhou em apoteose.

São destes Embaixadores do espírito lusitano que Portugal se impõe ao conceito mundial.



Alice Ogando

S. FRANCISCO

*O mar abriu-me os braços com carinho
e disse-me, sorrindo: «Vem d'ahi.
Há no lado de lá certo cantinho
que me deu um recado para ti».*

*«Vem sem receio, fica tão pertinho...
A natureza inteira te sorri.
Enchendo de alegria o teu caminho
hás-de escutar a voz do BEM-TE-VI».*

*Eu puz-me a caminhar como quem espera
um beijo quente e bom da primavera
e agradecei, sorrindo, ao mar gentil.*

*E fui, n'uma alegria sem igual,
um pedaço encontrar, de Portugal,
no coração ardente do Brasil.*

ALICE OGANDO

(Inédito)

DR. NUNO SIMÕES

Grande paladino da aproximação Luso-Brasileira, ao qual as duas Pátrias enaltecem o seu alto valor, tendo sido galardoado pelo Brasil com a Comenda de Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul, como reconhecimento da sua acção elevadamente patriótica.



DR. NUNO SIMÕES
Antigo Ministro

«Que é a eloquência? a acção, a acção, e depois ainda a acção.

(Demóstenes)

Nuno Simões é a acção, sempre a acção; portanto, é eloquente.

A sua eloquência é conhecida no Brasil, que nele conta um grande, extraordinário Amigo!

Embaixador espiritual dos portugueses, tem, mesmo entre adversários políticos, grandes admiradores.

Assim nos foi afirmado pessoalmente pelo ilustre Comendador Doutor Sousa Batista.

Este é um caso; mas eles são tantos, tantos, que seria impossível enumerar.

Onde está Nuno Simões, aparece um amigo! Assis Chateaubriand, Neves da Fontora, Marcondes Filho, Banqueiro Sarda, Comendador Brenha da Fontoura, Comendador Sousa Nunes, Ricardo Seabra, Pereira de Queiroz, etc., etc, pléiade imensa de homens ilustres, amigos, verdadeiramente amigos e admiradores.

Sabemos que não há brasileiro ilustre que, ido a Portugal, não procure o vulto prestigioso de Nuno Simões, verdadeiro cultor da amizade Luso-brasileira.

Tão grande tem sido a sua acção, tão importante o seu prestígio nas relações entre portugueses e brasileiros, que o governo da gloriosa Nação Irmã, o condecorou com a Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul.

Sem contestação, é o português que melhor conhece os problemas portugueses no Brasil; por isto mesmo, dum modo geral, as grandes iniciativas da Colónia têm nele um grande defensor, sempre com os olhos postos nos interesses da Pátria.

O Doutor Nuno Simões encontra-se sempre presente, umas vezes pessoalmente, outras por representação, em qualquer acto que, ilustrando o Brasil, dignifique Portugal.

A sua íntima amizade com ilustres estadistas do Brasil, tem aumentado em muito, o prestígio de Portugal; e, de tal ordem, que muitas realidades de hoje e próximas, são consequência da sua alta valia, a qual, um dia revelada, poderá estabelecer uma admiração imensa no País que ele tão bem tem servido, apesar de, muitas vezes, tão mal compreendido.

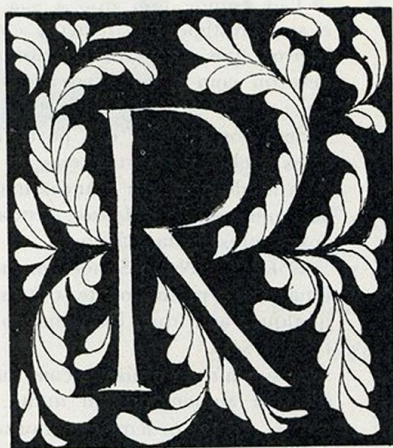
Há cerca de dois anos esteve no Brasil.

As homenagens da Colónia Portuguesa ao Doutor Nuno Simões e as referências elogiosas dos jornais à sua personalidade, nada mais foram que a representação prática do que a colónia lusitana reconhece nele e que não deixa de afirmar.

Há, segundo se depreende da atmosfera criada pela figura prestigiosa de Nuno Simões, um desejo imenso de que o ilustre homem se estabeleça definitivamente em Terras de Vera Cruz, desejo de brasileiros e de portugueses do Brasil.

A efectivar-se tal caso, cremos que Portugal e Brasil muito terão a lucrar, ambas as nações atlânticas terão consubstanciado numa só pessoa o idealismo comum, dos povos irmãos devido ao conhecimento perfeito que tem das dificuldades presentes que impedem que a Comunidade Luso-Brasileira seja uma realidade efectiva, e que essa REALIDADE seja de facto, um FACTO.

AGRADECIMENTO ÀS MÃES PORTUGUESAS



ENDEMOS às mães portuguesas solene e comovido agradecimento. Pagaram elas desde a descoberta até hoje, em aflições, em lágrimas, em dores, em saudades, o mais alto tributo pela criação e formação do Brasil.

Deus sabe o que custou e o que custa até os dias presentes este grande filho americano às denodadas criaturas que viram e vêm partir em caravelas, em naves antigas e modernas, os filhos, os maridos, os irmãos que plantaram um dia nesta terra a Cruz de Cristo e têm vindo nela viver uma grande epopeia de trabalho e civilização.

Não foi em vão que tanto penaram saudades as filhas do Luso, desde a descoberta do Brasil até aos dias actuais.

«Mães, esposas, irmãs, que o temeroso amor desconfia»

nas expressões de Camões, não semearam as suas sementes em terra ingrata. As lágrimas com que foram lamentados os ausentes, os que para o Brasil partiram, floresceram e frutificaram neste amor tão intenso, que estamos testemunhando.

Trecho do discurso do Presidente Kubitschek de Oliveira, no banquete em sua honra, oferecido pelo Senhor General Craveiro Lopes, no Palácio das Laranjeiras no Rio de Janeiro.

ESPECIAL PARA
«DUAS PÁTRIAS»

Eu não acredito nas palavras que se não traduzem em factos. Que existe uma intensa afinidade entre Brasil e Portugal, isso é incontestável. Basta considerar a língua comum e a língua é a mais alta expressão de solidariedade entre dois povos. O estado emocional de Portugal em relação ao Brasil esse conheço eu e experimento directamente na minha sensibilidade. Quando veio a Lisboa o presidente Café Filho eu assisti a uma crise de emoção, de entusiasmo, de histerismo duma população inteira. Por mim só posso dizer que SONHO — literalmente sonho — com o Brasil, com o Rio, com a Guanabara, com a Baía e tenho muita pena de não conhecer isso directamente.

Se no Brasil houver uma coisa semelhante em relação a nós ela traduzir-se-há em factos de tal forma concludentes que Portugal, europeu e ultramarino, juntos ao Brasil, será — seremos — uma das maiores forças do Mundo futuro e actual.



DOUTOR RAMADA CURTO
Advogado - Antigo Ministro e Deputado - Ilustre Dramaturgo
e Jornalista distintíssimo

A revista Duas Pátrias, desde o seu
aspecto físico até ao seu conteúdo,
~~é~~ corresponde ao grande
oculto que brilha e brava quem tem
a utilidade de a publicar

Ramada Curto



Major - Brigadeiro

Armando Sousa Ararigboia

CHEFE DO ESTADO MAIOR DA AERONÁUTICA

A Revista «Duas Pátrias» tem sabido manter em alto nível espiritual o sentimento fraterno e amigo que liga portugueses e brasileiros, e tem sido um vínculo a mais nos laços de estima e compreensão que unem as nossas duas Grandes Pátrias, formadoras que são de uma só Comunidade.

A vinda do Presidente Craveiro Lopes ao Brasil selou definitivamente este sentimento, e assim bem o provou a apoteótica recepção em todos os recantos da Terra de Santa Cruz por ele visitados.

Jamais o Brasil acolheu com tanto calor e tal entusiasmo o Chefe de Estado de qualquer outra nação amiga.

*Maj Brigº Armando S. M. Ararigboia
Chefe do Estado Maior da Aeronáutica*

O major-brigadeiro Armando de Sousa e Melo Ararigboia nasceu em Santa Catarina, a 24 de Abril de 1898, entrando para o Exército a 25 de Junho de 1915. A 30 de Dezembro de 1919 foi declarado Aspirante-a-oficial e, a 15 de Abril de 1920 foi promovido ao posto de 2.º Tenente. Por decreto assinado em 7 de Maio de 1921 atingiu o posto de 1.º Tenente, sendo promovido a Capitão a 23 de Janeiro de 1926. A 15 de Novembro de 1927 foi transferido para a aviação e, em virtude de decreto assinado a 10 de Abril de 1930 foi promovido, por merecimento, ao posto de Major e ao posto de Tenente-coronel no dia 2 de Agosto de 1934. Com a criação do Ministério da Aeronáutica foi transferido para este a 20 de Janeiro de 1941, atingindo a 20 de Dezembro do mesmo ano, o posto de Coronel aviador. Por decreto de 10 de Outubro de 1945 chegou ao generalato quando foi promovido ao posto de Brigadeiro-do Ar, sendo promovido ao de Major-brigadeiro a 18 de Setembro de 1951.

Comandante do Destacamento de Aviação (Santa Maria) — Rio Grande do Sul, Instrutor da Escola de Aviação Militar, Chefe de Divisão da Directoria de Aviação Militar, Chefe de Gabinete da Directoria de Aeronáutica do Exército, Oficial de Gabinete e Sub-Chefe do Gabinete do Ministro da Guerra, Comandante da Escola de Aeronáutica, Adido Aeronáutico junto à Embaixada do Brasil em Washington, Sub-Chefe do Estado-Maior, Director Geral do Pessoal, Comandante da 4.ª Zona Aérea (São Paulo), Comandante da 3.ª Zona Aérea (Rio), Comandante da Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica, Chefe do Estado-Maior da Aeronáutica, pela segunda vez, e Ministro interino da Aeronáutica em 1957.



GENERAL

Humberto Delgado

DIRECTOR DA AERONÁUTICA
CIVIL DE PORTUGAL

A aviação portuguesa conta, entre os seus valorosos generais, com uma figura ilustre, a todos os títulos: o GENERAL HUMBERTO DELGADO.

A Revista «Duas Pátrias» teve a honra subida de contar com a sua colaboração valiosa no número dedicado a «Santos-Dumont» e que ilustrou em mérito as suas páginas.

O Sr. General Humberto Delgado desempenhou em Washington, como chefe da Missão Militar Portuguesa, um papel notabilíssimo e de alto prestígio para Portugal.

E tanto bastou, para que as altas esferas da Nação, reconhecendo as qualidades extraordinárias desse homem de acção, representante dos portugueses «dantes quebrar que torcer», «homem dum só rosto e duma só fé», o nomeassem para o alto cargo de Director da Aeronáutica Civil Portuguesa.

O prestígio internacional do General Humberto Delgado, constituiu uma honra para Portugal.

Componente, em tempo, da pléiade de jovens que ilustraram a incipiente aviação portuguesa, ele bem pode enfileirar nos pioneiros das «asas de Portugal», de que o Comandante ilustre José Cabral, alma boa de português de lei, foi guarda-avanzada, como primeiro piloto de transportes públicos, facto reconhecido no banquete que lhe foi oferecido nos Estados Unidos, em conjunto com os pioneiros da aviação de outras Nações, conforme se pode verificar na gravura que, acerca desse acto, publicamos.

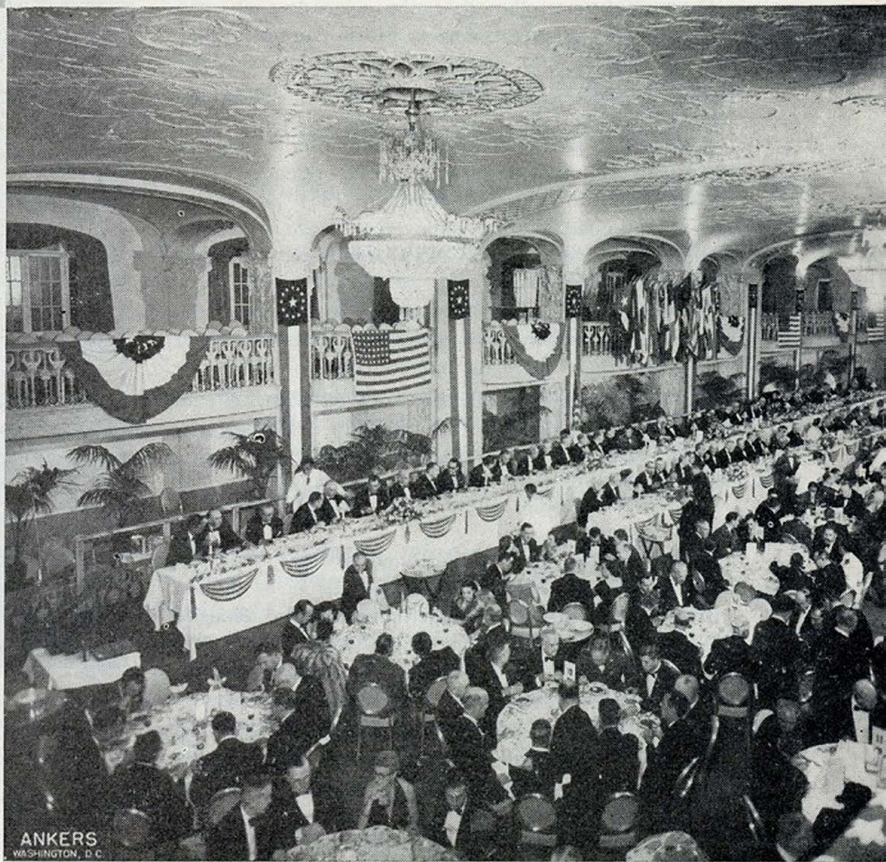
«Duas Pátrias» orgulha-se de ter entre os seus colaboradores, as duas figuras distintíssimas da Aviação Portuguesa.

A «National Aeronautic Association of the U. S. A.», prestou homenagem aos pioneiros do ar, num jantar que lhes foi oferecido no hotel Mayflower. A essa homenagem compareceram os «pioneiros» da Bélgica, Canadá, França, Alemanha, Inglaterra, México, Holanda e Estados Unidos da América do Norte, glórias da Aviação Mundial.

A «Comunidade Luso-Brasileira» fez-se representar: pelo Brasil, o Brigadeiro Newton Braga, Dr. César Grilo, Major Brigadeiro António Guedes Muniz e José Garcia de Sousa; por Portugal, o glorioso aviador Comandante José Cabral.

O «Committee on Arrangements» era constituído pelo grande herói, o Rear-admiral Richard Byrd, pelo Major Brigadeiro Lester Gardner, por Grover Loening e pelo Dr. John F. Victory.

Na gravura, encontra-se o representante de Portugal, Comandante José Cabral, o décimo primeiro a partir da esquerda, na mesa de honra.



CANTORA

Ângela Maria

FALAR de Abelim Maria da Cunha, cujo nome artístico é simplesmente Ângela Maria, a menina nascida em «Conceição de Macabu» (Estado do Rio de Janeiro) é citar uma extraordinária cantora da Rádio e da Televisão.

Simpatiquíssima, olhos de sonho como de sonho são os seus anseios artísticos, Ângela Maria comunica, pela sua voz e pelas suas expressões, um fluído magnético às pessoas que têm o prazer de a ouvir e de a contemplar.

Não admira pois que os seus rádiouvintes e os que a vêem pela Televisão anseiem pela sua presença.

Desde o início da sua carreira, em 1951, os sucessos são a continuação dum valor reconhecido e sempre aumentado, a que as «gravações» emprestaram solidez presente e futura.

«Orgulho», «Adeus Querido», Vida de Bailarina», «Teu», «Mentindo», «Abandono», «Mamãe», «Não tem você nem eu»; ficam nas «discotecas» brasileiras e portuguesas, como elementos agradabilíssimos de tal categoria, que já pertencem ao domínio público.

Admiração pois, que esta notável artista fosse proclamada «Rainha da Rádio»?

As nossas palavras acima, justificam plenamente a eleição referida.

Ângela Maria, no seu desbobinar artístico, pelo seu nome clamoroso, tem sido intérprete de vários filmes.

Actualmente, a sua ficha pertence a várias estações da Rádio e da T. V.

Os Estados do Brasil reclamam-na constantemente; por isto mesmo, não tem um momento de sossego, viajando sempre... e *Montevideo* e *Punto del Este* tiveram já o contentamento de admirar a sua beleza, complemento dos seus atributos artísticos e do seu trato pessoal e encantador.

Portugal muito em breve terá o prazer de a ter como hóspede.

O seu valor foi posto mais uma vez em foco, quando da visita do Senhor General Craveiro Lopes, ilustre Presidente da República Portuguesa ao Brasil, constituindo uma das atracções mais sugestivas do programa de recepção ao Chefe do Estado Português.



«Duas Pátrias», mantendo um princípio que se impôs, só excepcionalmente fala de artistas.

Hoje, porque se trata de Ângela Maria, uma «Rainha de Rádio do Brasil», apresenta uma excepção.

A justificação do seu modo de proceder, encontra-se no decorrer deste pequeno artigo não solicitado, mas escrito espontaneamente.

Quando, neste mundo de mediocridades, se exaltam virtudes e valores, que não existem na realidade, bom é que, aqueles que são parcos em elogios, coloquem os valores sérios nos seus devidos lugares.

DUAS PÁTRIAS

*P*ODERÍAMOS considerar lisonjeiro — modestamente — o acolhimento que a nossa Revista tem tido da parte, não só das entidades oficiais, mas também do comércio e indústria inteligentes e do público em geral.

Qualquer das «falanges» apresentadas, compreendeu bem — muito bem — o alcance imenso do que nos propusemos.

A Revista «Duas Pátrias» constitui, assim o julgamos, nos seus números especiais, um repositório de grande categoria para a História das relações luso-brasileiras. De futuro, cada um dos seus exemplares terá um alto valor como documentação histórico-bibliográfica.

Cada volume da nossa Revista é um repositório que será guardado ciosamente pelos presentes e agradecida pelos vindouros.

Caracteristicamente diferente de todas as demais Revistas, pelo seu conteúdo, assim tem sido apreciada pelos mais ilustres ornamentos da intelectualidade e política de Portugal e Brasil.

Naturalmente, «et pour cause», a colaboração dos Chefes do Estado, tem marcado lugar primordial, como por exemplo, os autógrafos dos Doutores Café Filho, Nereu Ramos e Juscelino Kubitschek de Oliveira, ilustres Presidentes da República Irmã.

O Clero, força poderosíssima e compreensiva, tem-nos honrado sobremaneira. E assim, as nossas páginas têm sido iluminadas com o clarão imenso das penas do Cardeal Mota, Arcebispo de S. Paulo; do Cardeal Câmara, do Rio de Janeiro; do Cardeal D. Augusto da Silva, da Baía; do Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa; do Cardeal de Lourenço Marques, D. Teodósio de Gouveia; Bispos do Porto, Aveiro, Leiria, Braga e Coimbra, etc.

Seria um «nunca acabar» de citações dos intelectuais e políticos consideradíssimos que, «sentindo» bem a importância da obra, distinguem com os seus pareceres autográficos os volumes de História publicados e a publicar que, em hora feliz, entendemos denominar Revista-Documentário «Duas Patrias».

Nomes?

Ao acaso, sem melindre para outros cujos nomes e valor são iguais aos que vamos citar:

General Juarez Távora; Engenheiro Lucas Garcez; Doutor Ademar de Barros; Dr. Pedro Calmón; Dr. Neves da Foutoura; Dr. Gustavo Barroso; Gilberto Freire; Janio Quadro; Almirante Américo Tomás (Ministro da Marinha de Portugal); Doutores Maximino Correia (Reitor da Universidade de Coimbra), José Gabriel Pinto Coelho (Reitor da Universidade de Lisboa), Adelino de Palma Carlos (Bastonário da Ordem dos Advogados); Doutores Caeiro da

Mata, Júlio Dantas, Augusto de Castro, João de Barros, Joaquim Manso, Avelino Gonçalves, Correia Marques, Adelino Padesca, Amorim Girão... a lista seria imensa e brilhante!

E como se isto não bastasse, a série continua, pensando nós que poucos valores — valores grandes — ficarão por inscrever as suas opiniões no nosso Documentário magnífico, que, repetimos, constituirá uma obra de alta categoria bibliográfica no futuro e que já o é, no presente.

* * *

Santos-Dumont, figura extraordinária da aviação brasileira foi por nós consagrado. Como o temos feito, e faremos sempre, procurámos que, ao farol imenso da aviação mundial, correspondessem as homenagens das figuras mais distintas e idóneas das aviações brasileira e portuguesa.

O General Henrique Fleiuss, ilustre Ministro da Aviação Brasileira, honrou-nos com o seu autógrafo.

E, como resposta lusiada quis a aviação portuguesa pela pena dos seus nomes mais ilustres e categorizados, bombardear com o seu entusiasmo e admiração, a figura prestigiosa do Homem que, elevando-se em «Bagatelle» demonstrou a possibilidade futura do que hoje verificamos, mesmo ultrapassando em muito o pensamento de Santos-Dumont e dos sábios do seu tempo, que, não poderiam prever velocidades ultra-sónicas!...

Poderíamos inscrever na «Ordem do Dia»: «A aviação portuguesa cumpriu o seu dever». S. Ex.^a o Senhor Subsecretário de Estado da Aeronáutica Portuguesa; General Humberto Delgado, actual Director Geral da Aviação Civil; General Costa Macedo, Chefe do Estado-Maior das Forças Aéreas; General Deslandes, Comandante das Forças Aéreas Operacionais; General Sintra; General Humberto Cruz; Capitão de Mar-e-Guerra Newton da Fonseca, Presidente do Club Militar Naval; Coronel Pinheiro Correia, Presidente do Aero Club de Portugal, e tantos outros ilustres aviadores portugueses que tomaram parte no «Raid» por nós concebido, numa colaboração estreita e brilhante.

* * *

De colaboração luso-brasileira é a nossa Revista. Não compete a nós, que escrevemos do lado oriental do Atlântico descrever o esforço e outras qualidades que temos posto em acção, para tornar «Duas Pátrias» digna de apreço mundial. Mas seja-nos lícito indicar, a brilhantíssima actuação da nossa Directora-Delegada no Brasil, D. Dolores Montenegro Matias, que, na parte ocidental do Atlântico, tem desenvolvido e contribuído poderosamente para o êxito que temos disfrutado.

* * *

Contamos, em breve, iniciar a publicação mensal, de «Duas Pátrias» independentemente dos números especiais documentários.

Esta publicação ajudará a vincular ainda mais os laços existentes entre Portugal e Brasil.

Porta-voz de todo o «Movimento» luso-brasileiro, decerto será acolhida com entusiasmo a publicação do Album Biográfico da Colónia Portuguesa do Brasil. Este album será o testemunho cultural e económico do Mundo Português na Nação Irmã, ele será o testemunho vivo, aliciente do valor e patriotismo desses portugueses, de todas as camadas sociais, que se acolheram a essa terra bendita que criámos, com o nosso esforço e muita saudade, que ajudámos a florescer em riqueza, contribuindo ininterruptamente para o seu engrandecimento, mostrando ainda a sua contribuição generosa de seus filhos nascidos no Brasil, serem os prestantes e ativos cidadãos brasileiros, que sem menosprezar as outras raças que se fixaram em território brasileiro, são testemunho vivo da continuidade de um povo que mais ama a Terra de Santa Cruz.

Tudo este album demonstrará, e estamos certos que, ele será o livro de ouro, a bíblia da Colónia Portuguesa do Brasil, ela estará no lar luso-brasileiro, e ao folheá-lo, os presentes e os vindouros, se orgulharão da acção espantosa que os portugueses em todos os sectores de actividade humana têm dado ao seu, ao nosso Brasil.

Ferreira d'Oliveira

Comércio e Navegação S/A



RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 15-19

TELEFONE 4631

TELEGRAMAS: CRISTAL

BELÉM
PARÁ

Carvalho Leite, Medicamentos S. A.

Farmácia e Drogeria BEIRÃO

Laboratório São Lucas - Laboratório Amazonico - Laboratório Beirão

Telefones: 3524-3310

Telegramas: BEIRÃO

Caixa Postal, 64

★

Alfredo, - 111

Rua Conselheiro João

BELÉM - PARÁ

Breves Industrial S.A.

Exportação de madeiras serradas e em bruto para todas as partes do mundo.

Serrarias a vapor na cidade de Breves, Estado Pará. Instalações portuárias próprias acessíveis a navios de grande calado. Transporte fluvial de madeiras em alvarengas e rebocadores próprios.

Agentes em todas as capitais brasileiras e em Lisboa, Leixões, Funchal, New York, Londres, Liverpool, Madrid, Antuérpia, Rotterdam, Buenos Aires e Montevideú.

Praça da República n.º 5, Sala 301

End. Teleg. «Madeiras»

Fones } Gerência, 2372
 ! Escritório, 1669

BELÉM - PARÁ

CASA PARÁ DE GOMÇALVES, CORREIA

RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO N.º 39

TELEFONE 1186

END. TELEG. PARACASA

CAIXA POSTAL N.º 143

ESPECIALISTA EM CHARUTOS,
PERFUMARIAS

ARTIGOS DE PAPELARIA

E MIUDEZAS

E ARTIGOS PARA PRESENTES

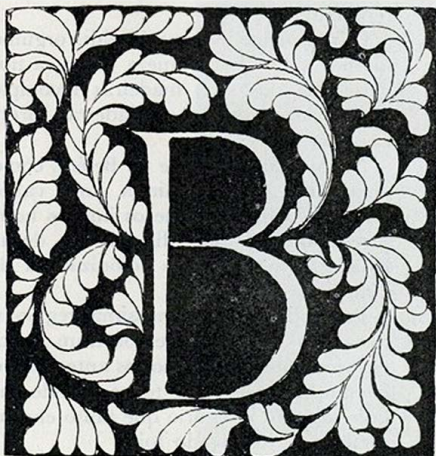
A PREÇOS BARATOS

BELÉM - PARÁ

Barros e Cordeiro, Comercio e Navegação S. A.

Éstios - Comissões e Consignações

Avenida Castilhos França, 6/7 - Automático - 3843 - End. Tel. "Rouxinol" - Caixa Postal, 404 - Belém-Pará



BELEM DO PARÁ

BELEM é uma das principais cidades históricas do Brasil, onde se acentuaram o carácter e as qualidades dos portugueses, a sua actividade e valor de colonizadores.

No passado tiveram actuação brilhantíssima, que se perpetuou e de que ainda hoje ali existem traços impercíveis.

Colocada entre singulares belezas naturais, no estuário do mais caudaloso rio do Mundo, impõe, principalmente a nós portugueses, profundo respeito e constitue o melhor dos mais valiosos do espírito progressivo e lutador persistente do brasileiro.

Fundou-a Francisco Caldeira Castelo Branco, que aportou às plagas guajarinhas em 11 de Janeiro de 1617 e breve se tornou «ponto convergente de incalculáveis riquezas que a seu seio chegam pelos canais e afluentes do vale soberbo e ubérrimo, tornando-a invejável e cobizada».

E por isso mesmo tem atraído as atenções dos grandes cientistas, que lhe louvaram sempre as belezas e proclamaram as surpreendentes riquezas, admirando o poder maravilhoso desse sublime «paraíso dos naturalistas».

Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do Marquês de Pombal, foi o primeiro Governador Geral do Grão-Pará, e a sua acção fez-se sentir fortemente no desenvolvimento que lhe proporcionou, dando-lhe sedutoras formas de cidade e regularizando os serviços administrativos do vastíssimo Estado.

Ao referirmo-nos ao passado colonial do Grão-Pará um nome logo nos ocorre; é o de Pedro Teixeira de quem Braga Ribeiro traçou magistral esboço biográfico, que logo de começo assim define as virtudes do biografado: «Se houve um homem, dentre os gloriosos companheiros de Francisco Caldeira Castelo Branco, que se tornasse notável pelo seu denodo e benemérito pelo seu cavalheirismo, foi esse o legendário Pedro Teixeira, que atravessou os cinco primeiros lustros da nossa história colonial, sempre aureolado pela nobreza das suas acções, pela glória das suas façanhas».

A ele se deve terem sido expulsos do vale Amazónico, ingleses e holandeses, assim como outros feitos, que tão integrados estão na história brilhante do Pará.

* * *

Belém tem todas as características de uma grande capital, onde o progresso passou vertiginosamente, onde a abundância fez prodígios.

Do seu antigo esplendor há traços bem evidentes: Um magnífico teatro — o da «Paz» — onde passaram as maiores celebridades mundiais: a basílica da Nazaré, construída com grande devoção, recheada de riquezas e de obras de arte; os soberbos parques Afonso Pena, Baptista Campos, lugares de estranha formosura e bons refúgios como o Pinheiro, o Mosqueiro o Chapéu Virado, retiros de verão, o bosque Rodrigues Alves, onde se admira a pujantíssima flora brasileira.

Como elementos denunciadores das exigências culturais do paraense, lá vemos a douta Academia Paraense de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico, os Gabinetes de Leitura, etc., onde se reúne um número elevado de proeminentes figuras nas letras, nas ciências, na poesia, na imprensa, na investigação histórica e noutros múltiplos campos de actividade superior, que dão a esta magnífica capital, que além de ter sido o último refúgio do imortal Carlos Gomes, o grande mestre de brasilidade de quem recebeu os últimos lampejos de seu pujantíssimo génio, foi ainda berço afável de grandes e ilustres brasileiros, marcantes foros de aristocracia intelectual.

Aqui nasceu o consagrado José Veríssimo, o autor admirável dos «Estudos Brasileiros», e enfim, de uma obra vasta e variada, em que sobressai o seu alto mérito de novelista, historiador e crítico.





**Um aspecto da cidade
de Belém do Pará**

José Veríssimo dirigiu a Instrução Pública do seu Estado, que lhe deve assinalados serviços. A sua passagem pela imprensa ficou bem vincada com os seus notáveis artigos no «Jornal do Comércio» e em muitos outros importantes diários de todo o Brasil. Fundou a terceira «Revista do Brasil».

Ao nome grande de José Veríssimo, deve juntar-se também o de Inglês de Sousa, jurisperito consideradíssimo, que também na literatura de ficção tem um nome de relevo.

Ali nasceu também D. Romualdo de Seixas, marquês de Santa Cruz e mais tarde arcebispo da Baía, onde faleceu, e cujas obras e memórias foram publicadas pelo padre Fonseca Lima.

Os seus estudos foram concluídos em Lisboa na Casa da Congregação do Oratório, onde teve por mestre o famoso Teodoro de Almeida.

Foi D. Romualdo de Seixas quem presidiu à solenidade da sagração de D. Pedro II.

* * *

Santa Maria de Belém do Grão-Pará, nome de enérgica heráldica, é cidade alegre e movimentada e onde se encontram todos os requisitos do conforto moderno. Tem alguns monumentos que valorizam sobremaneira o seu aspecto moderno de grande capital, já por si dotada de naturais encantos próprios.

A cidade mostra-nos belezas surpreendentes, ruas arejadas e amplas, bom serviço de eléctricos, esplêndidos autocarros, limpos e confortáveis, bons hotéis, bons estabelecimentos, elegantes, onde aparece tudo quanto a moda europeia produz e espalha rapidamente pelo

mundo, serviço sanitário admirável, asseio nas ruas irrepreensível.

O riquíssimo Museu Goeldi, orgulho do Brasil, afirma-nos a fabulosa riqueza da terra ubérrima, a imensa variedade das suas madeiras incomparáveis, com que se podem fabricar verdadeiras preciosidades artísticas, etc.

Na magnífica cidade de Belém, como por todo o vale amazónico, existem ainda hoje valiosos padrões que afirmam o respeito que os ilustres homens públicos que sucessivamente têm dirigido os destinos do histórico Estado, têm da acção colonizadora dos nossos de antanho.

Por toda essa extensíssima região surgem restos de fortalezas que bem demonstram os conhecimentos de estratégia militar dos nossos antepassados. A eles se deve, incontestavelmente, o ter-se podido manter íntegro até hoje, o vasto território que tanto enriquece a pátria brasileira e tão cobiçado foi.

Os restos do Castelo, a Catedral, que nasceu de «um compartimento exiguo e modesto, onde o padre Manoel Mendonça de Vasconcelos, desempenhava seu ministério. A primitiva ermida de palha, dedicada a Nossa Senhora de Belém, que Jerónimo de Albuquerque construiu e onde a 26 de Janeiro de 1617 Francisco Rôso Caldeira festejava com pompas o primeiro aniversário da colónia, são testemunhos longínquos da nossa civilização.

Depois da Catedral, destacamos a igreja de Santo António, mais adiante a de São João, a das Mercês, cuja história se filia numa das muitas proezas de Pedro Teixeira, depois a de Santo Alexandre, antiga de São Francisco Xavier, que vem de 1653 e foi «aula de latim e doutrina», a de Nossa Senhora da Nazaré, que tão grande número de devotos conta e cujas obras se iniciaram a 9 de Outubro de 1773, ainda a da Trindade, que se deve a um companheiro de Francisco Xavier de Mendonça Furtado e cujas obras tiveram princípio em 22 de Março de 1802.

Que poder evocativo não tem para nós a Santa Casa da Misericórdia, que vem desde o remoto ano de 1650?

Trinta e quatro anos após a fundação da cidade, era instalada, mas, segundo António Vieira, já desde 1619 vinha prestando os seus relevantíssimos e beneméritos serviços.

Cinco anos depois da instalação dessa maravilhosa obra de piedade, chegavam a Belém os primeiros médicos portugueses, António de Matos e Domingos de Sousa.

Mas ainda na cidade de Belém existem outros edifícios que têm alta significação e que se destacam entre os progressos constantes, as transformações de toda a hora por que vai passando a maneirosa cidade. Citem-se mais, dentre elas, o Palácio do Governo, o quartel de artilharia, o Hospital Militar, o Arsenal de Marinha, a Fortaleza da Barra, etc.

O que é hoje a grande capital do Pará, dizem-no-lo ainda os seus magníficos edifícios, alguns sumptuosos, opulentos mesmo, as suas gloriosas Faculdades, estabelecimentos de ensino como os de Agronomia, Veterinária, Química, Industrial, Comércio, a sua Imprensa, onde encontramos espíritos cintilantes, que foram nossos camaradas afáveis durante esses gratos dias de permanência na formosa cidade.

*General
Joaquim
de Magalhães
Cardoso Barata*

*Ilustre Governador
do Estado do Pará*



NASCEU o general Joaquim de Magalhães Cardoso Barata a 2 de Junho de 1888, em Belém, Estado do Pará. Foram seus pais António Marcelino Cardoso Barata e D. Gabrina de Magalhães Barata.

Muito jovem ainda, transferiu-se para a Capital da República, de onde seguiu para o Rio Grande do Sul, ali ingressando na Escola de Guerra do Porto Alegre. Em 1911, era Aspirante e passou a servir em contingentes militares fronteiriços.

Espírito batalhador, aderiu ao movimento revolucionário de 1930 e, no ano seguinte, era nomeado Interventor Federal no Estado do Pará. Sucessivamente, foi promovido a Capitão, Major e Tenente-Coronel.

Ocupou a Interventoria de 1931 a 1935, voltando a desempenhá-la de 1934 a 1945, desta vez em plena segunda guerra mundial, em circunstâncias difíceis. Re-

nunciando ao governo para se candidatar ao Senado, logrou eleger-se. Em 1954, reelegeu-se senador, cargo que então renunciou, para assumir o Governo do Pará, vencedor que fora das eleições então realizadas.

Por duas vezes visitou a Europa, em missão interparlamentar, como representante do Senado, e esteve na Argentina e no Uruguai. Como Interventor, durante a última guerra, esteve em missão oficial nas Guianas Francesa, Holandesa e Inglesa. Possui as medalhas de Rio Branco, Santos-Dumont, Saint Jean, do Mérito Militar e da Campanha Militar.

É casado com D. Georgina d'Oliveira Barata e tem duas filhas: Jacira e Jandira.

Grande amigo dos portugueses, afirmou-nos com sinceridade: «ser o português o emigrante que mais convida ao Brasil, pois quer tanto a este país como se fora a sua Pátria».



AUTO VOLANTE LTDA.

Praça da República, 3 - End. Telegráfico "Volante" — BELÉM - PARÁ - BRASIL

Distribuidores Exclusivos

INTERNATIONAL HARVESTER MÁQUINAS S/A
NASH - MOTOR e BUCYRUS - ERLE



Estoque Permanente

DE PEÇAS E ACESSÓRIOS EM GERAL
PARA AUTOMÓVEIS E CAMINHÕES

Reminiscências históricas da viagem triunfal do Presidente CRAVEIRO LOPES

^a BELÉM do PARÁ

Belém viveu um dos seus maiores dias de festas de portuguesismo com a visita do Presidente da República Portuguesa.

Quando o avião presidencial vindo de Manaus aterrou no aeroporto, às 11 horas e 20 minutos, era aguardado pelo grande governador do Estado do Pará, Senhor General Magalhães Barata, Prefeito Celso Malcher, Comissão representativa da Colónia Portuguesa de Belém e de todo o Estado do Pará, e outras entidades

UM ensurdecador «bombardeio» assinalou a chegada a Belém do Pará do Chefe do Estado português. Milhares de foguetes e morteiros, assim como as mais variadas peças de fogo de artifício, foram lançadas de todos os pontos da cidade, como manifestação de regozijo pela visita do Presidente Craveiro Lopes.

Ao mesmo tempo, soaram festivamente, as sereias de todas as fábricas e os apitos das centenas de embarcações que se encontravam, embandeiradas, no Porto.

Logo que o Chefe do Estado português surgiu à porta do «Viscount», os milhares de pessoas que se aglomeravam junto do aeroporto soltaram, em unísono, um brado: «Viva Portugal». Estrondosa salva de palmas seguiu-se-lhe, ao mesmo tempo que eram agitadas numerosas bandeirinhas portuguesas e brasileiras.

A banda militar executou os hinos nacionais de Portugal e do Brasil. Craveiro Lopes perfilou-se em frente da guarda de honra — um contingente de 400 homens da Força Aérea Brasileira — passando-lhe depois, revista.

Entretanto, em toda a cidade, era enorme o entusiasmo.

Bandeiras de Portugal e do Brasil entrelaçadas, gahardetes e flâmulas, festões de verdura engrinaldando enormes retratos dos dois Presidentes, frases de boas-

-vindas coroadas por arcos triunfais fizeram desta terra, já de si garrida e alacre, uma jóia de mil cores que se mira alegremente na imensidade do Rio. O porto vasto e activo — onde o trabalho cessou em honra do Presidente português, que ao domingo a faina habitual não abranda — está todo embandeirado também. E são os navios de grande calado vindos do imenso mundo, carregados de artigos de que a vastidão do interior brasileiro precisa e recebe pelos «gaiolas» do Amazonas — pequenos cargueiros que sobem o «rio-mar» muito para além de Manaus — e que daqui parte constantemente num labutar que não finda; e são as embarcações que ligam as diversas povoações da margem; e são os navios até 4.000 toneladas que transportam os passageiros rio acima até Manaus; e são os pesqueiros que contornam os imensos braços deste delta gigantesco de cem quilómetros de embocadura; e são as frágeis embarcações que se afastam da costa e vão ao alto mar buscar o peixe que se envia, depois, salgado ou nos grandes frigoríficos, a abastecer as populações do Pará e Amazonas — é toda esta imensa esquadra pacífica que cessou a sua labuta e içou bandeiras para saudar o Presidente Craveiro Lopes, e nele Portugal.

Além das decorações feitas por iniciativa das autoridades municipais e da Comissão Organizadora da recepção oficial ao Presidente, os habitantes da cidade

decidiram colaborar no embelezamento de Belém e manifestar o seu contentamento pela visita do Primeiro Magistrado da Nação Portuguesa, pintando cartazes com saudações a Craveiro Lopes, que colocaram nas fachadas das suas casas.

Muitos estabelecimentos comerciais e organizações particulares, ao longo do itinerário percorrido pelo cortejo presidencial, foram enfeitados também, com bandeiras e retratos do ilustre visitante e fitas.

A saída do aeroporto, os aplausos parecem não ter fim.

Entretanto, o Presidente português, acompanhado pelo Governador do Estado, toma lugar no carro aberto que o aguarda e, entre filas de povo, segue — pela Avenida Generalíssimo Deodoro, Avenida da Nazaré e Rua Assis de Vasconcelos — a caminho do centro da cidade.

O trajecto é longo, a marcha do carro é propositadamente lenta para que todos possam ver o Chefe do Estado português, de pé, sorridente, que agradece os aplausos e as aclamações. Atrás deste, outros carros seguem: com as Senhoras da Comitiva, Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, o Embaixador de Portugal no Rio, a Casa Civil e a Casa Militar do Presidente.

Em todo o caminho, são milhares e milhares de pessoas que se aglomeram para aclamar, com o Presidente Craveiro Lopes, Portugal e o Brasil. Milhares e milhares de pessoas num percurso de 10 quilómetros e em esplanada, brilhantíssima parada cívica.

A Avenida Generalíssimo Deodoro e a Avenida da Nazaré estão festivamente decoradas, como, de resto, toda a cidade de Belém, com as cores nacionais de Portugal e do Brasil. Longas faixas de pano verdes e amarelas ou verdes e encarnadas, ornamentam as fachadas dos prédios. Bandeiras dos dois países flutuam ao vento, de cada um dos lados das avenidas, desfraldadas nos postes de iluminação. Servindo de moldura às decorações, altas e frondosas mangueiras formam duas filas em todo o trajecto do cortejo.

Percorrida a rua Assis de Vasconcelos, o cortejo entra na Praça General Magalhães, onde flutuam mais de mil bandeiras portuguesas e brasileiras. O Presidente Craveiro Lopes, sempre de pé no automóvel, agradece as aclamações que continuam, vibrantes, entusiásticas.

Ali inicia-se a parada das forças das três Armas, que abrem alas. O Chefe do Estado português passa revista a essas unidades do Exército, na Praça General Magalhães, na Avenida General Hermes, na Avenida Presidente Vargas e na rua Gaspar Viana.

O Cortejo entra na praça da República, também alegremente decorada. Diante do Teatro da Paz, o Presidente Craveiro Lopes apeia-se, sendo saudado pelo Prefeito de Belém, Celso Malcher, que o acompanha até junto de uma tribuna especialmente erguida para a recepção ao chefe de Estado português.

O Prefeito entrega, depois, ao Presidente português a chave da cidade e logo em seguida, o Coro Orfeónico canta músicas tradicionais portuguesas e brasileiras a sublinhar o significado espiritual da cerimónia da entrega da chave de Belém ao Presidente de Portugal.

Eram 13 horas e 30, uma vez terminadas as cerimónias promovidas pelo Prefeito de Belém em honra do Chefe do Estado português, quando se iniciou o desfile militar. Nele se incorporaram as forças a que o Presi-

dente Craveiro Lopes havia passado revista, bem como antigos combatentes brasileiros das duas guerras mundiais e antigos combatentes portugueses da primeira grande guerra, residentes no Estado do Pará.

Os antigos combatentes portugueses — quase todos já encanecidos e alguns envergado os seus velhos uniformes da Armada ou do Exército — levavam à sua frente a bandeira do Brasil; e os antigos combatentes brasileiros, também à sua frente, a Bandeira de Portugal.

O espectáculo comovente, único, arrancou lágrimas a muitos olhos.

Entre os antigos combatentes brasileiros havia alguns — do Corpo Expedicionário que combateu na Itália na segunda guerra mundial — que participaram, terminadas as hostilidades na Europa, no único Desfile da Vitória, realizado na capital de um país neutro, o que se efectuou em Lisboa, e em que o Corpo Expedicionário Brasileiro marchou pela Avenida da Liberdade abaixo, entre uma apoteose de aclamações, à testa de unidades de todas as Armas do Exército português.

Os milhares de pessoas que se aglomeravam no Largo da Pólvora, na Praça da República e nas ruas próximas, aclamaram entusiasticamente os destacamentos que desfilarão, sublinhando com prolongadas salvas de palmas a passagem dos antigos combatentes brasileiros e portugueses do Pará. Ao mesmo tempo, rebentavam no ar, repetidamente, foguetes e morteiros.

As ovações não cessavam. Vitoriavam-se com entusiasmo, os nomes de Portugal e do Brasil, de Craveiro Lopes e de Kubitschek de Oliveira. Vivas a diferentes cidades da Beira Alta e do Algarve lançaram-se alternadamente, à medida que passavam, incorporados no desfile, portugueses naturais de terras beiroas e algarvias.

Belém do Pará viveu um dos seus maiores dias de festa. Todos os anos, a 23 de Junho convergem para a capital do Estado, caravanas e caravanas de portugueses e de brasileiros que vêm participar nas festividades em honra dos três Santos de Junho: Santo António, São João e São Pedro. O motivo da festa é duplo: Portugal está presente pelo seu mais alto magistrado, o Presidente Craveiro Lopes; Portugal é recordado com as festas populares da véspera de São João.

As festas que se viveram em Belém do Pará foram intensamente portuguesas. De resto, Belém do Pará ufana-se de ser «a mais portuguesa das cidades brasileiras».

Depois do almoço, sem cerimonial, o Presidente Craveiro Lopes e Sua Esposa visitaram a basílica de Nossa Senhora da Nazaré — com seu painel colorido, representando o milagre.

Cerca das 19 horas, realizou-se na sede da Benemérita Sociedade de Beneficência Portuguesa, um «Porto de Honra», em homenagem ao Presidente Craveiro Lopes.

O Chefe de Estado português foi saudado em nome da direcção pelo Sr. Aloiso Meneses, que exaltou o significado da visita presidencial e disse da grande satisfação de todos os portugueses do Brasil e, em particular, de Belém do Pará em receber o Presidente de Portugal.

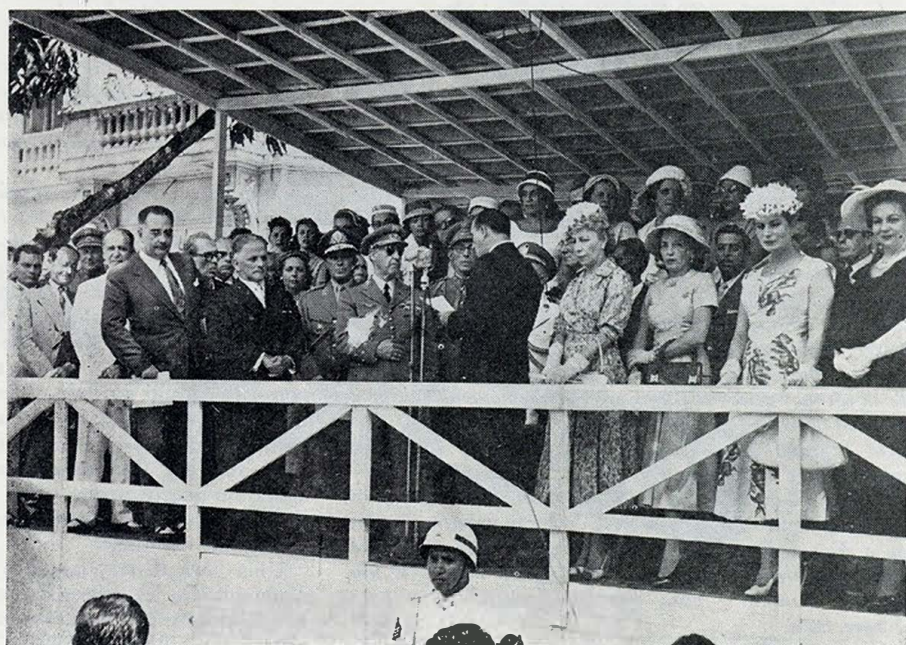
Uma menina, filha de portugueses, entregou ao Chefe do Estado um ramo de flores.

À Senhora D. Berta Craveiro Lopes foi oferecida, pela colónia portuguesa do Pará, uma colecção de pepitas de ouro do Rio Gurupi, encerrada em linda concha de Tocantis e colocada numa caixa revestida de placas de ma-

*Flagrantes fotográficos da visita do Senhor
Presidente da República Portuguesa a Belém do Pará*



**O Senhor Presidente
General Craveiro Lopes,
acompanhado do Ilustre
Governador Senhor Gene-
ral Magalhães Barata,
correspondendo às
saudações que o povo de
Belém lhe dirige.**



**Na tribuna de honra
o Prefeito de Belém
Senhor Celso Malcher,
acompanhado do Go-
vernador do Pará,
apresenta as boas-vin-
das ao Senhor Gene-
ral Craveiro Lopes.**

dre-pérola, sobre as quais se vêem os escudos do Brasil e de Portugal.

À Senhora D. Maria Amélia de Pitta e Cunha ofereceu a colônia lusitana uma artística coleção de sete águas-marinhas.

O Presidente Craveiro Lopes, em breves palavras, manifestou o seu prazer em visitar o Pará e em contactar de perto com os portugueses que vivem e labutam neste Estado.

Seguidamente, foi descerrado um retrato do Presidente da República Portuguesa.

Estiveram presentes à cerimônia da Beneficência centenas de portugueses e numerosas figuras de relevo na sociedade paracense.

À noite realizou-se o banquete oferecido em honra do Chefe do Estado, no Teatro Amazonas e no qual se trocaram vibrantes afirmações de solidariedade luso-brasileira.

No final do banquete, o Presidente entregou ao Governador do Estado e ao Prefeito da cidade, as insígnias, respectivamente, de Grã-Cruz e de Comendador da Ordem Militar de Cristo, afirmando:

«A Comunidade Lusíada, a Comunidade Luso-Brasileira não é uma teoria — é um facto. Não é uma construção — é uma força natural. Não depende da vontade dos homens: existe e existirá em si mesma, de direito próprio» —

No seu discurso, o Presidente Craveiro Lopes afirmou, também, dirigindo-se ao governador Senhor General Magalhães Barata, grande amigo dos portugueses:

«Tive Vossa Excelência a grande cortesia de referir em traços incisivos os passos mais vinculados da acção histórica portuguesa no Estado do Pará. Muito grato estou a Vossa Excelência por ter feito desfilar perante os olhos do Chefe do Estado de Portugal esse cortejo de sombras dos heróis, ao mesmo tempo servidores do Estado, semeadores da Civilização Cristã, criadores de Impérios.

Sei que estava na gentilíssima intenção de Vossa Excelência vincular o épico passado de Portugal de outrora ao Portugal de hoje. Muito agradeço a nobre intenção de Vossa Excelência; presto homenagem à sua magistral execução.

Mas Vossa Excelência glorificando os feitos lusitanos, exaltou, ao mesmo tempo, os heróis do seu próprio País. Francisco Caldeira Castelo Branco, Pedro Teixeira, Francisco Xavier Mendonça Furtado e outros — tantos outros — não são apenas portugueses: são da Comunidade Lusíada, são da Comunidade Luso-Brasileira: são tanto meus como de Vossa Excelência.

Sem o absoluto destemor e a inflexível perseverança desses homens, sem as realizações desses homens, o Estado do Pará não seria este grande Estado a caminho de se tornar maior; o Brasil não seria o jovem, saudável e gentil gigante em que se tornou: mas Portugal não teria a grandeza e a força moral que para sempre o circundam e sustentam.

Senhor Governador, os nossos heróis são igualmente os vossos. É dentro desta premissa, comovidamente agradeço a Vossa Excelência a eloquente homenagem que acaba de prestar ao passado dos nossos Países. É um passado comum — para sempre indissolúvel — para sempre vivo.

*Vai para três semanas que corro este grande País, di-
rei mesmo — este mundo novo. Não chegou ainda o*

momento — porque o ciclo não está ainda completo — de dizer, isto é, de tentar dizer, porque nunca saberei dizer a totalidade do que sinto — toda a profunda emoção que esta histórica visita causou no Chefe de Estado de Portugal e no meu coração de português — e no coração de todos os portugueses.

Mas um ponto eu menciono desde já: por toda a parte, neste Brasil já tão rico do presente que se compreenderia que se não lembrasse muito bem dos séculos idos, por toda a parte encontrei o culto do nosso passado comum; a consciência da imensa pujança que presidiu à criação do Mundo Novo em que o encontro, como que a prolongação do espírito invencível e imortal que animou os corpos mortais dos heróis luso-brasileiros».

Mais adiante, o Presidente de Portugal declarou:

«É, Senhor Governador, não posso deixar de me referir com a maior gratidão ao entusiasmo com que a população desta bela capital acolheu o Chefe do Estado português. Quisera agradecer a todos e a cada um deles. Bem hajam. Obrigado.

Senhor Governador, antes do desfile das tropas cujo garbo e disciplina falaram imediatamente ao meu coração de soldado, ouvi com enternecimento e delícia um coro de meninas agrupadas em frente da tribuna onde me instalara, um coro verdadeiramente artístico. Soube que a criadora e a condutora desse coro extraordinariamente belo sofrera há dois dias uma perda irreparável. Mas essa senhora admirável — além de uma admirável artista — insistiu, apesar da sua grande dor, em apresentar ao Chefe do Estado de Portugal a sua criação. Não quis perturbar o programa estabelecido. Aqui presto a essa senhora a minha sincera homenagem, a expressão do meu pesar pela perda que sofreu — e a minha admiração pela sua grandeza de alma. Não sei — não inquiri — se é brasileira ou portuguesa. Mas sei que ela guardou intactas as virtudes dos nossos Maiores — aqueles que Vossa Excelência invocou e que são glória tanto da sua como da minha Pátria. Países onde essas virtudes antigas florescem não têm que temer o futuro — porque deles será o futuro.

Senhor Governador, bebo pelas prosperidades pessoais de Vossa Excelência. Bebo pela continuação do progresso magnífico do Estado do Pará — tão português porque é brasileiro, tão brasileiro porque tem tanto de português».

A senhora referida pelo Presidente Craveiro Lopes, na parte final do seu discurso, é a professora D. Maria Araújo Figueiredo, regente do Coro Orfeónico do Instituto de Educação do Pará, que perdeu o seu marido, dr. Carlos Dillon de Figueiredo, falecido dias antes.

No dia 24, de manhã, três horas antes da partida do Presidente Craveiro Lopes, de Belém para Fortaleza e Recife, já milhares de pessoas se concentravam no aeroporto da capital do Pará, ostentando bandeirinhas portuguesas e brasileiras e empunhando dísticos alusivos à visita presidencial e à Comunidade Luso-Brasileira.

As avenidas que convergem para o aeroporto eram agora um mar de gente.

Às 8 horas estava o aeroporto completamente cercado de enorme multidão.

Uma hora depois, largou o «Viscount» presidencial. Apresentaram as despedidas oficiais o Governador do Estado do Pará, General Magalhães Barata, o Prefeito, altas autoridades do Estado e da cidade e os mais destacados representantes da colônia portuguesa.

Perfumarias Phebo Ltda

Trav. Quintino Bocaiuva, 307 a 325

Telefones 4171 e 3648 - End. Teleg. PHEBO - Caixa postal, 144 - PARÁ - BRASIL

UMA COLEÇÃO PERFUMADA

Sempre desejado

A "EQUIPE" PHEBO

Com o sempre desejado Odor de Rosas, PHEBO, que nasceu no sabonete n.º 1 do Brasil, ampliou o seu dominio, aparecendo agora através o seu perfume, que vive mais intenso ainda, no pó de arroz e talco, em lindas embalagens de madeira. Adquira para si esta preciosa coleção, e sempre que tiver um presente a oferecer, dê uma caixa de luxo com 3 sabonetes PHEBO.

Criações

PHEBO

PERFUMARIAS PHEBO

P. P. P. P.



AFRICANA, TECIDOS S/A

Grandes armazens de fazendas, miudezas e ferragens



TRAV. DR. FRUTUOSO GUIMARÃES, 80 A 96

TELEFONES: 3579 — 3879 — 4148

CX. POSTAL 644

ENDEREÇO TELEGRÁFICO «AFRICANA»

FILIAL EM BRAGANÇA

PARÁ — BRASIL

**BELÉM
PARÁ**

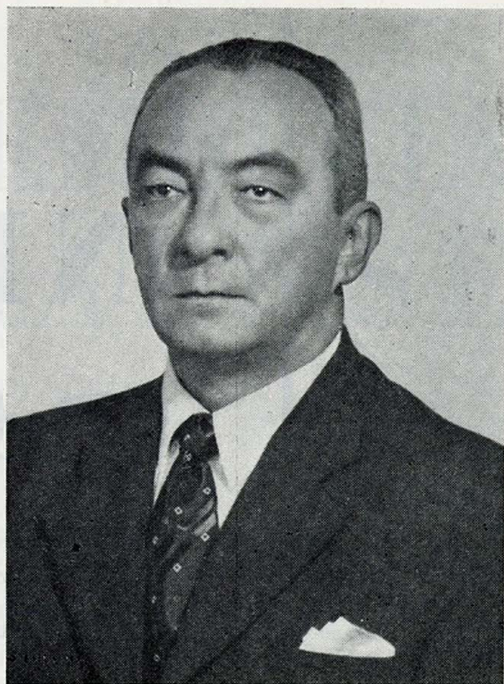
PORTUGAL E PARÁ

QUANDO recebemos a homenagem da visita do Exmo. Sr. General Francisco Higino de Craveiro Lopes, actual Presidente da República Portuguesa, seja a primeira referência dirigida a um insigne colonizador e bravo soldado, o valente alferes Pedro Teixeira. Aparecendo na história do Pará ao ser designado por Castelo Branco para ir, por terra, levar ao Maranhão a notícia da fundação da cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, assim inicia a bela página com que sua imortal presença ainda hoje ilumina estas paragens. Primeiro, fazendo em dois meses a viagem de Belém a S. Luís do Maranhão, pela mesma via que presentemente é o caminho sobre o qual correm as locomotivas da Estrada de Ferro de Bragança, ensinando, desta forma, como devíamos proceder para atingir a orla oceânica.

Com o êxito obtido na difícil missão, já promovido a capitão, Pedro Teixeira recebe segunda, extraordinária incumbência: explorar o Amazonas, espantoso rio com aspecto de mar.

Ainda nos dias que passam, ao viajarmos sobre o grande rio em «gaiolas», em transatlânticos, costeiros ou aeronaves, inesperadamente nos sentimos tomados de sempre crescente admiração pela gigantesca figura daquele pioneiro, que remou até poder apertar as mãos do vice-rei do Perú, em Quito, quase um ano após sua partida. Numa viagem penosa, heróica, em canoas, vencendo fortes correntes, enfrentando o desconhecido, lutando contra os vacilantes, atacado por insectos e índios e chuvas e selva, afligidos por deserções e mortes, os indómitos exploradores sob o comando do audacioso militar, escreveram outra página fascinante da nossa história, outro caminho que a economia consagraria e a política instituiria, na ligação dos dois grandes Estados do Pará e Amazonas e no dilatamento da fronteira do Brasil.

É natural, portanto, que encontremos no Pará tão grande número de cidades, vilas e logarejos cujos nomes lembrem Portugal. Santarém, Óbidos, Melgaço, Oeiras, Faro, Alenquer, Monte-Alegre, Almeirim, na rota de Pedro Teixeira sobre o rio Amazonas; Bragança e Viseu no trajecto Belém-S. Luís; além de tantos outros como Belém, Portel, Aveiro, Soure, Alcobaça (hoje Tucuruí), Ourém, Salvaterra, Colares, Chaves Porto de Moz, Condeixa e Monsarás, distribuídos por todo o território paraense, a recordarem denominações seculares, que pertencem à gloriosa história política da



António Martins Júnior
Hustre Presidente da Associação Comercial do Pará

altiva Lusitânia. Nenhum Estado da Federação brasileira revela tão marcante prova da passagem colonizadora dos nossos irmãos portugueses ou, se não aceitarmos este argumento, nenhum outro co-irmão soube assim conservar aqueles vestígios. Até Mazagão, nome de uma cidade marroquina fundada pelos nossos descobridores, tínhamos no Pará. Pertence actualmente a referida cidade a Amapá, trecho norte do Pará transformado em Território Federal.

Além do Pará, somente Baía, berço da nacionalidade, concorre em número de denominações semelhantes, pois conta entre suas vilas e cidades as de Belmonte, Alcobaça, Barcelos, Santarém, Soure, Monte Alegre, Vila Verde, que até na forma revelam a presença do mesmo colonizador emotivo e saudoso da terra natal; ainda no Amazonas, existem Barcelos, Borba, Tomar, Silves e S. Paulo de Olivença; no Piauí, Batalha, Oeiras e Amarante; no Ceará, Sobral e Crato; em Minas, Viçosa; no Maranhão, Guimarães, Penalva e Alcantara; no Estado do Rio, Rezende; no Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Se a geografia está intimamente ligada à economia, a Associação Comercial do Pará, cuja vida tanto deve à operosidade de filhos de Portugal, dos quais com orgulho conta com elevado número entre seus associados, e que foi fundada e tantas vezes presidida por portugueses, sente-se muito bem incluída entre as entidades que reverenciam S. Excia. o Sr. General Craveiro Lopes, o ilustre filho da mesma terra de Pedro Teixeira, cuja memória estará estreitamente comprometida com o progresso do Pará, desde quando lhe traçou os primeiros roteiros económicos, ao desbravar rios e matas, deixando à passagem, sonoros nomes de terras lusitanas, que ainda hoje reluzem ao sol tropical do Brasil.

NICOLAU DA COSTA & CIA., LTDA.

IMPORTAÇÃO
AVIAMENTOS
NAVEGAÇÃO
CONSIGNAÇÕES

PROPRIETÁRIOS DO VAPOR
“BARÃO DE CAMETÁ”



●
AVENIDA CASTILHOS FRANÇA, 38
CAIXA POSTAL, 682 - END. TELEG. NICOLAU
FONES: 3582 E 3440 — BELÉM - PARÁ



Fundada
em 27 Dezembro de 1915
SEDE PRÓPRIA
Praça República, 34
Considerada de
Utilidade Pública
Lei 2682 de 28/10/1928
Fones: Salão 3989 - Secret. 2023
PARÁ - BRASIL

ASSEMBLEIA PARAENSE

A Assembleia Paraense originou-se da antiga Associação do Comércio à Retalho do Pará, extinta em 27 de Dezembro de 1915, para dar lugar à nova sociedade, com o nome acima aludido. A Assembleia Geral que deliberou dar por finda a Associação do Comércio à Retalho do Pará (espécie de Clube dos Comerciantes de Belém) foi a mesma que, em seguida e a pretexto de reformar os seus estatutos criou a Assembleia Paraense e conferiu a esta para todos os efeitos legais ou jurídicos o título de sucessora daquela.

Influiu directa e eficazmente para esse resultado o Governador de então, ilustre paraense doutor Eneas Martins, o qual foi o principal accionador da ideia da instalação de um grande clube em nosso meio, isso ao ter ciência das precárias condições da Associação do Comércio à Retalho do Pará, prestes que estava a dissolver-se.

«Belém está carecida de um grande centro social e é mister que a Assembleia Paraense seja esse centro», dizia Sua Ex.^a, por ocasião da assinatura da acta de transformação da sociedade dos comerciantes em clube aristocrático.

O Dr. Eneas Martins emprestou à Assembleia Paraense todo o seu apoio e prestígio, exemplo que foi seguido pelos demais Governadores que o sucederam, como os Drs. Lauro Sodré, Souza Castro, Dionísio Bentes, Eurico Vale e todos os mais que exerceram a curul governamental, até nossos dias, com raríssimas excepções.

A inauguração oficial do Clube verificou-se a 31 de Dezembro de 1916, em homenagem ao 1.º aniversário (transcorrido a 27/12) de fundação constando essa solenidade no «1.º reveillon» do clube precedido de lauteia seguida de danças.

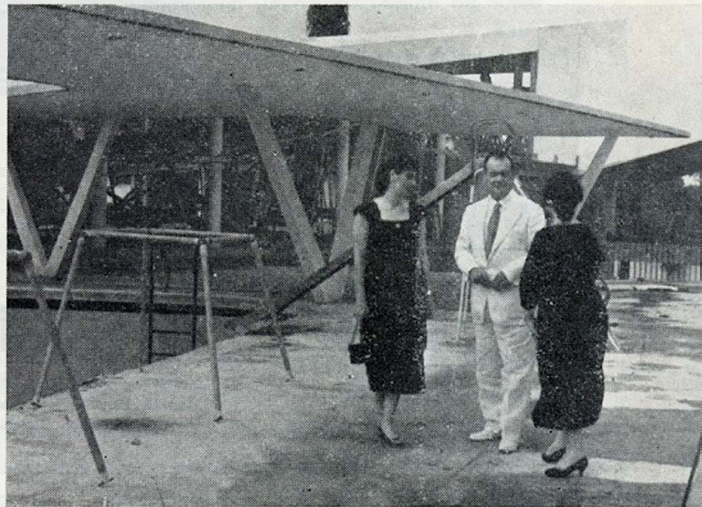
Dá-se curso e, portanto justifica-se a versão, que a denominação de Assembleia Paraense foi aceita em virtude do mobiliário todo da Associação de que se originou a Assembleia, ter as iniciais A. P. e, dada a fusão, não haveria necessidade de serem adquiridos outros nomes.

Feita essa transformação passou-se a cogitar da aquisição de prédio próprio, o que sucedeu a 23 de Junho de 1920, sendo adquirido o prédio n.º 16/17 pela importância de cinquenta contos de reis, pelo que a sociedade transferiu-se para o mesmo, uma vez concluidas as obras de adaptação a que fora submetido..

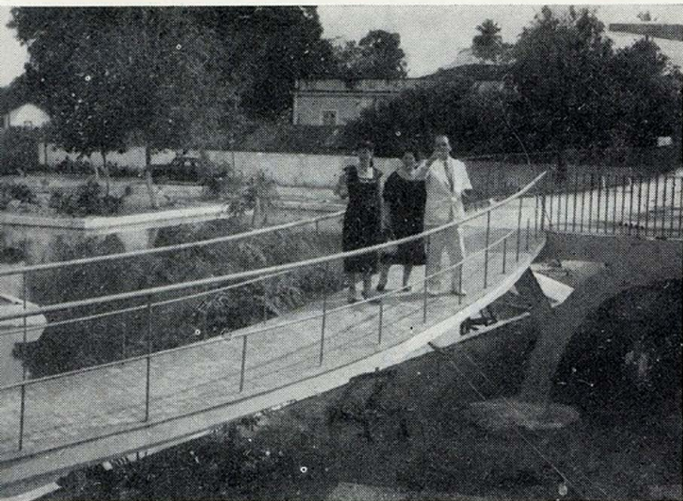
A compra do prédio para sede definitiva da Assembleia representou a maior de todas as suas conquistas, naquela época, sendo louváveis os nobres intuitos de quantos concorreram para tal fim.

* * *

A Assembleia Paraense teve a fortuna de arrolar no quadro de seus associados os melhores e mais represen-



O Senhor NICOLAU DA COSTA Presidente da ASSEMBLEIA PARAENSE mostrando às nossas enriadas a Belém, DD. Dolores Matias e Angelina Constantine, o progresso das obras da sede campestre do referido clube



O Presidente da ASSEMBLEIA PARAENSE Senhor NICOLAU DA COSTA mostra às representantes da Revista DUAS PÁTRIAS um aspecto da nova sede campestre em construção

tativos elementos da sociedade local, possuindo, por outro lado, um corpo de fundadores absolutamente digno e capaz, por si só, de a elevar e emprestar-lhe o renome a que hoje faz jus.

Os primeiros dias de sua existência, vencidas as tremendas dificuldades que se lhe antepuseram, logo de começo, demonstram que a Assembleia Paraense prestigiou-se de uma forma incontestável no seio da sociedade «chic» do Pará.

Os salões do clube, hoje como ontem, continuam em crescendo animador, a abrigar as figuras de maior destaque no mundo comercial, intelectual e industrial do Pará.

As festas cívicas ou patrióticas celebradas no Estado, durante toda a existência do clube, sempre encontraram o maior e mais decidido apoio da parte dos corpos dirigentes da Assembleia.

Como nessas festas, o mesmo apoio se há feito sentir

nas diversas manifestações de fundo beneficente de carácter geral ou mesmo de particular.

É incontestável, também, que a Assembleia Paraense, no exercício das funções que constituem a razão de ser de sua existência, influe poderosamente para a cultura social entre nós.

Um clube com tão honrosas credenciais é digno de todo o apreço e acatamento e esses, felizmente, nunca faltaram à Assembleia, por parte das sociedades coirmãs, dos Poderes Públicos, da imprensa e da sociedade em geral.

* * *

Em 1953 o «Grupo Renovador», constituído das mais altas expressões do quadro social da Assembleia, diante do marasmo que se observava na vida cotidiana do clube, lançou uma chapa de luta, nas eleições que se realizaram, e venceu esmagadoramente conseguindo eleger a 1.ª Directoria totalmente renovada.

Daí por diante a Assembleia Paraense, com o esforço e a tenacidade de todos os homens desse respeitável grupo de elite, retomou sua invejável posição de liderança, voltando aos seus gloriosos dias de brilho e destaque social.

Uma das grandes iniciativas desse grupo foi a construção da sede campestre, que ora se encontra em fase de acabamento na Av. Tito Franco. É uma obra de grande envergadura e que vem ao encontro das mais legítimas aspirações do quadro social da Assembleia.

Não podemos deixar de ressaltar o trabalho da actual Directoria, a cuja frente se encontra o seu Presidente, Sr. Nicolau da Costa, um infatigável e denodado elemento, que tem conduzido a Assembleia aos seus maiores triunfos. A nova «boite» do clube, uma das maiores atracções do «grand-monde» belenense, também, é obra da actual Directoria.

Actualmente está a mesma empenhada em levar avante o acabamento da sede campestre, inegavelmente, a conquista máxima que se pode esperar de parte dos que estão a dirigir os destinos da Assembleia Paraense. Estimada em cerca de 30 milhões de cruzeiros, ela, por certo, há-de chegar ao seu final para constituir um motivo de orgulho para todos os paraenses.



*Importadores e Exportadores,
Estivas, Cereais, Farinhas de
mandioca, Fibras vegetais e
Algodão. Depósito de arroz e
Farelo de arroz.*

Sá Ribeiro Comércio e Indústria S/A

Telegr. RIBANDRADE — Telefone 42 94 — Códigos: MASCOTTE 1.ª e 2.ª edição, Borges, Brasil, Bentley's e Particulares — Escritório e Armazém: Rua 15 de Novembro N.º 36 PARÁ - Brasil — Caixa Postal N.º 341

**“Uzina Amazónia” de beneficiamento de arroz
Rua Siqueira Mendes, 5 — Telefone 42 06
Prensa “Uacima” Beneficiamento e prensagem
de fibras vegetais — Rua Jerônimo Pimentel, 234**



GASTÃO DE BETTENCOURT

CHEFE DA SECÇÃO DO BRASIL DO SECRETARIADO NACIONAL DE INFORMAÇÃO

«Portugal e Brasil são ramadas do mesmo tronco lusíada. Mas, para que os seus frutos sejam cada vez mais sãos, torna-se necessário que portugueses e brasileiros — principalmente historiadores e etnógrafos — se unam no estudo dos problemas que aos dois países são comuns, para traçarem as mesmas directrizes, fixarem as mesmas doutrinas com as quais se hão-de formar as gerações a quem cabe tornar eternas as duas Pátrias, que têm um destino glorioso a cumprir, imperativo do seu grande, magnífico Passado.»

Gastão de Bettencourt

J. D. VALENTE & CIA.

Importadores de Tecidos e Miudezas

End. teleg. JORDUVAL

TELEFONE 3820

CAIXA POSTAL, 131



Matriz

Armazéns Boa Fama

13 - Av. Castilhos França - 16

2 - Trav. Ocid. do Mercado - 12

Filial

Bangú

R. João Alfredo, 47

Telefone 3838

BELÉM - PARÁ

J. Dias Paes & Cia., Ltda.

Agentes de vapores, Inflamáveis,
Seguros e Mercadorias gerais.
Membros da IATA.

Av. Comte. Castilhos França, 80/82
Caixa Postal 400
Endereço Telegráfico PAES
Belém - Pará - Brasil

Filial em Manaus:

Rua Marechal Deodoro, N.º 214
Caixa Postal 187
Endereço Telegráfico PAES
Manaus - Amazonas - Brasil

Todos os códigos utilizados.

Banco Moreira Gomes S.A.

Belém - Pará

Fundador:

JOSÉ MARIA MOREIRA MARQUES

Directoria:

Presidente: Adalberto de Mendonça Marques
Antônio José Cerqueira Dantas
Firmino Ferreira de Mattos
Antônio Maria da Silva

FIGURAS DESTACADAS DE BELÉM

NICOLAU CRUZ SOARES DA COSTA



Actual presidente do clube Assembleia Paraense, para cujo cargo foi eleito em Março de 1956, e agora reeleito em reunião da Assembleia Geral de Março de 1957, com mandato até Junho de 1959. Anteriormente ocupou o cargo de Director Social do clube, em dois mandatos consecutivos, tendo sido também membro da Assembleia Geral.

O maior responsável pelo êxito da construção da Sede Campestre do clube, localizada na avenida Tito Franco, obra realmente grandiosa e bela. Foi, também, o criador da «boite» bonita que se depara na sede social do clube, e cuja decoração ficou a cargo do engenheiro e director da A. P., Dr. Filipe Farah.

Nicolau da Costa nasceu em Belém do Pará, em 11 de Março de 1914, mas foi criado, desde muito cedo, em Portugal, onde se educou e instruiu, tendo frequentado a Universidade de Coimbra. Conhece toda a Europa e todo o Brasil, desde o Sul do País, até os recantos mais longínquos da Amazónia. Grande amigo de Portugal, onde orgulhosamente afirma ter deixado o coração. Foi também, durante 6 anos seguidos, director da Associação Comercial do Pará, e presidente da Loteria do Estado do Pará, durante o governo do general Alexandre Zacarias de Assunção.

É um grande bibliófilo, possuindo uma magnífica «camoneana», onde se encontram raros exemplares dos «Lusiadas» e Obras de Camões, além de centenas de trabalhos sobre a vida deste épico. A biblioteca do Sr. Nicolau da Costa está segurada em cerca de 800 mil cruzeiros. Nicolau Costa é sócio da firma tradicional de Belém, Nicolau da Costa & Cia., Lda., estabelecida no «boulevard» Castilhos França, 38, com actividade de navegação na região do Amazonas, consignações e importações de todos os produtos da Amazónia.

De uma grande bondade, teve para com as nossas enviadas requintes de gentileza, que nos tornaram credores por tão grandes obséquios dispensados, que jamais olvidaremos.

UBIRATAN DE AGUIAR

Ubiratan de Aguiar: paraense, nascido em Belém, capital do Estado do Pará, no dia 13 de Julho de 1929. Jornalista profissional com 10 anos de actividades, iniciou sua vida jornalística no matutino «O Estado do Pará», em 1946. Por algum tempo trabalhou na «Folha do Norte», «Folha Vespertina», «Imparcial» e «Flash», órgãos que circulam na capital paraense. Actualmente é subsecretário de «O Estado do Pará». A revista social «Boite» é uma das suas maiores ambições, que quer tornar uma realidade permanente.

Ubiratan de Aguiar é também funcionário do Governo do Estado do Pará, exercendo actualmente as funções de Director da Secretaria da Assembleia Legislativa do Estado do Pará. A colaboração que nos dispensou, revela um espírito dinâmico de camaradagem que só um espírito de escol pode dar, e que justamente reconhecido aqui deixamos destacado.



Brasil

Extrativa S/A

USINAS “CONCEIÇÃO”

Cap. Realizado . . . 8.000.000,00

Reservas.. 4.000.000,00

Fabricantes e Exportadores

- PULVERISAÇÃO DE TIMBÓ
- DESCASCAMENTO DE CASTANHA
- BENEFICIAMENTO DE SEMENTES
- EXTRAÇÃO DE ÓLEOS VEGETAIS

BOULEVARD CASTILHOS FRANÇA, 56/57
CAIXA POSTAL, 634 – BELÉM
ENDER. TELEGRÁFICO: BRASILOIL

TELEFONES : { GERÊNCIA - 2298
EXPORTAÇÃO }
DIVISÃO DE } 2198
MÁQUINAS E }
MOTORES }

BELÉM - PARÁ

ESPECIAL PARA
«DUAS PÁTRIAS»



Edgar Proença

EDGAR PROENÇA

Jornalista ilustre, mestre de prosa brilhante, cuja leitura nos fascina. Na rádio a sua voz, tem timbre de ressonância que nos empolga com o estilo convicto que dá à sua dicção. Grande amigo de Portugal e dos portugueses, generosamente, acolhe aqueles que o procuram e aos camaradas leva a sua generosidade ao sacrifício.

A Revista Documentário Luso-Brasileira «Duas Pátrias» reconhece-se devedora, pelo muito que o ilustre camarada lhe deu em apoio e perdurável amizade.

A visita do Presidente de Portugal ao Brasil é a reafirmação solene de que as duas Pátrias vivem de mãos dadas, felizes como duas irmãs que nunca experimentaram o desgosto de um pequeno arrufo.

É um exemplo enobecedor dos sentimentos afectivos da alma portuguesa, onde nasceu a palavra Saudade que passou a morar no coração do brasileiro.

Belém honrou-se com a visita do general Craveiro Lopes. Aqui vivem brasileiros e portugueses sob os vínculos de uma amizade fraternal.

Eu até me julgo metade brasileiro, metade português...

Belém, 1957

EDGAR PROENÇA

A ELETRORÁDIO S.A.

*Rádios, Refrigeradores, Material elétrico,
Material de rádio, Motores e Grupos Geradores*

TELEGR. -ELETRORÁDIO- — RUA CONS. JOÃO ALFREDO, 87-89 - CAIXA POSTAL, 443 - TEL. 3930 BELÉM - PARÁ

IMPORTADORA DE FERRAGENS S.A.

Capital Integralizado — Cr\$ 200.000.000,00 Reservas — Cr\$ 125.000.000,00

Ferragens em geral, automóveis e caminhões «Chevrolet», «Buick» e «Opel», Refrigeradores «Frigidaire», tratores «Caterpillar», motores, máquinas, peças e acessórios, câmaras e pneus «Firestone», tintas, óleos, produtos químicos, cristais, vidrarias, louças, porcelanas, etc.

Distribuidora exclusiva para o Distrito Federal, dos Caminhões e Onibus «G. M. C.»

Sede: Armazéns «Importadora»

AV. GETULIO VARGAS, 51/55

-EDIFÍCIO IMPORTADORA-
BELÉM — PARÁ — BRASIL

TELEGRAMAS «IMPORTADORA»
CAIXA POSTAL, 111
TELEFONES: — 4890 (REDE INT.)

FILIAIS:

Âncora, Bragantina, Cosmopolita,
Doméstica, Mascote, Matr. Pêgo.

Posto «Importadora»

Filial no Rio de Janeiro

RUA S. LUIZ GONZAGA, 527
SÃO CRISTÓVÃO

CAIXA POSTAL 3461
END. TEL. «IMPORTADORA»

MARTINS DA SILVA & CIA.

MÁQUINAS E MOTORES

REPRESENTAÇÕES - CONTA PRÓPRIA - EXPORTAÇÃO - IMPORTAÇÃO

TRAVESSA PADRE EUTIQUIO, 157
FONE: 2051 - CAIXA POSTAL, 624
ENDEREÇO TELEGRÁFICO «MARSIL»
BELÉM - PARÁ - BRASIL

MÖLLER S/A

Comércio e Representações
Importação - Exportação
Agentes do Norddeutscher Lloyd, Bremen

*

Av. Comte. Castilhos França, 77
Belém do Pará, Brasil
Caixa Postal. 2
Telefones 4620 e 4513
Telegramas CAURE
Códigos : ACME
Mascotte 2.ª edição

*

Todo o género de Tecidos e
Miudezas aos melhores preços.
Descontos aos Revendedores

A. Mourão & Comp.

Rua 15 de Novembro, 119
Caixa postal, 415
Teleg. - AMOURÃO
BELÉM - PARÁ

Albino Fialho

Laboratório, Drogas
e Produtos Farmacêuticos, S.A.

PRESIDENTE

Doutora D. Raimunda Gomes Valentini

Farmácia e Drogaria Central

Praça da República, 43
Teleg. FIALHO - C. P. 198
BELÉM - PARÁ

Companhia Industrial do Brasil

BELÉM - PARÁ - BRASIL

Capital realizado - Cr\$ 50.000.000,00
Endereço Telegráfico: "CHAMIÉ"
Caixa Postal 295
Escritório: Rua Municipalidade, 398 - Belém
Telefones: 4763 e 4769

FÁBRICA "CHAMIÉ"

Trav. Quintino Bocayuva n.º 167
Telefone, 4068
Beneficiamento de Borracha e Castanha do Pará
Fábrica de Sapato Esporte

USINA "VITÓRIA"

NA ILHA DAS ONÇAS
Beneficiamento de Borracha
e Sementes Oleaginosas

Campos, Monteiro & Cia. Limitada

DISCO DE OURO—Matriz
CONS. JOÃO ALFREDO, 64

OTICA PÉROLA — Filial
CONS. JOÃO ALFREDO, 86

ESPECIALISTAS EM ÓTICA
EXECUTAMOS QUALQUER RECEITA
COM ABSOLUTA PRECISÃO
JÓIAS · RELÓGIOS · IMAGENS · VÍTROLAS
ETC.

Caixa postal. 170
BELÉM — PARÁ

F. S. Carrapatoso & C.^a L.^{ida}

SAPATARIA CARRAPATOSO

Rua Conselheiro João Alfredo. 115
Caixa Postal, 390
BELÉM - PARÁ

The Booth Steamship Company Ltd.

(BOOTH LINE)

SEDE EM LIVERPOOL — INGLATERRA

Navios trafegando entre a
INGLATERRA e a AMAZÔNIA
VIA LEIXÕES e LISBOA

J. R. da Silva Fontes & Cia.
Representações Nacionais e Estrangeiras

Representantes :

da Comp. Antártica Paulista (a melhor cerveja
do Brasil) - S/A - I.R. J. Matarazzo - Cia. Seguradora
Brasileira e outras mais representadas Nacionais e
Estrangeiras

Códigos :

Ribeiro, Mascote, Borges, A. B. C. 5.^ª edição e Particulares
Rua 15 de Novembro, 94 — Endereço Teleg. : SILVANUS
Caixa Postal, 130 — BELÉM - PARÁ

A. Pinheiro & Cia.

Livraria GLOBO

Padre Entiquio. 105/113 - Telefone 4994

Papelaria da MODA

João Alfredo, 104 - Telefone 4989

Endereço Teleg.: Papelarias—Capital realizado: Cr\$ 4.000.000,00
Oficinas Gráficas Globo - Belém - Pará

MANAUS

CAPITAL DO AMAZONAS

MANAUS, é cidade onde o desejo de progresso se afirma em tudo, desde o seu cais movimentado, valiosa obra de engenharia, até às suas ruas largas, bem lançadas e de belos edifícios.

Foi fundada por Guilherme Valente e data a sua fundação apenas do princípio do século XVIII.

A sua história é simples e curta, mas nem por isso destituída de interesse.

Durante muito tempo foi sede da capitania do Rio Negro.

Necessário foi dominar a bruteza selvagem dos índios barés ou manãos; cujos violentos ataques fizeram regar com bastante sangue português o solo da hoje florescente capital do Amazonas.

Mas, por todo o vale amazónico está assinalada a indomável coragem da nossa gente, em marcos que nos assombra pelo titânico esforço que representa, quanto mais não seja a sua condução e colocação onde se encontram.

Fortalezas inexpugnáveis que ainda hoje se apresentam como magníficas defesas estratégicas, cujas paredes têm bem assinalada a acção pouco generosa do tempo.

Avalie-se por elas, pela sua situação, pela época em que foram construídas, entre mil dificuldades, ante as quais não vacilava nem enfraquecia o ânimo dos nossos antepassados, e compreenda-se quanto esforço, quanta coragem, quanta tenacidade e fé demonstrou a gente lusitana por essas inóspitas paragens, nos confins do mundo.

Foi Guilherme Valente, herói, como heróis foram os seus companheiros de luta, e tão tenazes eram os inimigos na defesa dos seus privilégios e independência, como no apego à sua civilização, que o fundador de Manaus teve que servir-se de outros meios mais eficazes do que as armas para vencer os indígenas e aquietar as suas flechas e tacápes.

E o coração, o amor, fez o milagre...

Guilherme Valente tratou de conquistar o ingénuo coração virgem da filha de um dos tuchaus, segundo a lenda que Sampaio recolheu e nos conta no seu «Diário da Viagem e Correição».

Depois acentua-se a acção de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, fazendo sentir-se fortemente na colonização do vale amazónico, cuja riqueza prevista lhe inspirou medidas sábias postas enérgicamente em prática.

E se é facto que o Governador do Grão-Pará errou com a medida que expulsou os jesuítas, cuja obra grandiosa está bem assinalada por todo o Brasil, é também



Doutor Plinio Ramos Coelho
Ilustre Governador do Estado de Amazonas

verdade que deu largas provas de grande acerto, criando o território da Capitania de S. José de Rio Negro, dependência que teve períodos do mais franco desenvolvimento.

Lopo de Almada é outro nome que está vinculado à história do Amazona, ao lado de muitos outros.

Lopo de Almada personificou toda a sagacidade, honradez e capacidade administrativa dos seus patriotas. Fundou fábricas, reorganizou as finanças, estabeleceu fazendas de gado no Rio Branco, zelou pela agricultura e manteve intacta a integridade da capitania ameaçada de conquistas pelos espanhóis.

* * *

Ao subir-se comodamente, num navio quase luxuoso, as calmas águas desse rio famoso, mal se poderá compreender quão estupendo esforço foi o desses nossos

antepassados, iluminados pela ânsia de conquista e colonização.

Assim foram eles, esses admiráveis aventureiros, semeando a nossa língua, ensinando as nossas orações, espalhando os nossos costumes; tornando cada vez mais conhecido e respeitado o nome de Portugal.

Epopeia sublime, que precisa de ser enaltecida e ternamente decorada principalmente por nós, que tanto nos esquecemos das nossas próprias glórias.

E como é consolador, como nos enche de justificadíssimo orgulho ouvir tão longe da nossa terra a mesma língua doce e harmoniosa com que nos expressamos...

Meditam, aqueles que não tenham a sensibilidade embotada pelo doentio pessimismo e descrença da época, em todo esse passado de grandeza e heroísmo; er-

vido patriotismo, que lhes robustecesse a fé nos nossos destinos gloriosos.

* * *

Foi no século XVIII que o Grão-Pará se emancipou do Maranhão. Os seus territórios vinham desde o rio Gurupy até ao Javary, ou seja toda a zona amazônica, que tomando incremento levou a criar-se a Capitania de São José do Rio Negro.

Foi isto em 1757. A sua sede foi estabelecida em Maripuíá, que subiu à categoria de vila.

Prosperou rapidamente a capitania, e o progresso foi exercendo a sua acção benéfica.

O fabrico de óleos de peixe-boi, a extracção de certas espécies botânicas e a preparação de drogas foi constituindo riqueza sãbiamente aproveitada, e atraindo cada vez mais comerciantes e exploradores, que por ali se foram estabelecendo, internando-se pela região.

Fundaram-se missões civilizadoras, em que os carmelitas exercem a sua acção benemérita junto das tribos que povoaram aquelas paragens.

Apesar de todo o esforço dispendido, de toda a magnífica obra realizada, mesmo com a proclamação da independência, a capitania do Rio Negro não passa duma simples comarca do Pará.

Em 9 de Novembro de 1823, possuindo Manaus onze ruas e uma praça, o povo soltou o seu grito de independência acompanhando o resto do País.

Em 1833 foi o pequeno burgo elevado a sede de um termo com direito a Câmara Municipal, emancipando-se de Serpa, como em 1818 repudiara a tutela de Barcelos.

Estes dois nomes são bem um rasto da passagem dos portugueses, e deles é bem rica a região amazônica.

Depois de uma era de agitação, por volta de 1851, era esperado o primeiro presidente e Manaus teve o seu rápido desenvolvimento, que em vinte e poucos anos a transformou por completo numa cidade moderna, opulenta mesmo, graças à sua principal fonte de riqueza, a borracha, a *hevea*

brasiliensis, durante tanto tempo considerada o *ouro branco*, a seiva, por assim dizer, de todo esse esplendoroso progresso.

* * *

Em Janeiro de 1852 foi iniciado o novo governo. Os limites continuaram os mesmos da antiga Capitania de S. José do Rio Negro. E, quando a 15 de Novembro de 1889 o Brasil assistiu à mudança de instituições políticas, já ali se instalara um sistema completo de administração, que os dirigentes com nobreza sabiam tornar cada vez mais proveitoso ao desenvolvimento da província que, então passou a ter a denominação de Estado do Amazonas com todas as suas



TEATRO AMAZONENSE

quem-se diante de nós, como gigantes fabulosos, essas figuras tismadas pelo sol inclemente, de barbas negras descuidadas, de pulsos rijos e fronte alevantada a todo o perigo.

E sentimo-nos pequeninos e insignificantes, ao vermos todo esse passado em ressurreição, avolumando-se, pormenorizando faanhas, recortando figuras de hierática nobreza, vincando gesto de fidalguia arrogante.

Mas sentimos também que o nosso orgulho aumenta cada vez mais e que, de cabeça erguida, podemos afoitamente dizer a todo o Mundo que somos PORTUGUESES.

Os nossos jornalistas e escritores deviam fazer uma peregrinação pelo Brasil inteiro, peregrinação de como-

prerrogativas políticas garantidas pela nova constituição.

Se os amazonenses haviam conquistado com denodo essa situação justa, não desmereceram depois, continuando com afinco a obra maravilhosa de engrandecimento do novo Estado, da transformação e aformoseamento da sua encantadora capital — Manaus.

Se Manaus não é positivamente aquele país de lenda de que um velho cacique contou a Colombo as fabulosas maravilhas: se não é essa deslumbrante terra onde reinava o «El-Dorado», o homem que tinha no corpo reflexos de ouro, tal como no céu pontilhado de estrelas, pode dizer-se que, no resto, é como o foi na imaginação dos antigos a lendária Manôa: possuidora de todas as riquezas da terra!

Manaus é bem, de facto, a cidade das colinas e tinha tudo para poder ser a «Vencza do Novo Mundo».

E se o não veio a ser, não foi, pelo que se sabe, a natureza que àvaramente tirou ao homem os elementos indispensáveis para isso, mas este que os não quis aproveitar, alterando-lhe o perfil.

«Daquela silhueta lacustre — escreveu Raimundo de Moraes — que ela ostentava aos olhares da invasão líbera, resta apenas um ou outro curso dividindo a glêba em curvas de serpentes.

Se os primeiros habitantes civilizados da metrópole amazonense, em vez de contrariarem o traçado original, têm mantido a topografia encontrada, aditando-lhe apenas as belezas da obra de arte, a urbs repen-taria hoje, colorida ninfa de pedra, duma teia sensacional de canais magníficos».

Mas, mesmo assim, nos encanta a cidade a que aos

seus naturais donaires se afazem tão a jeito todos os caprichos que as exigências modernas de conforto e higiene impõe, por onde correm magníficos automóveis, construíram-se excelentes bairros dotados de confortáveis residências e belos edifícios.

Entre eles destaca-se o belo Teatro Municipal, que conheceu noites de glória e soube receber com honras os melhores artistas. Em frente o belo monumento às Amazonas; vemos outros palacetes, edifícios sumptuosos onde se acham instalados vários serviços públicos, tais como o Palácio da Justiça, o Instituto Geográfico e Histórico, a Academia de Letras, o Palácio do Governo, o Museu de Numismática, a Universidade, a Biblioteca Pública, o Ginásio; admiramos aqui e além o panorama esplêndido, enfiados por essas ruas largas, de bons estabelecimentos acolhedores, onde há de tudo, a tentar-nos, onde a Europa com as suas múltiplas seduções está nas deslumbradoras vitrinas.

À noite, Manaus enfeita-se de mil luzes, que lhe prolongam os dias pelo lento caminhar das noites.

Manaus é bem uma revelação, uma surpresa grata e inesquecível.

Bem haja a façanha de Pedro Teixeira, saindo de Cameté em 1637 para subir o Amazonas com as suas quarenta canoas e os seus dois mil homens!

* * *

No rodar dos anos tão grande obra, para a qual não foram pequenos nem poucos os sacrifícios.

E, tanto que, de Manaus, a capital esplêndida do Estado de Amazonas, nos fica uma saudade que se não extingue, uma recordação que se não apaga; que nos leva a prometer que brevemente voltaremos.

NUNES TOMAZ & Cia., Ltda.

Armazens de estivas e bebidas em geral.
Importação directa de todas as procedências
Fornecedores da Praça e do Interior.

R. Guilherme Moreira N.º 211, 221 e 227
Cx. Postal N.º 4 End. Telegr. «Ariacre»
Telefone N.º 1515 - MANAUS

J. Rufino & Cia.

Fazendas e Miudezas por atacado

R. Marechal Deodoro, 63/57
Telef. armazem 1716
Telef. escritório 1547
Telegr. «Rufinos»
MANAUS

S. Monteiro & Cia. Ltda.

REPRESENTAÇÕES - CONTA PRÓPRIA

RUA QUINTINO BOCAIUVA, 83/91 - CAIXA POSTAL, 167 - ENDEREÇO TELEGRÁFICO: «PASCOA» - MANAUS - BRASIL

FÁBRICA FRANCFORT

*Panificação,
Biscoitaria
e Estivas
Fábrica de
Massas Alimentícias
e Torrefação de Café.*

Manaus - Amazonas - Brasil

AVENIDA JOAQUIM NABUCO 732 — TELEFONE, 1723 — CAIXA POSTAL 195 — TELEG. FRANCFORT

Lopes, Santos, Esteves & Cia.

FABRICAS:

MODELO E PORTUENSE

Panificação, Massas Alimentícias e Estivas



AV. JOAQUIM NABUCO, 424 e 554 — TELEFONE: 1703 e 1704 — TELEGRAMAS: PORTUENSE
MANAUS

Perspectiva gloriosa da inesquecível visita do Chefe do Estado Português

a MANAUS

È RAM 17 horas e 30 minutos do dia 21 de Junho quando o avião que trazia o Presidente Craveiro Lopes de Portugal aterrou, vindo da Brasília, no aeródromo local, onde o Chefe do Estado Português era aguardado pelo Governador do Estado do Amazonas, Dr. Plínio Coelho, pelo Prefeito de Manaus, pelo general-comandante da Região Militar, pelo Arcebispo, Senhor D. Alberto Gaudêncio Ramos, pelo Vice-Cônsul de Portugal e pelas figuras mais destacadas da colônia portuguesa.

Depois de executados por uma banda militar os Hinos Nacionais de Portugal e do Brasil, o Chefe do Estado Português passou revista à guarda de honra, que seguidamente desfilou em continência, numa marcha impecável, que o General Craveiro Lopes elogiou.

Deu-se, então, início ao cortejo de automóveis, que do aeródromo levaria o Presidente português à cidade.

O General Craveiro Lopes foi entusiasticamente aclamado, quer na sua chegada ao aeródromo, quer depois, ao longo das ruas da cidade, onde essa noite, depois de um jantar íntimo e de uma visita de cumprimentos ao Governador no Palácio do Rio Negro, o Presidente português assiste, no Estádio General Osório, a uma festa popular organizada em sua honra, com a exibição de ranchos típicos e uma representação de teatro folclórico afro-brasileiro.

Toda a cidade se apresenta coberta de Bandeiras Portuguesas e Brasileiras. Todos os edifícios públicos e todas as casas comerciais estão iluminadas em honra do Chefe do Estado português.

No dia 22, o Chefe do Estado português, visitou, pelas 10 horas, a Beneficência Portuguesa. O Senhor General Craveiro Lopes chegou ao

edifício da Beneficência em automóvel aberto, acompanhado por sua Esposa, pela Senhora de Paulo Cunha, pelo Ministro português dos Negócios Estrangeiros, pelo Embaixador de Portugal no Rio, Dr. António de Faria, e pelo Governador do Estado do Amazonas, Dr. Plínio Ramos Coelho.

A chegada do Presidente foi sublinhada com aplausos calorosos de milhares de pessoas que se aglomeravam próximo do edifício. Foi sobre um tapete de flores que o General Craveiro Lopes caminhou do automóvel até à porta da Beneficência. Aguardavam o Chefe do Estado o presidente da sociedade, António dos Reis Páscoa, que deu as boas-vindas ao Presidente.

No salão nobre, realizou-se, em seguida, uma sessão



Aguardando a chegada de Sua Excelência o Senhor Presidente Craveiro Lopes no Hospital Beneficente de Manaus.



O Presidente da República Portuguesa General Craveiro Lopes acompanhado do Governador do Estado de Amazonas, Doutor Plínio Ramos Coelho e do Senhor Joaquim Marinho, Administrador da Beneficência Portuguesa depois da recepção brilhantíssima em sua honra.

solene, durante a qual o presidente da Beneficência, António dos Reis Páscoa, saudou o General Craveiro Lopes, proclamando-o no final, Presidente Honorário da Real e Benemérita Sociedade de Beneficência Portuguesa de Manaus.

Agradecendo, o Chefe do Estado proferiu um breve discurso, em que afirmou:

«Tenho verificado com grande satisfação que os portugueses em toda a parte em que vivem não deixam de vincular uma parte do seu carácter: o desejo de fazer bem. Os portugueses são conscientes das suas responsabilidades.»

O Presidente Craveiro Lopes desejou o maior desenvolvimento, no futuro, da Beneficência, para bem de todos os portugueses residentes nesta progressiva capital do Amazonas. Finalmente, agradeceu a honra que lhe haviam concedido, ao entregarem-lhe o título de Presidente honorário da Sociedade.

O edifício da Beneficência, actualmente de dois andares, vai ser aumentado e totalmente reparado, segundo se anunciou no decorrer da sessão solene de homenagem ao Chefe do Estado.

O Presidente Craveiro Lopes foi recebido depois festivamente no Centro Lusitano, sede do Luso Sporting Clube e principal centro de reunião da colónia portuguesa local.

Alfredo Rodrigues, presidente da direcção do Centro, recebeu o Chefe do Estado português e a sua comitiva à porta do edifício vistosamente engalanado. Em redor, os elementos da colónia portuguesa, a que se juntaram centenas de brasileiros amigos, vitoriavam o Presidente.

Na sessão solene de boas-vindas que se seguiu, o General Craveiro Lopes declarou que trazia aos portugueses do Brasil a saudação amiga de Portugal e do povo português.

Depois de agradecer o carinhoso acolhimento que lhe foi dispensado o Presidente lembrou que *«nesta terra há sempre uma palavra a dizer dos nossos antepassados brasileiros e portugueses, que a estes lugares, e através de sofrimento sem par, trouxeram a civilização e o progresso.»*

Pondo em relevo a cooperação de esforços que tornou possível a obra grandiosa realizada pelos portugueses no Amazonas e brilhantemente continuada depois pelos brasileiros, o Chefe do Estado terminou o seu discurso declarando:

«Neste momento, incito todos os portugueses a que trabalhem lado a lado com os brasileiros, por forma a tornar cada vez mais próspera esta terra hospitaleira.»

A brasileiros e portugueses dirijo, por igual, palavras de amizade, animando-os a que estreitem cada vez mais os laços existentes entre os dois povos.»

Delirantemente aplaudido pelos portugueses aqui residentes e pelos que, de diversas localidades do Amazonas, aqui acorreram a prestar-lhe as suas homenagens, o Presidente Craveiro Lopes assistiu ainda à cerimónia do descerramento do seu retrato na sede do clube.

Nesse momento, adiantando-se, um humilde trabalhador português pediu licença para falar também. Chama-se Hemetério Cabrinha. Há muito que deixou a sua terra. Mas sente — afirma — ter alguma coisa a dizer em nome do povo humilde, dos seus companheiros de labuta, de toda essa multidão de anónimos, que deseja também saudar o Presidente de Portugal e o seu povo distante. Confessou ter dificuldade em abafar as lágrimas ao trazer aqui as suas saudações ao Senhor Presidente da República.

Havia lágrimas em muitos olhos quando terminou as suas palavras, profundamente emocionado.

Sua Excelência dirigiu-se à sede da Associação Comercial de Manaus onde era aguardado pela sua direcção, à frente da qual estava o seu ilustre presidente Senhor Isaac Sabba que se adiantou para apresentar cumprimentos ao General Craveiro Lopes.

Dirigindo-se, seguidamente, ao salão nobre da Associação, realizou-se a cerimónia da entrega do Diploma de sócio honorário da Associação Comercial do Amazonas ao Chefe do Estado português que, num breve discurso de agradecimento, salientou a existência da comunidade lusitana muito antes de ter sido reconhecida por acordo entre os dois países e formulou votos por que o trabalho da Associação seja «cada vez mais fecundo», pela prosperidade dos seus membros e pela grandeza da sua Pátria.

Prolongadamente aplaudido, o Presidente português deteve-se depois conversando com os mais altos representantes do próspero comércio local, visitou as instalações da sede e foi saudado, num entusiástico discurso, pelo presidente da Associação, Isaac Sabba.

À noite, o Senhor Governador do Estado ofereceu um banquete ao Presidente Craveiro Lopes que proferiu o seguinte discurso:

«A palavra Amazonas e a palavra Manaus salam irresistivelmente à imaginação do povo português. Resoam como voz de epopeia na história das relações entre Portugal e o Brasil. Difícilmente encontrar-se-ão

nas efemérides dos povos sagas mais gloriosas do que aquelas que registam a penetração portuguesa ao longo do rio Amazonas.

A coragem desses homens, nossos comuns antepassados, espera ainda um Camões para a immortalizar em versos de bronze. A tenacidade, a capacidade de sofrimento, a força de coração, nervos e músculos desses pioneiros do Amazonas merecem, e têm toda a nossa admiração e respeito. Não sofreram, não morreram em vão: Manaus o prova. Manaus — esta formosa ilha cercada pelo mar imenso e enigmático da floresta — e o povo que me acolheu com entusiasmo comovedor. Nesse denodado povo, sinto coragem indomável, tenacidade sem par, virtudes de coração e de carácter que, mais do que o aço e a pólvora, foram as verdadeiras armas dos nossos comuns antepassados.

A História de Manaus como a de muitos municípios deste Estado, é História de coragem e de fortaleza de ânimo. Coragem e fortaleza de ânimo presidem aos destinos de Manaus.

Esta ilha encantada — formosa e pitoresca no oceano florestal como as ilhas da Madeira e dos Açores no Atlântico — soube viver e resistir vitoriosamente a extraordinárias vicissitudes.

Generosa e magnificente no período de uma vertiginosa expansão económica, Manaus soube sempre conservar dignidade, esperança e coragem nos anos difíceis que se seguiram.

E, agora, graças ao labor dos seus filhos e à visão de governo dos seus dirigentes, Manaus retomou com segurança o caminho que leva à prosperidade. Sem aquela coragem e fortaleza de ânimo, que este povo herdou e soube conservar dos nossos comuns antepassados dificilmente poderia ter superado a epopeia e o drama do seu passado económico, atingindo o renascimento presente da sua economia.»

Mais adiante, o Chefe do Estado de Portugal referiu-se ao objectivo da sua visita ao Brasil dizendo:

«Não voltaria feliz a Portugal se não tivesse pessoalmente trazido aos povos amazonenses esta mensagem de amizade — este íntimo recado de família — que hoje lhes trago.

«Mais ainda, Sr. Governador: ao pisar nas ruas desta bela cidade pedra portuguesa, pedra morena extraída das serranias da minha terra, sei que, na capital amazonense, eu estava, não figuradamente, mas realmente, na minha própria Pátria — nossa mãe comum.»

Indústria de Alumínio PIRANHA Ltda.

«Uma Organização HENRIQUES»

Escritório: Rua Marechal Deodoro, 154 - 1.º and.
Fábrica: Avenida João Coelho s/n.
Caixa Postal, 123 - Telegramas PIRANHA

CRUZ & CIA. L.^{DA} IMPORTADORES

Endereço Telefónico: CASACRUZ

161, RUA MIRANDA LEÃO, 161 - TELEFONE, 2145
MANAUS - AMAZONAS - BRASIL

J. A. Leite & Companhia Limitada

Importadores
Recebedores de todos os géneros de
produção regional
Navegação regular para os rios Purús-Acre
e Juruá-Tarauacá



Casa fundada em 1884
Rua Guilherme Moreira, n.º 216
Caixa postal, 74
Telegramas: GUAJARA-MANAUS

MANAUS

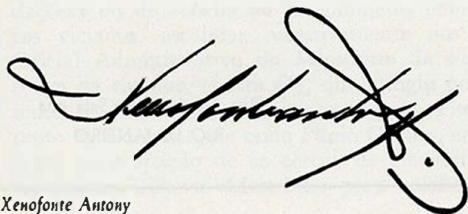
AMAZONAS

BRAZIL

A Revista «DUAS PÁTRIAS», pela inspiração do seu próprio nome, é aquilo que se pode considerar a consolidação de um elo inquebrável que une indissolúvel e secularmente, dois povos que sempre se amaram e sempre se compreenderam — português e brasileiro. A força do sangue, os caminhos da fé, os sentimentos iguais, isto o que decreta união que afrenta os tempos, existe realmente entre Portugal e Brasil. Assim, como brasileiro, sinto-me bem e cheio de emoção, quando por esta tão significativa publicação, mando em nome do Governo do Amazonas e do povo da terra verde, minha mensagem de fé pela continuação cada vez mais fervorosa dessa amizade tradicional que Deus abençoou para todo o sempre.

O Amazonas que experimentou com todos os sentidos a significação fraterna que invadiu a Alma Brasileira, com a visita que marcou um ponto indelével na História do Brasil, do Eminente Presidente da Grande Nação lusa, o Ex.^{mo} General Craveiro Lopes, inscreveu em sua história, com letras redoiradas de luz o grande acontecimento, que mais rediviva torna essa imortal amizade como exemplo a todos os povos do mundo.

Manaus, Brasil, 1957.



Xenofonte Antony



Xenofonte Antony

Governador em exercício do Estado do Amazonas

XENOFONTE ANTONY. Nasceu em Manaus, Estado do Amazonas, no dia 8 de Julho de 1905, filho de Leandro Antony e de D. Maria Ferreira Antony. Estudou em colégios da capital amazonense, cursando depois o Ateneu Pedro II e a Escola Técnica Solon de Lucena. Ingressou na vida pública em 1930, começando na Chefatura de Polícia, hoje Departamento de Segurança Pública, onde exerceu vários cargos. É o titular da Delegacia de Trânsito. Exerceu vários cargos públicos, tendo sido Prefeito do município amazonense de Fonte Boa, Superintendente da Ordem Política e Social, Director da Comissão de Estradas de Rodagem do Amazonas, Deputado à Assembleia Legislativa, onde foi, por 2 anos, o Líder da Maioria. É actualmente o Presidente do Poder Legislativo. Substituiu o Senhor Doutor Plínio Coelho, Governador Constitucional do Estado, por ser o seu substituto eventual de conformidade com a Constituição do seu Estado. É casado com D. Caetana de Borborema Antony e tem um filho menor de nome José de Vila-Rica. É também industrial madeireiro há cerca de mais de 12 anos e proprietário na capital Baré.

Grande amigo dos portugueses, o seu autógrafa, honrando esta Revista é testemunho de seu grande afecto pela Pátria Lusa criadora da grande Nação Irmã que é o Brasil.

Professor Gilberto Mestrinho

PREFEITO MUNICIPAL DE MANAUS

NASCEU Gilberto Mestrinho de Medeiros Rápido no dia 23 de Fevereiro de 1928, na cidade de Manaus. Logo na primeira década de sua existência, quando o País começou a passar pela influência renovadora da Revolução de 1930, despertou Gilberto Mestrinho para os acontecimentos políticos então em evidência, convencido como estava de que, do desenrolar dos mesmos, dependia o bem-estar do povo e o progresso do Estado. Transferindo-se para o município de Labrea, melhor do que em Manaus pôde sentir o abandono em que se achiava o Amazonas, onde o ardor da mocidade Tenentista mal chegara a ser sentido, na Administração Nelson Melo para logo emergir no marasmo da politicagem profissional de elementos prematuramente fossilizados, para as exigências renovadoras da época.

Iniciou o curso secundário no tradicional Ginásio Amazonense. Viajando para Fortaleza, capital do Ceará, concluiu seu curso de humanidades no Ginásio 7 de Setembro e, não obstante às ótimas notas obtidas em todas as matérias, por onde se denunciava aluno aplicado aos estudos e diligente, ainda lhe sobrava tempo para acompanhar o extraordinário surto de progresso da importante capital nordestina, oferecendo-lhe a oportunidade de observar por um ângulo bem melhor o contraste chocante que lhe oferecia o Amazonas, entregue à ambição política do poder e do dinheiro, e completamente indiferentes à sorte do povo e ao progresso do Estado.

Regressando a Manaus, Gilberto Mestrinho continuou os estudos no Colégio D. Bosco, concluindo o Curso Técnico de Contabilidade, e não menos completa ficou também ali sua formação social, moral e cristã, iniciada no lar e usada no meio de quantos o cercam.

Desde então se dedicou ao trabalho árduo e incessante que tem sido o apanágio da sua existência que conta poucos anos, mas tão fecunda, mostrando-nos que nos dias presentes ainda é possível repetir-se, através de persistência e de trabalhos sem descanso, as façanhas de homens de origens humildes, que souberam conduzir seu povo às glórias e à imortalidade, mal entrados na casa dos vinte anos.

Comerciário inicialmente, cuja profissão exerceu como funcionário da firma Sociedade Comissária e de Representação Ltda., logo compreendeu que seu verdadeiro destino estava ligado à Administração Pública, onde ingressando por concurso, como Dactilógrafo do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes, para depois, numa trajectória de vitórias e sempre por concurso, sem a interferência de «cartões de recomendações» ou de «cochichos de gabinete» com politiqueiros viciados, ascender sucessivamente aos cargos de Oficial Administrativo do Ministério da Fazenda, até o fim da carreira (Letra O), que atingiu por merecida sentença Judicial e, finalmente, Agente Fiscal do Imposto de Consumo, de onde Plínio Coelho, em sua constante preocupação de se cercar de elementos capazes, foi buscar Gilberto Mestrinho para colaborar em seu



Prof. Gilberto Mestrinho
Prefeito de Manaus

Governo, primeiramente como Assessor Técnico e depois como Prefeito Municipal de Manaus, comissão que exerce no momento com dignidade e eficiência.

Teve outras tantas actividades, até impossíveis de se enumerar. Todas elas lhe deram valor comprovante de sua capacidade.

NA PREFEITURA DE MANAUS

Assumiu o cargo de Prefeito de Manaus a 1.º de Outubro de 1956. Logo iniciou sua ardorosa campanha em prol da organização da Prefeitura de Manaus.

Deu melhores aspectos urbanísticos a Manaus, promovendo a abertura de novas artérias, pavimentando-as, construindo praças e reparando calçamentos já existentes, abrindo parques infantis, que hoje são contados em número de doze.

Apresentou à Câmara Municipal seu relatório de todo o roteiro de sua administração segura e proveitosa, mostrando que compreende os problemas do seu povo.

Ocioso seria detalhar seus feitos à frente da Prefeitura de Manaus, todos eles actos de um homem desejoso de lançar seu Estado num ápice de progresso, à vista de outros estados, pois no nosso não se gastará muito para provar tal.

FÁBRICA MAGISTRAL

de J. Cruz

BEBIDAS GASOSAS

GUARANA MAGISTRAL, GUARANÁ REGENTE, MATE MAGISTRAL,
ÁGUA TÔNICA DE QUININO, CREME SODA, LARANJADA,
AGUA POLAR E XAROPE.

~

RUA RECIFE S/N — ADRIANOPOLIS
TEL. 1751 — CAIXA POSTAL 188 — END. TELEG. MAGISTRAL
MANAUS — AMAZONAS — BRASIL

Fábrica PROGRESSO

MOVIDA A ELETRICIDADE

Panificação Geral

*FÁBRICA DE MASSAS ALIMENTÍ-
CIAS E TORREFAÇÃO DE CAFÉ*

FABRICA PROGRESSO LDA.

114, RUA DA INSTALAÇÃO, 124
CAIXA NO CORREIO, 210 — TELEFONE 1188
END. TELEC. PROGRESSO — MANAUS BRASIL

M A N A U S — A M A Z O N A S — B R A S I L

SOCIEDADE PORTUGUESA BENEFICENTE DO AMAZONAS

«Detendo-me em várias cidades do Norte, sempre nelas encontrei a Caridade e quem ma apresentava era o português, o ancestral que, depois de haver explorado os mistérios do oceano e defendido a cruz, suspendeu o montante glorioso e, como um templário, fez-se aliviador de agonias. Foi sempre dos fortes essa generosidade e o Lusitano, fiel às tradições dos seus maiores, sempre que edifica uma cidade cuida primeiro de Deus, erigindo a capela, cuida em seguida dos princípios de humanidade construindo a casa santa em que são recolhidos os enfermos que gemem. Bem haja o povo que faz da sua bandeira uma verónica para enxugar o pranto dos desamparados. Manaus, 30 de Agosto de 1899. — a) Coelho Neto».

(Do Livro de visitantes do Hospital da Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas)

FUNDADA em Manaus em 31 de Outubro de 1873, sendo a sua 1.^a Directoria constituída por: Presidente, *José Teixeira de Sousa*; 1.^o Secretário, *Domingos de Almeida Santos*; 2.^o Secretário, *Bernardo José de Sousa*; Tesoureiro, *José Pereira de Barros*; Procurador, *Joaquim Pinto Ribeiro*; Mordomo, *Bernardo Ruiz de Almeida*.

Em 16 de Agosto de 1874 é lançada a primeira pedra do edificio da sua sede social, na Praça Uruguaiana (onde hoje se encontra edificado o Colégio D. Bosco), num terreno com uma área de 12.100 metros quadrados. Porém, dados os fracos rendimentos da sociedade, foi erguido naquele local um pequeno Teatro para, dos espectáculos aí realizados, se conseguirem fundos que permitissem a acção beneficente da instituição.

Quando em Maio de 1877, terrível seca assolou o Ceará em que milhares de brasileiros foram dizimados por tal calamidade, o então Presidente da Província, Dr. Domingos de Almeida Gonçalves, solicitou à Beneficente a cedência do seu Teatro para um espectáculo a favor das vítimas. A Directoria não só cedeu o Teatro mas patrocinou esse beneficio e, logo em seguida, fez realizar outro espectáculo, cujo produto teve o mesmo destino. Vemos, assim, que foram para os nossos Irmãos brasileiros de Nordeste os primeiros beneficios feitos pela Beneficente.

Em 19 de Novembro de 1887 é dada por concluída a 1.^a fase da construção da sua enfermaria, começando, então, praticamente a sua generosa e altruística missão de assistir aos doentes. Foi seu primeiro Director Clínico o *Dr. João Moreira de Magalhães*.

Em 2 de Novembro de 1891 a Sociedade cedeu ao Governo Estado a parte já construída do Edifício Social para instalação de um Asilo de Alienados. A escritura de cedência foi lavrada em 27 de Outubro desse ano, aceitando a Beneficente, como indemnização, um terreno de iguais dimensões, em local a escolher dentro da cidade.

Em 9 de Outubro de 1893 foi lavrada a escritura da compra de um terreno à Estrada Correia de Miranda, hoje Avenida Joaquim Nabuco, por 40 contos e onde

se encontra o actual edificio. Assinou a escritura de compra o Presidente, Francisco Nicolau dos Santos.

A febre amarela grassava, então, em Manaus e dizimava em massa os menos fortes. Por isso, não se poupando a esforços, a Directoria inaugurava o seu primeiro pavilhão em 17 de Dezembro de 1893, com a presença do Governador Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, e vamos encontrar os directores da Instituição a substituir os enfermeiros que, por medo do contágio, fugiam do Hospital.

Seguidamente, foram sendo adquiridos, à custa de enormes sacrificios, os terrenos contíguos de modo a que todo o quarteirão ficasse a pertencer à Sociedade, como, felizmente foi conseguido em 1898 pela Directoria presidida pelo Sr. Caetano Monteiro da Silva, extremo Pai do Virtuoso Vigário da Diocese de Manaus, Monsenhor Manuel Monteiro da Silva.

Em Julho de 1904 é confiada à Comunidade das Filhas de Sant'Ana a administração do Hospital e em 10 de Julho desse mesmo ano é rezada a 1.^a Missa na Capela da Beneficente por Monsenhor Hipólito da Costa.



Sede da Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas

Ao comemorar-se o 31.º aniversário da Instituição, em 31-X-1904, o então Governador do Estado, Coronel António Constantino Nery, oferece ao Presidente da Directoria, Comendador José Cláudio de Mesquita, a escadaria de granito para a entrada principal da Beneficente.

Em 11 de Fevereiro de 1909, Sua Majestade, El-Rei D. Manuel II, concede à Sociedade o título de REAI, — Diário do Governo n.º 282, de 13 de Dezembro de 1909.

Nesse mesmo ano é nomeado Director Clínico o grande cirurgião Dr. Jorge de Moraes, a quem a instituição e o Estado ficaram a dever serviços inestimáveis.

Em 1911 é instalado o serviço de R. X. — o primeiro de todo o Norte do Brasil — o que denota, além do avançado nível daquela época, o amor que os portugueses dedicavam à sua Casa Santa.

Em 1919 é inaugurado o Serviço de Hidroterapia, que era considerado um dos primeiros do País, e até hoje, foi o único instalado no Amazonas.

Nesse mesmo ano a Beneficente cedia à Prefeitura uma faixa de terreno para alinhamento da rua 13 de Maio (actual Avenida Getúlio Vargas), comprometendo-se a Prefeitura a construir o respectivo muro de arrimo e vedação.

Em Janeiro de 1930 faleceu o sócio JOSÉ ELIAS SOARES DO AMARAL que legou à Beneficente todos os seus bens, avaliados em mais de trezentos contos, o que representa hoje mais de seis mil contos.

Como preito de gratidão, a Beneficente mandou erigir em 1932 nos seus jardins o Busto daquele Benemérito cuja memória ficará, assim, perpetuada. Outros benfeitores se lembraram também da Sociedade, destacando-se as figuras de JOAQUIM MOREIRA DA ROCHA, JOSÉ RODRIGUES CARDOSO e JOSÉ RODRIGUES DE MAGALHÃES que, em seus testamentos beneficiaram generosamente a Beneficente.

Em 5 de Outubro de 1933, o Governo Português conferiu à Beneficente o Título de Comendador da Ordem de Benemerência.

1953 — Enchente do Amazonas — A Beneficente coloca à disposição do Governo do Estado mais dez leitos, afim de neles serem hospitalizados os infelizes ribeirinhos, vítimas daquela calamidade.

É também lançada a primeira pedra do imóvel de rendimento, na rua Guilherme Moreira, no dia do seu 80.º aniversário, 31-X-1953, e cuja ideia partiu da Directoria, presidida pelo Dr. Emídio Vaz de Oliveira.

Em 1955, dada a situação financeira do Estado, a Beneficente despendeu em Assistência gratuita mais de UM MILHÃO E CEM MIL CRUZEIROS.

1956 — Bênção e inauguração do Prédio da rua Guilherme Moreira, onde foram dispendidos cerca de dez mil contos, mas onde a Beneficente vai colher um rendimento que lhe assegura uma vida de progresso para o seu Hospital.

São testemunhos como este que a Grei-Portuguesa, deixou para a posteridade, reflexos do seu humanismo, na máxima cristã: *o amor ao próximo.*

SANTOS & CIA.

REPRESENTAÇÕES EM GERAL



End. Electr.: AVEIRENSE
Caixa Postal 224
R. Theodureto Souto, 125
MANAUS - AMAZONAS

«Luso Sporting Club»

SUA FUNDAÇÃO - SUAS ACTIVIDADES - RESUMO HISTÓRICO

EM 1912, um grupo de moços portugueses desejosos de praticar o desporto em todas as suas modalidades, resolveram fundar uma sociedade desportiva, como de facto, foi fundada no dia 1 de Maio de 1912 sob a denominação de «LUSO SPORTING CLUB».

Tendo sido muito forte a sua actuação pelo desenvolvimento do esporte em Manaus, ainda, mesmo assim tem contribuído eficazmente para o maior desenvolvimento da instrução pública, teatro, festas mensais dedicadas aos sócios, etc.

Em 1916 — A sua Directoria resolveu comprar um terreno nos subúrbios da cidade e nele iniciou a construção de um grande estádio, com uma arquibancada para 2.000 pessoas, aonde se exercitavam e praticavam todos os jogos.

Em 1917 — Fundou uma escola de dança, organizou um «Corpo Cénico» e construiu um teatrinho para uso dos amadores e recreio dos sócios.

Em 1918 — Fundou uma escola de Música, organizou uma banda de música e fundou ainda a «Escola João de Deus» cuja finalidade era ensinar a ler e escrever todos os portugueses analfabetos e ensinar aos filhos de sócios e não sócios, sem excepção de nacionalidade, o Curso Médio. Desde a sua fundação, sem a menor interrupção, tem tido sempre, anualmente, uma frequência de 150 a 200 alunos.

Em 1919 — Fundou ainda uma Escola de Ginástica, Esgrima e Tiro ao Alvo.

Em 1926 — O Governo do Estado considerando os bons serviços que a sociedade tinha prestado e continuava prestando em favor do público, por Decreto, considerou-a de «Utilidade Pública».

O Governo de Portugal, por Decreto de 5 de Outubro de 1933, agraciou a sociedade com a comenda de Cavaleiro de Benemerência.

Em 1936 — A Directoria, resolveu construir uma sede-própria e o Governo do Estado, para esse fim, doou à sociedade o terreno necessário, sendo, nesse mesmo ano, lançada a pedra fundamental. E no ano de 1938 fez-se a transferência da Escola João de Deus para a nova sede, assim como os Corpos Administrativos.

A sociedade tem cinco departamentos: Esporte, Corpo Cénico, Biblioteca e Salão de Leitura, Música e Escola João de Deus. Continua realizando festas dancantes mensalmente, espectáculos dedicados aos sócios, e, no fim de cada ano, pelo Natal, diversas representações de uma grande Pastoral, a mais completa até hoje conhecida, cujo resultado é em benefício da «Escola João de Deus».

A sua Directoria, que tantos e relevantes serviços tem prestado, prestigiando o «Luso Sporting Club» é a seguinte:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente	Manuel de Oliveira e Silva
Vice-Presidente	João Carreira
1.º Secretário	Fernando Ferreira Soares
2.º Secretário	Domingos António Pires

DIRETORIA

Presidente	Alfredo Henrique Rodrigues
Vice-Presidente	Armindo Dias Soares
1.º Secretário	Fernando Marques Ribeiro
2.º Secretário	Joaquim Martins Dias
Tesoureiro	Ivan Ferreira Valente (reeleito)
Adjunto de Tesoureiro	António Lopes (reeleito)

DIRETORES

Efectivos	Suplentes
Joaquim Maria Fonseca	Manuel Rodrigues Almeida
Domingos José L. Fernandes	José Fernando Gomes Novo
António Ferreira de Oliveira	José Carvalho
Fernando Gomes Monteiro	Fernando Figueiredo Vilas Boas
Eduardo Gomes Monteiro	Fernando Figueiredo Pereira
Acácio Duarte Ferreira	Paulo Rodrigues de Almeida

CONSELHO FISCAL

Presidente	José dos Santos Gonçalo
Secretário	Adolfo Pereira Lima
Relator	António Queirós Matias

VOGAIS

António Martinho
António Cunha Loureiro
Isaias Costa.



Sede do Luso Sporting Club de Manaus

J. G. ARAUJO & CO., LTD.

**IMPORTAÇÃO
EXPORTAÇÃO**



MANAOS-BRASIL

TELEFONES :

- 2155** — *Gerência*
- 1561** — *Escritório*
- 2291** — *Exportação*
- 1503** — *Arm. Borracha*
- 2573** — *Arm. Estivas*
- 2562** — *Arm. Ferragens*
- 2675** — *Arm. Modas*
- 1159** — *Aviamentos*
- 1216** — *Drogaria Rosas*
- 1189** — *Depósito Mercadorias*
- 1280** — *Fábrica Rosas, Lda.*
- 1271** — *Oficina Mecânica*
- 1138** — *Plantão*
- 1135** — *Serraria*

**R. Marechal Deodoro, 170
Telegramas «Rosas»
Caixa Postal N.º 38
Manaus-Amazonas-Brasil**

DISTINTOS JORNALISTAS DE MANAUS



ARON YPIRANGA BENEVIDES

Escritor e jornalista distinto, cujos livros têm merecido destacada discussão nos meios literários do BRASIL



DENISE CABRAL DOS ANJOS

Directora e Proprietária da importante Revista "Manaus-Magazine"



EDITH FERNANDES BARBOSA

Ilustre Redatora-Chefe da Revista "Manaus-Magazine"

Fábrica **BIJOU**

(ANTIGA FÁBRICA ROSAS)

de J. Barbosa Grosso & Cia. Ltda.

END.: TELEGRÁFICO - BIJOU — TELEFONE: 1280

AVENIDA 7 DE SETEMBRO N.º 1043

MANAUS - AMAZONAS - BRASIL

A MAIOR PANIFICAÇÃO DO AMAZONAS

Estoque permanente de biscoitos, bolachas de todas as qualidades, café, chocolate, farinhas e estivas. Fabricação de massas e macarrão pelo sistema mais moderno. Estivas secos e molhados.

TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ

Moinho Amazonas Limitada

AVENIDA JOAQUIM NABUCO, 319 — TELEFONE 1465

MANAUS - AMAZONAS

A REFINARIA DE PETRÓLEO DE MANAUS

n O dia 21 de junho de 1952 reuniu-se em Manaus um pequeno grupo de homens de negócios amazonenses, liderados pela figura extraordinária do industrial ISAAC BENAYON SABBÁ, com o objectivo de organizarem a «COMPANHIA DE PETRÓLEO DA AMAZÓNIA», incorporada pela firma local I. B. Sabbá & CIA. LTDA., conforme título de AUTORIZAÇÃO do CONSELHO NACIONAL DO PETRÓLEO.

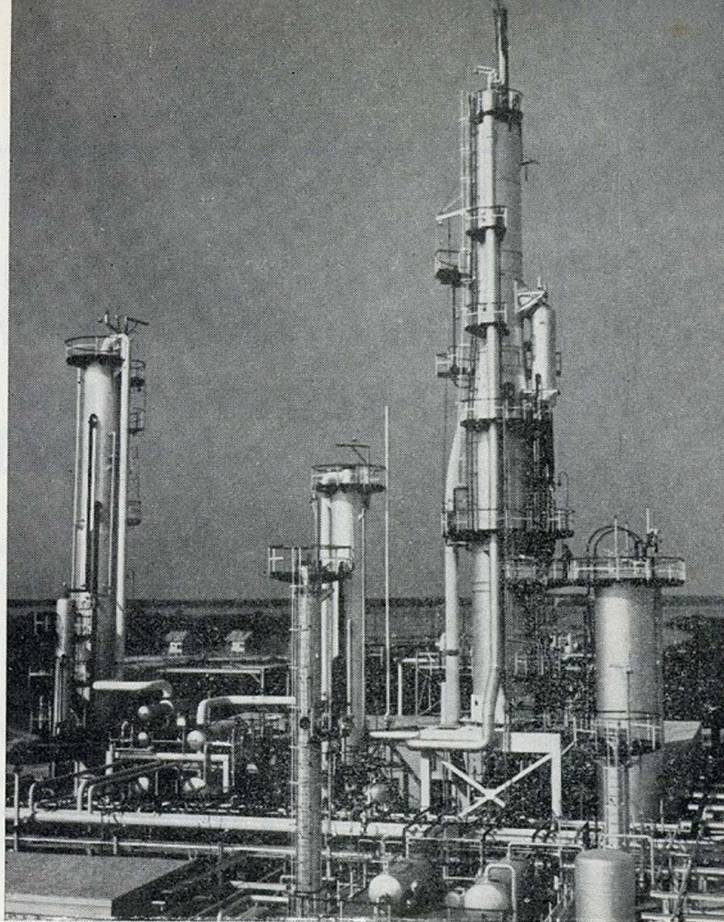
Obtida a licença de importação foi imediatamente contratada uma firma norte-americana especializada na construção de refinarias de petróleo.

A Refinaria de Manaus foi projectada para processar vários tipos de óleo cru, visando principalmente a utilização do Petróleo bruto a ser produzido na região amazônica.

O processamento do cru é feito por intermédio da unidade de topping e de uma moderna unidade de cracking fluido catalítico (F. C. C.). 26 tanques constituem o seu parque de armazenamento de produtos do petróleo com a capacidade total de 500.000 barris.

A refinaria possui também instalações próprias para o funcionamento de água, ar comprimido, vapor, força e luz para o funcionamento normal de suas unidades de processamento.

A Refinaria de Manaus produz gasolina comum, querosene, óleo diesel, óleo combustível e gás liquefeito de petróleo. Diariamente 5.000 barris de óleo cru são processados para atender ao consumo da região abastecida pela Refinaria, que compreende os Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do



Refinaria da Companhia de Petróleo da Amazônia

Norte e Paraíba e os Territórios Federais de Rio Branco, Acre, Rondônia e Amapá.

Actualmente, após dez meses consecutivos de operações normal e eficiente, a Refinaria de Manaus está sendo operada com 95% de técnicos e operadores brasileiros, a sua maioria recrutada na própria região AMAZÔNICA.

O trabalho, a força de vontade inabalável, o espírito de pioneiro, o tirocinio e a visão do grande industrial ISAAC BENAYON SABBÁ que dirigiu e construiu esse monumento erguido no coração da maior bacia hidrográfica do mundo, fizeram um velho sonho tornar-se realidade, e desaparecer para sempre o problema de abastecimento de combustível na AMAZÔNIA.

COMPANHIA DE PETRÓLEO DA AMAZÓNIA

REFINARIA DE MANAUS

Caixa Postal, 233 - End. Teleg.: **Petronorte** - R. Guilherme Moreira, 243 - Manaus - Amazonas - Brasil

GRANDES ARMAZENS DE FERRAGENS DO MERCADO

de J. SOARES, FERRAGENS, S/A.

Capital Realizado Cr\$ 27.000.000,000

CASA FUNDADA EM 1905

*Ruas: { dos Barés, 33 a 51
Rocha Santos, 13 a 15*

End. Teleg. JOTASOARES

Caixa Postal, 205

MANAUS — AMAZONAS — BRASIL

AO MOINHO DE OURO

**TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ
(A VAPOR) E REFINAÇÃO DE AÇUCAR**

A. R. PÁSCOA & CIA. LTDA.

RUA JOAQUIM SARMENTO, 87

TELEFONE 1161

MANAUS

Um paraíso em plena

Amazônia...

Houve um tempo em que a natureza dominava a Amazônia... Floresta bruta. Rio-mar. Feras, répteis, índios — inferno verde! Mas chegou a vez do homem... Em plena selva edificou uma metrópole; ao lado do **inferno** construiu um **paraíso** de conforto: **HOTEL AMAZONAS!** Hospede-se no **Hotel Amazonas** e goze as delícias de um paraíso tropical.

Apartamentos comuns de luxo e super-luxo com ar condicionado, bares, barbeiro, salão para senhoras, restaurante, boite e jardim tropical.



Informações também nos
Departamentos de Turismo:
São Paulo- Caixa Postal 1843
Rio de Janeiro- Rua México, 168-4.º andar
ou na sua Agência de Turismo.

PROPRIEDADE DA **PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO**

Conheça o inferno verde gozando as delícias de um Paraíso.

Andrade, Santos & Cia. Ltda.

ARMAZENS DE FERRAGENS

CUTELARIA, LOUÇAS, MUNIÇÕES, MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, PESCA E CAÇA
ARTIGOS PARA PRESENTE

Rua Marechal Deodoro, 32-40 (em frente ao telégrafo) - Caixa postal, 386 - Telefone, 2914
Endereço Telegráfico AVANTE — MANAUS - AMAZONAS - BRASIL

DROGARIA UNIVERSAL

CASA FUNDADA EM 1882

Importação direta e em grande escala de Produtos Químicos, Especialidades Farmaceuticas, Perfumarias, Artigos de toucador, Utensílios para Laboratórios e Hospitais, Material Cirurgico e outros artigos concernentes ao ramo de Drogaria.

Endereço Telegráfico :
UNIVERS

Caixa Postal, 235

Telefones { 1550 - Balcão
1551 - Escritório
2556 - Gerência

Paulo Lévy & Cia. Ltda.

RUA MARECHAL DEODORO, 135 - 143 — MANAUS

Américo Dinho (Máquinas e Motores) Ltda.

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO

CAPITAL 3.000.000,00

PRAÇA 15 DE NOVENBRO, 139
FONE. 1958 - CAIXA POSTAL, 180
END. TELEGR.: GRIJÓ
MANAUS - AMAZONAS

Américo Dinho & Cia. Ltda.

COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES

CAPITAL 2.000.000,00

END. TELEGR.: GRIJÓ - FONE. 1958 - CX. POSTAL, 180
PRAÇA 15 DE NOVENBRO, 139

MANAUS - AMAZONAS

OLIVEIRA, BARBOSA & CIA. LTDA.

REPRESENTAÇÕES - CONTA PRÓPRIA - IMPORTAÇÃO
AGENTES DA «REAL AEROVÍAS» EM MANAUS

End. Teleg.: VICTORY
Telefone 1444
Caixa Postal. 264
MANAUS

Escritório e Vendas
Rua Guilherme Moreira, 187
Oficinas
Avenida Borba, 758

Flagrantes da Revista-Documentário Luso-Brasileira

«DUAS PÁTRIAS»

QUEM consultar os números da nossa Revista, decerto nota a colaboração preciosa das mais altas entidades portuguesas e brasileiras, em autógrafos que significam opiniões marcantes e definitivas, de responsabilidade presente e futura, e, igualmente, em artigos ou notas extensas, que, apesar de não redundarem em importância autográfica apontam opiniões autorizadas e seguras.

Disto resultou, naturalmente, pela categoria relevada dos nossos colaboradores, uma maior penetração junto das mais altas entidades governativas do Brasil, as quais têm sido duma gentileza e compreensão magníficas, antevisando o papel importante desempenhado e a desempenhar pela nossa Revista.

As gravuras que publicamos, demonstram claramente parte do que escrevemos.



O Presidente da República do Brasil Doutor Juscelino Kubitschek de Oliveira, despedindo-se da Directora da Revista «Duas Pátrias» após a sua entrevista na Palácio do Catete no Rio de Janeiro

A nossa diretora D. Dolores M. Matlas, entregando ao Ministro Interino da Aeronáutica do Brasil, Major-Brigadeiro Armando Sousa Araribóia a mensagem que o Aero Club do Porto dirigiu à acção brasileira, por intermédio da Revista -Duas Pátrias-



D. Dolores Montenegro Matlas, entregando ao Dr. Nereu Ramos, Ministro da Justiça, um exemplar da Revista -Duas Pátrias-

VIDA MUNDANA



*Senhora de Paulo Cunha
Dona Maria Amélia Pita e Cunha*

Dama gentilíssima do mais puro sangue lusitano, embaixatriz da graça feminina portuguesa, que, com a sua distinção e porte naturais, tanto tem contribuído para a imposição das virtudes ancestrais das mulheres de Portugal

PROF. DOUTOR SERAFIM NETTO

Regressaram ao Rio de Janeiro, o ilustre catedrático da Universidade do Brasil e da Universidade Católica do Rio de Janeiro, o Sr. Prof. Serafim Netto e sua esposa. O Sr. Prof. Serafim Netto que veio a Portugal como representante do Brasil ao III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, fez ainda um Curso de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras e proferiu conferências na Universidade de Coimbra. Foi recebido pelo Sr. Prof. Doutor Oliveira Salazar, com quem conversou demoradamente sobre problemas luso-brasileiros.

DR. LOPO DE CARVALHO CAN- CELA

Esteve em Belém do Pará, como convidado de honra ao Congresso Brasileiro de Doenças Pulmonares, que se realizou naquela cidade o distinto Tisiologista português Sr. Dr. Lopo de Carvalho, que nesse Congresso apresentou duas importantes comunicações, e, efectuou ainda conferências noutras cidades brasileiras.

COMENDADOR JOSÉ RAINHO

Esteve entre nós, visitando o seu país, família e inúmeros amigos e admiradores o Senhor Comendador José Rainho da Silva Carneiro, ilustre Presidente do Liceu Literário Português do Rio de Janeiro, grande benemérito, e um dos principais ornamentos da Colónia Portuguesa no Brasil. O nosso muito ilustre compatriota foi recebido pelas mais altas Entidades Oficiais de Portugal, destacando-se as visita que fez a Sua Excelência o Senhor Presidente da República General Craveiro Lopes e Sr. Prof. Doutor Oliveira Salazar, Presidente do Conselho, com quem entreteve uma longa e amistosa conversação sobre vários assuntos que se relacionam com o progresso e alto senso patriótico da Colónia Lusa no Brasil.

VALDEMAR CAVALCANTI

De visita a Portugal, onde lhe foram dispensadas grandes provas de simpatia e apreço, esteve entre nós, o ilustre escritor e jornalista, Sr. Dr. Valdemar Cavalcanti, redactor de «O Jornal» do

«Observador Económico e Financeiro», e do «Jornal de Letras», que é ainda alto funcionário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

DOUTOR NOVAIS FILHO

Quando da sua visita a Portugal, o Sr. Dr. Novais Filho, foi homenageado com um almoço em sua honra, oferecido pelo grande amigo do Brasil, Dr. Nuno Simões, assistindo entre outras destacadas individualidades os Srs. Drs. Raul Barreto e Fanor Cumplido da Embaixada do Brasil em Lisboa.

PROFS. DOUTORES FREITAS SI- MÕES E D. PEDRO DA CUNHA

De regresso do Brasil, encontram-se já em Lisboa os ilustres Professores Catedráticos da Faculdade de Medicina, Prof. Freitas Simões e D. Pedro da Cunha, que no Rio de Janeiro, assistiram ao Congresso de Ginecologia e Obstetrícia.

As figuras mais representativas da Colónia Portuguesa na Capital Federal, prestaram as mais rendidas homenagens a tão ilustres professores.

DR. CELSO CUNHA

Deu-nos a honra da sua visita, o Sr. Dr. Celso Cunha, Director da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro que visitou em Lisboa vários estabelecimentos culturais, que lhe testemunharam o apreço em que é tido em Portugal.

ANTÓNIO PEDRO RODRIGUES

Regressou ao Brasil, o Sr. António Pedro Rodrigues, que veio a Lisboa com a incumbência de organizar a Exposição do Livro Brasileiro, que se efectuou em Lisboa por ocasião do III Colóquio Internacional de Estudos Brasileiros.

DR. CASTRO VIANA

Esteve em Lisboa, vindo de Genebra, onde chefiou a delegação do Brasil, à Reunião dos Ministros de Estado das partes contratantes do Acordo Geral sobre Tarifas Aduaneiras e Comércio (G.A.T.T.), o Doutor Castro Viana, Director Geral da Fazenda do Brasil.

OS HOMENS DE PORTUGAL

e o Mar

A Nação Portuguesa está ligando neste momento três espíritos lusitanos, distanciados de séculos, mas objectivos na sua essência.

Encontram-se D. Dinis e o Infante D. Henrique, símbolos de preparação e execução, com Salazar que tornou possíveis dois dos maiores vultos da Marinha Portuguesa da segunda metade do século XX!

Na realidade, a estrela Salazar, produziu, tornou possível dois grandes planetas, brilhantes, extraordinários: o Almirante Américo Tomás e o Comandante Tenreiro. Ambos impulsionadores de reacção dum mínimo que era zero (o conhecido Zero Naval).

O dinamismo do actual Ministro da Marinha, tornou possíveis realidades tão extraordinárias — tempos atrás julgadas utópicas — tão consoladoras, tão prestigiadas, que, para os que viveram épocas de desorganização, muito embora tenhamos que considerar homens desse tempo como competência indiscutíveis, mas impedidos de «realização», pela balbúrdia das ruas, consequência dum início vulcânico duma era nova, pode parecer milagre o que se verifica nitidamente, em especial na nossa — hoje — Marinha Mercante.

Contactámos com os organizadores do 1.º Congresso Nacional da Marinha Mercante, no qual fomos congressista e membros da «Comissão de Votos» a entregar ao Governo da Nação. O nosso prazer foi enorme ao inspecionar as novas unidades da Marinha, quer de passageiros, quer comercial e industrial — o «Bor-nes», por exemplo.

O «Congresso» constituiu um êxito; para o que muito contribuiu a acção directiva do então Comandante Pereira Viana.

Vai efectuar-se «Segundo Congresso». Mais uma vez, o espírito do Senhor Ministro da Marinha aparece dinâmico. E, sobretudo é de notar, como vulgarização histórica, o facto do dia da Marinha situar-se no dia 20 de Maio, data da chegada a Calicut da frota de Vasco da Gama.

Numa aliança constante de espíritos, o Comandante Tenreiro une a sua acção, o mais estreitamente possível, à do Senhor Almirante Américo Tomás, cujas «despachos» são pedras basilares dum progresso incontestável, verificado depois da guerra de 39-45, em que a nossa frota de pesca era praticamente uma hipótese, pelo limitado número de unidades que possuía.

O Comandante Henrique Tenreiro bem merece dos do nosso progresso naval, na parte respeitante ao «pre-trechamento da indústria de pesca — e o que é muito igualmente sob o ponto de vista social — ao esforço ingente que tem tido para a formação das «Casas dos



Capitão de Mar-e-Guerra Sr. Henrique Tenreiro, dinâmico impulsionador duma grande obra Social, complemento do regresso de Portugal ao Mar.

Pescadores», obra humanamente benemérita, que conta já 28 unidades, onde funcionam escolas, colónias de férias, creches, serviços médicos, maternidades, cantinas, etc. Aliando a este aspecto, uma revolução total dos costumes, os regimes de trabalho e salários, constitui indubitavelmente mais uma coroa de glória do Comandante Tenreiro.

32 são já os bairros piscatórios, a completar da dotação às famílias marítimas das reformas e pensão em casos de invalidez.

Independentemente do exposto, nós verificamos um pormenor da mais alta importância moral: a maneira evidentemente simpática como o Comandante Tenreiro fala com os humildes pescadores, numa camaradagem estreita, que consegue «calar» na alma dos nossos heróicos homens do mar.

Evidentemente que, dentro do seu magnífico espírito organizador, a selecção dos pescadores do bacalhau, mais conhecidos por «banquistas», consegue estabelecer uma elite, a maior parte saída da «Escola Profissional de Pesca», outro título de glória de Henrique Tenreiro, a acrescentar-se à da permanência dum navio de apoio à frota pesqueira — o «Gil Eanes», orgulho da nossa «Marinha de Colaboração», elo moderníssimo dos nossos pescadores com suas famílias, com a «Hora da Saudade».

A importância da evolução extraordinária da nossa frota bacalhoeira, pode resumir-se no seguinte:

Em 1936 haviam 51 unidades de pesca; em 1957 contam-se 75 dessas unidades, mas novas, com estrutura metálica!

Em 1936, a produção da frota nacional era de 20 % das necessidades, havendo importação na escala restante — 80 %!

Hoje, os valores estão perfeitamente invertidos: 80 % de produção e 20 % de importação.

Isto revela e justifica a produção de 1957 em 1.044.400 de quintais aproximadamente.

Se acrescentarmos ao que deixamos escrito o eclectismo político do Comandante Henrique Tenreiro, que se desdobra em vários sectores, podemos avaliar o esforço extraordinário desse homem, que se «sobre-humanizou», que provoca pasmo ao homem vulgar e admiração ao relativamente culto e dinâmico.

Este pasmo e admiração, pelos motivos indicados, provocam igualmente da parte dos inimigos políticos maus — pois que existem inimigos políticos bons, isto é, conscientes e sérios, considerações menos justas.

Porém, a obra do Homem está à vista!

Invejas, incompetências e outros factores de espíritos não conscientes, continuarão — possivelmente — espreguiçando-se ao sol dourado e belo... que nasceu dum nevoeiro brilhantíssima para queimar os maus e dar vitalidade, cada vez mais vitalidade, aos que possuem a Verdade como estrela polar da sua vida!

O Comandante Henrique Tenreiro bem merece dos pescadores que nas suas fainas vêem nascer o sol radioso, continuando os seus trabalhos até ao «ocaso» um céu multicolor, doce e esbatido, apoteose ao trabalho dos homens do mar, a que pertence o Comandante da Brigada Naval, português de lei, como os que subscrevem esta justa homenagem.

JUNTA NACIONAL DA MARINHA MERCANTE



*ORGANISMO OFICIAL COORDENADOR
DAS ACTIVIDADES DA MARINHA
MERCANTE PORTUGUESA*



SÉDE
PRAÇA LUÍS DE CAMÕES, 22, 1.º D.
LISBOA

TELEFONES:
33101
33104
33105



CHURRASCOS TIPÍCOS À GAÚCHA

NA MAIS AMPLA E COMPLETA
INSTALAÇÃO DO RAMO

★

ACEITAMOS ENCOMENDAS DE
CHURRASCOS EM OUTROS LOCAIS

★

A CHURRASCARIA GAÚCHA
NÃO TEM FILIAIS

ESTABELECIMENTO SITUADO NA
R. DAS LARANJEIRAS, 114
TELEF.: 45 - 2665 E 45 - 3185
RIO DE JANEIRO

A ÚNICA CASA GAÚCHA ESPECIALIZADA NO TIPO CHURRASCO

Tecidos - Novidades

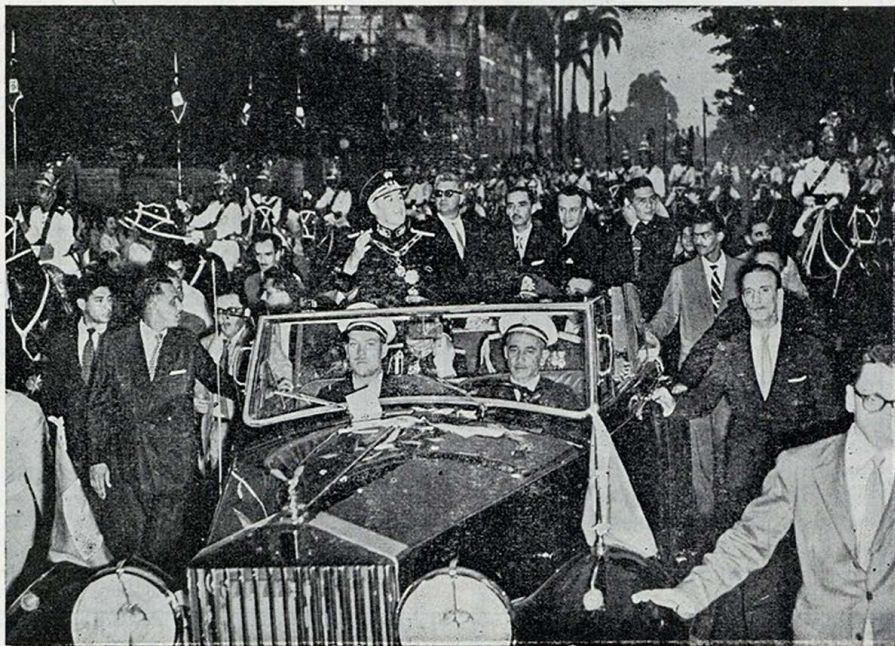
SANTA BRANCA

OUVIDOR, 127 — RIO

Imagens da viagem do Presidente da República Portuguesa ao Brasil

NO RIO DE JANEIRO

A caminho do palácio Catete, o General Cra-veiro Lopes saúda o povo carioca que clamorosamente o ovaciona.



EM SÃO PAULO. O povo paulista assistindo entusiasticamente ao desfile do cortejo presidencial, através das ruas da sua capital.

«AB IMO PECTORE»



Libero Luxardo

Chefe de Gabinete do Governador do Pará

A «Obra» pode ser dum homem; porém, muitas vezes essa «obra» somente se torna possível, pela colaboração que lhe é prestada por elementos vários.

E, quanto mais valiosos forem esses elementos, tanto mais valiosa será essa «obra». De resto, uma «realização» quer seja literária, filosófica, musical ou plástica, mesmo dada a público pela assinatura dum «nome», tem que contar com uma infinidade de elementos psicológicos que influem poderosamente no sucesso dum «trabalho».

Significa isto, que toda e qualquer espécie de boa «colaboração» se torna necessária para um êxito.

Estas palavras envolvem um agradecimento profundo, àqueles que, compreendendo o alcance lusiada da nossa Revista, mostraram uma dedicação magnífica aos nossos

intuitos, numa compreensão de esforços empregados por nós.

Justo é mencionar alguns nomes de prestígio que mais intimamente conosco colaboraram.

Assim, Libero Luxardo, antigo deputado, Chefe do Gabinete do Governador do Pará, possuidor duma cultura sólida e dum dinamismo a toda a prova, como o demonstrou com a organização esplêndida e deslumbrante, que tornou possível a recepção ao Presidente Craveiro Lopes em Belém, uma das mais brilhantes que lhe foram dispensadas.

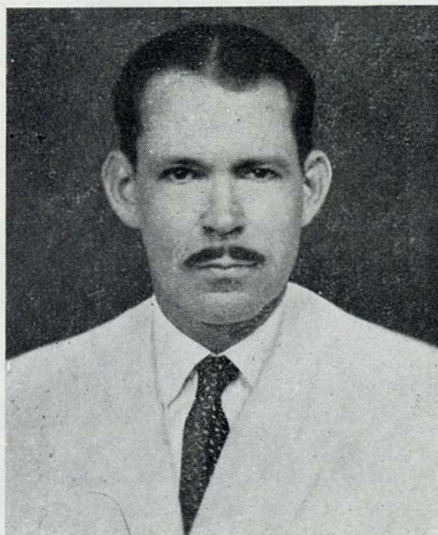
Evangelino Miranda, grande industrial de Belém, espírito cultíssimo, campeão de «bem-fazer», merece uma das citações especiais.

Fernando Campos, o ilustre jornalista do «Estado do Pará», é nome a registar com relevo, nas palavras que deixamos escritas.

Um carinho natural vai, por exemplo, para Diógenes dos Santos que, além dum grande organizador comercial, é director distinto da «Beneficente de Manaus», português de lei, natural de Aveiro, e um «brasileiro» de coração.

O Professor Wilson Cruz, ilustre pedagogo de Manaus, considerado um funcionário zeloso entre os mais zelosos, merece o nosso reconhecimento.

Também a nossa gratidão vai para o Coronel Edyvio Sanctos, aviador distintíssimo, que tanto facilitou a nossa missão, missão essa colaborada pelos ornamentos valiosos da F. A. B., os ilustres capitães Almeida Monteiro e Pitaluga.



Diógenes Santos

Sócio da firma Santos Lda.

Natural de Aveiro - Director da Beneficente Portuguesa de Manaus



Coronel

Edyvio Caldas Sanctos

Distinto e valoroso aviador, antigo Chefe de Relações Públicas do Ministério da Aeronáutica do Brasil.

Não poderemos esquecer também o Senhor Isaias Bento, português de raça, importante comerciante e grande desportista, apaixonado pelas coisas da aviação, generoso, que sempre nos acompanhou nos passos mais difíceis da nossa incumbência jornalística.

Extensa seria a galeria; mas não queremos terminar as nossas palavras de agradecimento, sem deixar de mencionar o nome do ilustre Inspector da Fazenda Pública, Senhor Leão, alto funcionário de Manaus, que tão dedicadamente connosco colaborou.

Nós sabemos, nós compreendemos o sabor lusíada que respirámos nos locais onde encontrámos tão desvelados amigos. Nós vivemos uma euforia imensa, nós sentimos a camaradagem, o carinho, as atenções que nos dispensaram.

No Brasil, portugueses ou brasileiros, todos lusíadas, têm compreendido a nossa acção em prol dum entendimento perfeito entre as duas Nações atlânticas, Pátria única do espírito lusitano, orgulhoso da civilização que espalhou pelo Mundo, cimentando em amor cristão, o que outros, iguais nos tempos séculos atrás, e mesmo hoje, pretenderam e pretendem conseguir à força das espadas, dos canhões e doutros engenhos mortíferos.

Saudemos num grande abraço os nossos amigos do Brasil, afastando simbolicamente o Equador, para unir-nos as águas do Tejo às do litoral brasileiro num grande abraço lusíada!



Isaias Bento

Grande comerciante de Manaus, apaixonado pelos assuntos aeronáuticos



Capitão Sylvio de Almeida Monteiro

Piloto de caça e transporte com mais de 4.000 horas de voo



Evangelino Miranda

Importante comerciante de Belém

BAÍA DE S. SALVADOR

É a primeira terra do Brasil que viu as caravelas de Pedro Álvares Cabral, terra que mantém ainda as mais nobres tradições portuguesas, que nos falam eloquentemente do nosso Passado heróico e esforçado.

Toda a história deste operoso Estado é motivo de orgulho para portugueses e glória para os brasileiros.

Aqui nasceram Dantas, Sergipe e Ruy Barbosa, trindade formidável de titans da civilização.

Ao desembarcar-se em Baía de S. Salvador, tem-se a grata impressão de se nos terem aberto de par em par as portas de vetusto solar fidalgo, onde tudo nos fala do Passado, até a amabilidade cativadora da sua gente afável, como o sabia ser a «gente de algo» que nos lembram ainda os pergaminhos que o tempo envelheceu.

A cidade galga sobre colina, que o sol irradiante doira, fazendo sobressair as muralhas enegrecidas e o aspecto patinado das igrejas e antigas casas solarengas que fizeram a grandeza da Baía «a boa terra, onde o Brasil nasceu».

A Baía, a velha capital da América Portuguesa, é também museu de raras preciosidades, que a cultura e o bom senso patriótico dos seus mais ilustres filhos, procura paternalmente defender das fúrias iconoclastas do tempo e da ignorância.

Nela existem magníficos documentos dos três fecundos séculos da vida colonial, «desde o descobrimento até ao tempo fútil e gracioso do quitó e da cabeleira», que fazem com que não seja possível viver na cidade de Tomé de Sousa sem ter a cada momento a erguer-se da nossa imaginação passado que nos assombra pelos exemplos de heroísmo e temeridade que nos legou. E quem há que não evoque a acção dos grandes governadores quinhentistas?

«Daqui se impulsiona o avanço lento mas firme que vai levando as quinas e o Brasil cada vez mais ao norte; à Paraíba, ao Rio Grande, ao Ceará, com um prodigioso desenvolver de esforços que só se compara à máfia dos recursos, quando os núcleos de população lusa separados pela imensidão das costas vivem entre dois contínuos sobressaltos: o da agressão branca, vinda do mar e o da repulsão vermelha, vinda da terra... E é efeito dessa solidariedade lusitana de aquém e de além Atlântico essa jornada memorável o que cerca o triunfo esplêndido do primeiro de Maio de 1625». (Dr. Afonso Taunay).



Aqui nasceram ainda, além dos já citados, outros grandes homens ainda vivos, glórias do Brasil de hoje.

E quem poderá ficar indiferente ao contemplar a imagem de Nossa Senhora que Tomé de Sousa desembarcou religiosamente e ainda se encontra na vetusta igreja da Ajuda?

«... ninguém em nosso país, de longe sequer, possui tão rico, tão antigo e tão sugestivo tesouro». (Dr. Afonso Taunay).

Em cada igreja o esplendor dos ornamentos doirados sem jaça, que até parecem de hoje — se hoje assim trabalhassem mãos habilidosas e elas tivessem tão puro oiro para os caprichos da sua imaginativa — a representarem essa feição artística que marcou tempo na história da Arte, inspirando-se na fé cristã, que tanto auxiliou os lutadores intemeratos que levaram tão longe a cruz do Redentor.

Azulejos reproduzindo cenas de ingenuidade flagrante, costumes de outros tempos remotos, que ainda hoje nos encantam, motivos de fé e ensinamentos humildes; esses azulejos tão portugueses, de azul puríssimo inspirado talvez nessa luminosidade transparente de que Portugal só tem par no Brasil.

Pátios sossegados e frescos, onde a água canta suavemente, claustros silenciosos onde passearam e meditaram aqueles a quem a civilização tanto deve.

Portas e janelas e alpendres, àquela feição tão nossa e tão bem adaptada ao nosso modo de viver.

Terra onde esse tão caluniado D. João VI, vinte e seis dias depois da sua chegada, fundou a primeira Escola Cirúrgica «plantando o primeiro marco de ensino médico no Brasil».

Terra onde paira ainda o eco da voz de António Vieira, modelador primoroso da língua, que soube tocar de beleza surpreendente, imortal, dando-lhe todos os encantos da poesia e da escultura, da pintura e da música, com o génio de iluminado; terra onde se conserva ainda o púlpito de onde foram proferidos tantos desses sermões maravilhosos, obra de um lavrante má-

gico da palavra, e onde foi também pronunciado o célebre sermão contra as armas holandesas, que o abalizado e insuspeito Raynal considera a mais bela obra da oratória de todas as línguas e de todos os tempos.

Terra a que se quer com a ternura de neto amado.

Terra que progride e avança sempre na senda maravilhosa dos maiores aperfeiçoamentos e não lhe servem de estorvo, antes de encitamento, esses padrões que são os seus mais honrados e mais caros pergaminhos.

Pergaminhos que, com ufanía, sabe ostentar.

Progride e avança nas letras e nas ciências e nas artes, com os expoentes magníficos dos seus mais positivos valores em todos os campos da actividade intelectual.

Visite-se a «Casa da Baía», o Instituto Histórico e Geográfico, e ter-se-á a noção verdadeira do valor dos homens da Terra do Salvador, como das tradições que ali se conservam amoravelmente. É lar onde reinam os mais puros affectos a tudo o que é investigação que engrandece, que esclarece, que orienta no caminho do passado; casa de trabalho onde a única aspiração é a grandeza deslumbradora da terra bem-aventurada onde o Brasil nasceu.

Progride e avança no desenvolvimento das suas artérias e jardins e dos seus edifícios a que os velhos templos e os vetustos solares, coevos dos senhores governadores e dos capitães-móres não fazem sombra, antes nos lembram simpáticos avós a darem conceituosas lições aos netos endiabrados e irreverentes.

Quanto tem para ensinar aos artistas sinceros esta linda cidade museu.

Progride e avança na graça sedutora das suas mulheres lindas, que são bem a expressão da beleza brasileira. E já as não vemos com os seus atavios, que mal deixavam adivinhar-lhes os encantos para mais desejadas serem, admiramo-las no ritmo airoso do seu andar, na pureza das suas formas coadas pelos vestidos que a moda, iconoclasta impenitente, impõe e, sobretudo, deixamo-nos cativar do seu sorriso gracioso, da expressão dos seus olhos ardentes e profundos, de meiguice sem par.

A baiana!...

Que palavras há para a descreverem na musical forma do seu andar saltitante de avesita inquieta, quando ela se enfeita e adorna *coquette* com as tafularias da sua predilecção, as sedas de cores berrantes, a sua saia rodada como um bailado, os grandes argolões balançando-se nas orelhas, os longos cordões de grossas contas multicores, em volta do pescoço, e delas pendentes as enormes figas de azevinhe e Guiné, os braceletes subindo enroscados pelos braços bem torneados, negligenteiramente ao ombro os gritantes panos da Costa, a cabeça enrodilhada em sedas de colorido vistoso, sorriso tentador à flor dos lábios sensuais e a harmonia inegalável da sua voz muito meiga, aliciadora, que nos fala ao coração como um afago.

* * *

Há uma peregrinação que se nos impõe, pelos velhos templos que são a riqueza maior da religiosa Baía.

Começamos, como é justo, por S. Francisco. Fundaram-no em 1587 frades menores da piedosa ordem e só em 1750 se achava completo. É verdadeiro monumento

barroco, de grande riqueza, de maravilhosas talhas doiradas a revestirem-nos por completo, em complicados floramentos, caprichosos arabescos, rechonchudos anjinhos, contorcionamentos, de linhas, como volutas saindo do incensório imenso da fé mais firme, com magníficas imagens e preciosas pinturas e azulejos, que lhe foram doados por D. João V, principalmente os do claustro, o rendilhado caprichoso dos púlpitos de jacarandá, os arcazes da sacristia, etc.

Dentre as imagens fixam-se no nosso espírito a expressão dolorosíssima de S. Pedro de Alcântara, obra de Manuel Inácio da Costa, que nela deixou alto documento do seu grande valor; a de Santo António, as das Senhoras de Sant'Ana, da Conceição e da Piedade que revelam bem o engenho de singulares imaginários.

Lá está também a magnífica lâmpada da capela-mor toda de prata trabalhada no Porto pelas mãos hábeis dos nossos imaginosos lavrantes.

Mas iríamos longe nesta tentação de esmiuçar as riquezas que este potentoso museu que a Baía conserva religiosamente, nos revela aos olhos ávidos e ao espírito sequioso de beleza.

Temos depois outras igrejas, mais pobres, por certo, menos interessantes sob o ponto de vista histórico ou artístico, mas onde ainda muito se encontra de valioso.

Daria, certamente, grosso volume de grande valimento esta peregrinação pelos velhos templos da Baía.

De par com as igrejas, testemunhas de tanta fé, os velhos paços e casas solarengas, tantos por onde a adversidade passou deixando rasto impercível, tantos que se estão esboroando pouco a pouco, mal mostrando os restos de opulência, de galharda nobreza, de fartura e esplendor.

Fortalezas também lá estão como pombal de evocações históricas, em que tanto se prende o nosso espírito amante impenitente destas coisas, que são páginas de brilhantes feitos.

São eles: Santo António da Barra, a primeira fortaleza da Baía; Santa Maria, São Filipe, São Pedro, Barbalho, Santo Alberto, Monserrate e outras, a darem suas linhas de característica arquitectura, venerando aspecto ao solar fidalgo que é esta nobre cidade do Salvador, a capital da Baía, onde está jorrando pujante e rica a seiva do mais puro, do mais sincero, do mais nobre brasileiro.

* * *

«Uma Musa deu à Baía o seu sopro, a sua eloquência, a sua alma. Foi o primeiro fragmento da terra de Santa Cruz, onde o verbo divino projectou a luz celeste. E essa luz tinha a castidade e a doçura das virgens suaves do Perugino e do Rafael. Na escuridão em que vegetava o Brasil, foi na Baía onde se rasgou o primeiro sulco da luz mediterrânea». (*Dr. Assis Chateaubriand*).

* * *

«O génio de adaptação e catequese dos portugueses; a espiritualidade da sua conquista; a potencialidade da sua construção política; a força da sua fé e a persistência da sua coragem, lá edificaram os monumentos impercíveis, da defesa do país».

Como é bom ler palavras destas, quando escritas por um ilustre brasileiro como é o magnífico Reitor da Universidade do Brasil, Doutor Pedro Calmon.

ESPECIAL PARA
"DUAS PÁTRIAS"

Autógrafos

De Sua Eminência o Senhor Cardeal da Baía, D. AUGUSTO DA SILVA

Duas Pátrias

*Tempre que tenho a felicidade de
rever Portugal, senti-me refaço de ser
filho de um país que tem por Pátria
- Portugal. baseo, por ele a minha
admiração e com esta o meu amor
à sua nobre gente da qual herdamos
a fé e a bondade de coração*

+ Augusto, Card. Da Silva

De Sua Excelência o Senhor Governador do Estado da Baía
Doutor ANTÓNIO BALBINO

A comunhão Luso-Brasileira é um património sagrado que incumbe preservar e valorizar, não só como dever, mas também como imperativo do espírito e do coração que sempre se volta para Portugal em efusões e carinho de filho fiel às inspirações paternas.

António Balbino

ESPECIAL PARA
«DUAS PÁTRIAS»

Prof. Doutor

HERNANI CIDADE

Ilustre professor catedrático que esteve recentemente leccionando na Universidade da Baía.



Prof. Doutor Hernani Cidade

ESTÃO há muito esgotadas todas as riquezas do vocabulário e da imaginação que as cria, às quais temos confiado a expressão da nossa fraterna estima pelo Brasil. Como, porém, não são as expressões verbais as mais eficazes para convencer da capacidade dinâmica dos sentimentos, importa passar além deles — para o domínio das realizações. O que se tem feito nos últimos tempos tem ainda proporções de prefácio e programa, quando muito de ensaio quase tímido. É preciso que nenhuma voz que tenha direito a fazer-se ouvir, deixe de ser ouvida por públicos de ambas as pátrias.

Convívio e colaboração de quantos representando a cultura feita ou a cultura a fazer-se, sejam necessários para a formação da super pátria espiritual de luso-brasilidade!

Alfredo Pimenta

VIAGEM DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA AO BRASIL

na *Baía*



Pormenor do Cortejo Histórico através das ruas da cidade da Baía em honra do Senhor General Craveiro Lopes

VERDADEIRA emoção apoteótica — eis a expressão com que podemos descrever, numa perfeita síntese, a recepção que o povo do Brasil prestou ao Chefe da Nação Portuguesa, Senhor General Craveiro Lopes.

Ao chegar o Senhor Presidente da República à bem evocativa cidade de S. Salvador da Baía, logo a alma brasileira manifestou, ardentemente, os seus sentimentos de amor filial à terra lusa e a expressão eloquente dos seus desejos sinceríssimos de Boas-Vindas.

S. Salvador da Baía ofereceu ao Chefe da Nação irmã um espectáculo admirável de fé e ternura na perenidade da amizade atlântica e que teve o seu mais elevado expoente no soberbo cortejo histórico, em que desfilaram, como símbolos vivos duma constante espiritual, as mais belas imagens das páginas gloriosas de uma crónica comum de triunfos e de certezas intemporais.

Essa incomparável manifestação de afectos lusiadas traduziu-a o Senhor General Craveiro Lopes, afirmando:

«O Estado da Baía está gravado no coração dos portugueses. Os parentes em Portugal dos portugueses do Brasil agradecem o tratamento fidalgo que aqui lhes é dispensado».

Estas palavras reforçam aquelas que o Senhor Presidente da República proferira ao desembarcar em terra brasileira.

Foi a Baía a primeira terra brasileira que teve a honra de receber o Chefe do Estado de Portugal, que assim iniciava a sua gloriosa e triunfal visita à Pátria Irmã, o nosso querido Brasil. Eram 8 horas do dia 5 de Junho. O avião presidencial aterrava no aeroporto militar de Santo Amaro de Ipiranga.

Aguardavam Sua Excelência, tendo à frente o ilustre Governador do Estado, o Senhor Doutor António Balbino, acompanhado do Ministro dos Negócios Estrangeiros português, chegado na véspera no «Vera Cruz» e o Embaixador Dr. António Faria, as autoridades esta-

duais, destacando-se entre os presentes, Sua Eminência o Cardeal D. Augusto Álvaro da Silva, arcebispo da Baía, Bispo-conde e Primaz do Brasil, bem como os membros da comitiva brasileira e do Gabinete Militar, postos à disposição do Presidente Craveiro Lopes pelo Governo Federal.

O Presidente da República Portuguesa, rodeado de todos os ilustres presentes pronunciou as seguintes palavras.

«Ao pisar terra brasileira no magnífico Estado da Baía, desejo dizer-vos que sinto profundamente a emoção deste passo histórico, porque de um passo histórico se trata. É a terceira vez que um Chefe do Estado de Portugal vem a esta terra acolhedora e forte. E sinto que mais um elo se forjou na cadeia, flexível ainda que forte, e forte porque é voluntária, que une o meu País ao vosso».

Deixei Lisboa há algumas horas apenas. No caminho parei em território português — em Cabo Verde. E agora, entre vós, vejo que continua o ciclo luso-brasileiro e que para todos — quer vós vos encontreis em território lusitano, quer nós, portugueses, nos encontremos em terra brasileira — as duas Pátrias se entrelaçam na mesma harmonia de sentimentos, no mesmo amor profundo e ancestral de uma Civilização que nos é comum, na mesma inabalável resolução de conservarmos intacto, livre e próspero o legado dos nossos Maiores.

E, por isso, eu experimento — aqui no primeiro torrão brasileiro que piso — aquela comovida doçura, aquele sentimento de absoluta confiança e bem-estar que só é possível sentir-se entre família, entre irmãos — entre Portugal e o Brasil».

* * *

Após os cumprimentos apresentados pelas altas entidades oficiais que se encontravam na aeroporto, organizou-se o cortejo até à entrada da Vitória, em frente do Palácio da Aclamação.

Milhares de pessoas, colocadas ao longo do percurso, aclamaram entusiasticamente o General Craveiro Lopes, agitando lenços e bandeirinhas portuguesas e brasileiras.

O Presidente de Portugal seguiu no carro do Governador do Estado da Baía, António Balbino. «A Baía saúda o Presidente Craveiro Lopes», uma verdadeira chuva de papelinhos multicolores e flores caiu sobre o automóvel do Chefe do Estado Português.

Vivas a Portugal e ao Presidente Craveiro Lopes sucediam-se, a cada passo, lançados por portugueses e brasileiros.

Ao longo de todo o percurso, na majestosa avenida ladeada de coqueiros, os prédios ostentavam as bandeiras de Portugal e do Brasil, os dísticos de boas-vindas e de saudação alternam com os escudos dos dois Países e frases como «*Portugal e Brasil irmanados na Paz*» repetem-se nos cartazes que cruzam a avenida marginal e numa das mais belas praias do Mundo — do Itapoá — as famílias dos pescadores da região reuniram-se desde as primeiras horas da manhã para saudarem, à sua passagem, o Presidente português.

Ao chegar à Barra, o cortejo presidencial deteve-se junto ao monumento comemorativo do quarto centenário da cidade. Uma galera de seis metros de altura, encimando a lápida que reproduz versos dos «*Lusíadas*», foi ali colocada, assinalando o local exacto onde, em Março de 1549, desembarcou o primeiro Governador-Geral do Brasil, Tomé de Sousa. O monumento, oferecido à cidade pela colónia portuguesa, foi inaugurado em 1952. Junto dele e da galera alegórica o Chefe do Estado português recebeu os primeiros cumprimentos dos representantes da colónia portuguesa da Baía.

Reorganizado o cortejo, seguiu este à entrada da Vitória, em frente do Palácio da Aclamação, onde o Presidente Craveiro Lopes passou em revista as forças de terra, mar e ar.

O CORTEJO HISTÓRICO E FOLCLÓRICO

Diante do Palácio e bem junto ao monumento que perpetua a recordação da visita do Príncipe Regente em 1808, foi construída a tribuna a que o Chefe do Estado de Portugal subiu para assistir ao desfile das forças militares em continência.

Findo este, realizou-se o cortejo histórico e dos quadros vivos de folclore baiano, organizado pelo Governo estadual.

Abrem o cortejo duas crianças, trajadas à moda portuguesa do século XVIII, trazendo nas mãos ramos de flores e logo seguidas de um pregoeiro da mesma época e de seis assistentes que anunciam o início do desfile.

E surge o primeiro carro alegórico — o da nau de Cabral, onde figuras representam os primeiros homens brancos que aportaram às terras promissoras do Brasil. Outro carro, com as suas 25 figuras, recorda a Segunda Missa — aquela que marcou o início efectivo da ocupa-

ção e da missão apostólica dos portugueses desembarcados na Baía. Seguimento natural desse carro, outro aparece: o da fundação da cidade, por Tomé de Sousa e comitiva. Entre as suas 30 figuras avultam a do governador-Geral, no momento em que é recebido pelo Camururu e por Catarina Paraguaçu, servindo-lhes de quadro os primeiros colonos desta terra e um grupo de índios, vindos propositadamente, com seus trajos coloridos e suas penas características, das regiões distantes do Brasil moderno, onde mantêm os usos tradicionais da sua raça. E, logo após, os produtos do país nos primeiros anos da colonização, com suas nove figuras alegóricas expressivas. Depois, é o carro da civilização triunfante, da aristocracia do Brasil português: dois pares de fidalgos do século XVII e, no mesmo carro, o quadro vivo, gracioso, de seis pares de jovens em passos de «minuette». Vem depois a contribuição da África Negra para o progresso brasileiro; o carro dos escravos, com 13 figuras cheias de vida e de vigor. Mas já os olhos se voltam para a pompa do carro seguinte: é o do Príncipe Regente que desembarca em terras de Vera Cruz com sua comitiva — 12 figuras. Outras 12 figuras, no carro seguinte, dão a visão deslumbrante do que foi a Corte de D. João VI — do que pode chamar-se o início do Brasil moderno. E, complemento deste, um grupo de damas em suas cadeiras de Arruá representa o mais requintado conjunto de beleza e de cor do desfile nas suas 18 figuras. Eis, porém, que se aproxima a Independência — o Grito do Ipiranga. São 9 figuras que parecem talhadas em pedra, reproduzindo o quadro célebre do dia em que nasceu o Brasil-nação. E porque nesse momento surgiu também a colónia portuguesa no Brasil — é o quadro que se segue, homenagem ao trabalho português que continua no jovem País irmão: são «as oito primas da Baía» em oito belas figuras que simbolizam as oito províncias portuguesas da Europa. E, a terminar, o carro alegórico que é o símbolo de todo o cortejo, de toda a História que ele evocou, da realidade sempre actual — o carro da amizade luso-brasileira, com suas 20 figuras e seus grandes corações engrinaldados de flores.

Depois do cortejo histórico — o cortejo folclórico. Alegria os olhos o primeiro carro. É o das «baianas da Cachoeira» — com seus lenços coloridos, as saias rodadas que ondeiam e as cinturas finas marcadas pelo «*Josézinho*» — o casaquinho curto e cintado com abas graciosas recortadas. Nas orelhas, enormes argolas de coral. Cintilam, alacres, os seus colares sobrepostos, de mil cores. Os olhos seguem o seu rasto de beleza e de colorido gritante, para se voltarem, logo depois, para o carro dos homens do mar — 13 figuras de pescadores, com suas jangadas e seus apetrechos de pesca. E vem depois o carro monumental da «romaria da lavagem do Bonfim» — toda a evocação da chacina ordenada pelos holandeses nas escadas do Bonfim e das senhoras da aristocracia que por suas mãos lavaram a escadaria do sangue dos mártires, para que se realizasse a romaria. Toda a evocação de uma das mais belas páginas da História típica da região. E logo o carro maior do cor-

tejo — 75 figuras a todo — o do Afaché. Tem-se a impressão de não chegar o tempo da sua lenta passagem para ver tudo, para compreender todas as cenas que apresenta, para aprender a imensa evocação dos costumes da Baía, aqui ressuscitados por milagre. Para terminar, os maqueiros engurados do sertão — os homens que levaram os pioneiros às regiões remotas do interior brasileiro, misto de guia e de carregador, auxiliares preciosos do progresso e do comércio, tipos característicos da Baía — num carro de 15 figuras admiráveis.



O Doutor António Balbino, ilustre governador do Estado da Baía, agradecendo a condecoração que lhe foi concedida pelo Presidente da República Portuguesa

Todo o comércio encerrou as suas portas, solidarizando-se com o feriado municipal decretado para as repartições públicas e para as escolas.

Após o desfile dos maravilhosos cortejos histórico e folclórico que tão profundamente impressionou S. Excelência, o Senhor General Craveiro Lopes, acompanhado do Governador do Estado e comitiva, dirigiu-se à sala de jantar do Palácio da Aclamação onde lhe foi oferecido um almoço, tendo o Chefe da Nação Portuguesa em resposta à saudação que lhe dirigiu o Governador do Estado da Baía proferido o seguinte discurso:

«Senhor Governador do Estado da Baía,

V. Ex.^a acaba de me dirigir palavras que o meu coração de português ouviu com emoção e reconhecimento. Aceite V. Ex.^a os meus agradecimentos calorosos.

E assim como, entendi, dirigindo-se ao Chefe do Estado de Portugal V. Ex.^a dirigia-se efectivamente a todos os portugueses, assim dirijo-me a todos os brasileiros do Estado da Baía, quando, como agora, falo, ilustre Governador.

Mas não tenho que agradecer apenas as inspiradas e eloquentes palavras de V. Ex.^a ou a recepção brilhante que o povo da bela capital me reservou: os meus agradecimentos, Senhor Governador, abrangem espaços mais dilatados, períodos mais longos.

Desejo agradecer a este Estado, na pessoa de V. Ex.^a o acolhimento, a insatigável generosidade e o fraterno carinho que, desde o começo da nossa História comum, reserva a todos os portugueses.

É esta a dívida de gratidão que desejo proclamar, dizendo-lhe, Senhor Governador, que o nome do Estado da Baía está gravado no coração de milhares de lusitanos que aqui têm os ramos mais ousados e laboriosos das suas famílias.

Todos eles que ficaram em Portugal conhecem pelos seus parentes neste Estado a alta qualidade da hospi-

talidade da Baía, Senhor Governador, afirmo-lhe o reconhecimento de todos eles. Peço que os aceite, como são, esses agradecimentos, comovidos a ponto de mal poderem articular-se, sinceros para além das rígidas expressões oficiais.

Bem estreitas são as relações que desde sempre se estabeleceram entre o meu País e este Estado em que floresceu a primeira capital brasileira. Ainda não esmoreceram os ecos da calorosa recepção que em Portugal teve a brilhante embaixada intelectual que à Baía enviou. Tudo isto faz com que particularmente grato seja este solo brasileiro que piso a caminho do encontro com o ilustre Chefe do Estado do Brasil, Presidente Kubitschek de Oliveira, a quem anseio restituir o abraço de fraternal amizade que há um ano me pôde dar em Lisboa.

Senhor Governador, brindo pelas prosperidades deste Estado, que, sob o avisado e inteligente Governo de V. Ex.^a, tem abertos para diante horizontes ilimitados. Bebo pelas prosperidades e perpetuação da beleza desta capital que, dentro do ritmo dos nossos tempos, soube guardar o inesfável ambiente de histórica doçura dos tempos idos. Bebo pelas prosperidades pessoais de V. Ex.^a e de sua Ex.^{ma} Esposa.

* * *

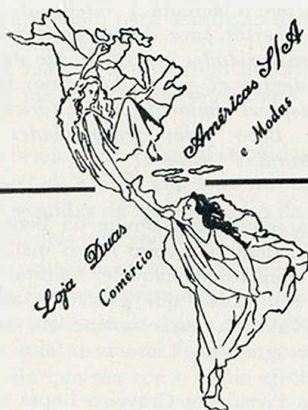
Às 14,30, accedendo ao convite da Beneficência Portuguesa, o Presidente Craveiro Lopes inaugurou o novo bloco agora construído naquele hospital para comemorar o seu centenário, que passa este ano, tendo depois assistido a uma sessão solene em sua honra no Gabinete Português de Leitura e feito várias visitas na cidade.

Às 16,30, o Presidente Craveiro Lopes e a sua comitiva embarcaram no cruzador «Almirante Barroso», dando início à viagem para o Rio de Janeiro.

Loja Duas Américas S/A

★
COMÉRCIO
E MODAS

●
CASA
ESPECIALISTA
EM SEDAS



Tecidos em geral

*Tapeçaria, Decorações e
Móveis Drago para
Varandas e jardins
Modas para senhora e
Artigos para homens
Perfumarias Nacionais e
Estrangeiras*

Secção Cine Foto

*TUDO PARA TODOS
Amadores e Profissionais
em Cinema e Fotografia
Revelações, ampliações e cópias em 24 horas
Artigos de criança
Brinquedos Nacionais e Estrangeiros com
Exposição permanente*

Telefone 1039 ligando dependências
Endereço Telegráfico AMÉRICAS
R. Chile, 17 Bahia - Brasil

Associação Comercial da Baía

Edifício esplêndido, de muito valor, e gosto na sua arquitetura, é um dos mais sumptuosos e notáveis. (DOMINGOS REBELO — 1824)

Fundada por iniciativa do VIII Conde dos Arcos de Val-de-Vez e último vice-rei do Brasil e inaugurada em 28 de Janeiro de 1817.

Como preito de gratidão o comércio da Baía ofereceu ao Conde dos Arcos de Val-de-Vez uma espada em ouro, mandada executar em Londres.

Pelos seus salões têm passado as mais distintas personalidades marcantes da vida nacional. Nelles se realizaram grandes banquetes em que foram homenageados alguns Chefes de Estado. Ecoaram nos mesmos salões as vozes de grandes poetas e oradores destacando-se entre eles: Castro Alves e Ruy Barbosa, que tão alto elevaram o nome do Brasil.



Palácio da Associação Comercial da Baía

J. BANDEIRA & CIA. LTDA.

Exportadores de:

CAFÉ, FIBRAS, CAROÁ, MALVA E SISAL
FARINHA E POLVILHO, MANDIOCA,
FEIJÃO, MILHO, MAMONA, ETC., ETC.

AVENIDA ESTADOS UNIDOS — EDIF. CIDADE SALVADOR
SALAS 402 E 403 — CAIXA POSTAL 287 — TELEFONE 2485
BAHIA - BRASIL

BRANDÃO, COSTA & Cia. Ltda.

*Tecidos
e Miudezas em grosso*

Telefone 5168
CAIXA POSTAL, 64
End. Teleg. BRANDÃO COSTA
RUA RODRIGUES ALVES, 18 - 1.º ANDAR
BAHIA

A. GOUVEIA & CIA. LTDA.

Importadores - Distribuidores - Representantes

*Avenida Frederico Pontes, 124
SALVADOR - BAHIA*

*Caixa Postal, 728 - Telefone 1135
End. Teleg. TECAUTO*

LOJA E MANUFATURA CENTRAL

de Lopes de Azevedo, Maia & Cia.



TECIDOS EM GERAL,
PERFUMARIAS,
MIUDEZAS,
AVIAMENTOS PARA ALFAIATES,
ARTIGOS DE DECORAÇÃO,
ARTIGOS PARA CRIANÇAS
E BRINQUEDOS.

VENDAS EM GROSSO E A VAREJO

RUAS { LOPES CARDOSO, 26
SANTOS DUMONT, 27

TELEFONE: 34 78

END. TELEG.: MANUTRAL

BAÍA — BRASIL

CLUBE PORTUGUÊS DA BAÍA

EXISTEM no Brasil, nessa «Grande Casa Lusitana», várias grandes Casas Portuguesas. Uma delas é o «Clube Português de Baía», antigo «Clube Recreativo Português».

Desde 1956 tomou este grande Clube a designação em epígrafe. Poderá à primeira vista, com o nome inicial que possuía, julgar-se que o «*motivo-base*» de sua organização, seria simplesmente o de uma Casa de recreio. Porém, a sua acção desenvolve-se nos campos social e desportivo, emprestando aos seus dirigentes ilustres e aos seus dedicados consócios, motivos magníficos de ordenação intelectual, moral e física, condições estas absolutamente indispensáveis para o complemento de formação daqueles que se abrigam naquele bellissimo lar lusitano, orgulho de portugueses e admiração amiga de brasileiros, estes últimos vendo em tal grémio, mais uma demonstração cabal do que pode o espírito português que «formou» o Brasil e que na sua acção ultramarina, tem dado provas de alta capacidade de organização civilizadora!

Os projectos da directoria actual podem talvez considerar-se utópicos!

Mas, mais utópica poderia parecer a formação do grande Império brasileiro, e este fez-se, cristãmente, politicamente, a que deu realce a acção extraordinária dos «bandeirantes» que seguiram em pleno coração da

"CONSIDERO O BRASIL COMO
UMA GRANDE CASA LUSITANA"

Do autógrafa que foi concedido à nosso Revisto pelo antigo bostonário da Ordem dos Advogados o ilustre professor, Doutor Adellino da Palma Carlos

Sul-América, os actos de heroísmo dos seus antepassados lusitanos.

Os planos de engrandecimento do «Clube da Baía» estão assentes; sabemos que são grandiosos a ponto de terem sido já comprados vários terrenos que, pela sua localização junto da praia da Pituba, vão constituir de futuro, um ambiente de sonho.

Mais uma vez, os portugueses procuram a vista do Oceano. Sem querer, aliás sem o pensar, a alma portuguesa segue o fito do Infante D. Henrique: O mar!

Mas o que se torna mais interessante, mais lógico, evidenciando o alto poder de visão dos Directores do «Clube Português da Baía» é que os terrenos que adquiriram para sua sede social, se encontram muito perto da cidade.

Deste modo, os sócios do «Clube Português da Baía» deslocam-se com facilidade para o seu grémio, desfrutando uma vista magnífica, sadia e reconfortante.

No espírito da «Comunidade Luso-brasileira» que se deverá sentir em todos os campos, a «Prefeitura» e a «Câmara dos Vereadores» deram as maiores facilidades.

A discussão dos assuntos, base duma liberdade democrática de opinião, resultou brilhante e eficiente.

Na construção de certos Estádios particulares em Portugal, organizaram-se várias campanhas: a da pedra, a do cimento, etc.

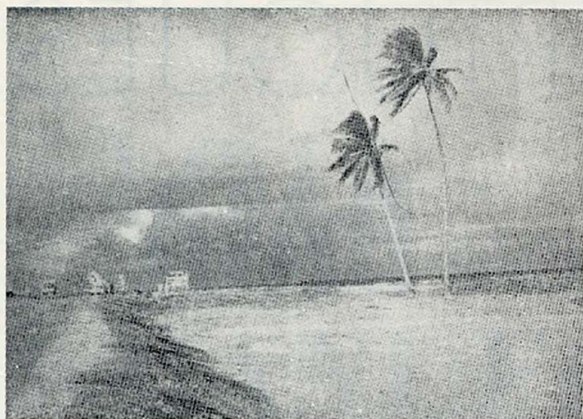
Possivelmente, seguindo esta mesma orientação, a que não faltou a propaganda de aquisição de acções, como por exemplo, a efectuada com o «Campo da Estrela» do Lusitano de Évora, o «Clube Português da Baía» delineou várias campanhas de aquisição, que deram o melhor resultado.

As estatísticas que foram feitas acerca da resultante dessas campanhas, são impressionantes.

Elas revelam o alto espírito compreensivo e patriótico dos associados do grande Clube.



Corpo directivo do Clube Português da Baía no local onde vai ser construída a sua nova sede



Terreno adquirido onde vai ser construída a sede do Clube Português da Baía

Estamos crentes que o contributo da colónia portuguesa da Baía será brilhante!

Todos, sem distinção de classes, têm ajudado, dentro das suas menores ou maiores possibilidades, para o levantamento duma obra, que ficará a atestar na grande Pátria Irmã, o esforço grandioso dum Povo que não esquece o que deve ao prestígio de Portugal e que deseja muito sinceramente que esse prestígio seja elevado, para desvanecimento e orgulho dos brasileiros, que as-

sim podem mostrar ao Mundo, que bem dignos são dum nome que nos séculos XV e XVI, ombream com as glórias excelsas da Grécia e de Roma!

Civilização mediterrânea deram estes dois Povos!

Portugal, avantajando-se no Mundo, deu a este, valores maiores, incomensuravelmente mais estáveis que aqueles dois Povos!

A Ciência náutica, estudada profundamente; os conluos da Escola de Sagres; o alto espírito do maior Rei do Universo, maior a todos os títulos, esse Rei D. João II, conseguiram pelo estudo e valentia, com os olhos postos em Deus, além doutras realidades, esta *verdade extraordinária* que é o Brasil!

Brasil que deu o espírito de *brasilidade*, misto de portuguêsismo e nativismo, que *jamais* se poderão separar!

Brasil-Portugal que todos amamos num amplexo de ternura e amor!

O «Clube Português da Baía» erguendo a sua obra monumental, estabelece mais um laço entre portugueses e brasileiros!

A obra fica em território brasileiro!

O espírito dessa obra, propagandando-se através do Atlântico, liga a admiração dos portugueses e brasileiros da Pátria Irmã, à dos portugueses e brasileiros que gozam o Sol esplendoroso da terra portuguesa.

Bem hajam os portugueses de Baía!

A sua obra será imorredoura!

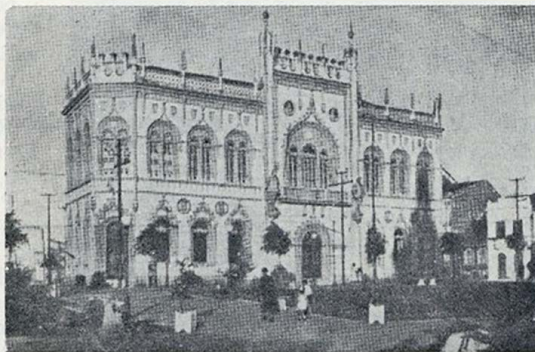
«Duas Pátrias» saúda os seus irmãos lusitanos, que, cumprindo uma determinante rática, demonstram ao Universo, a sua alta capacidade a bem da Civilização!

Faça-se sócio do

GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA E DO CLUBE PORTUGUÊS DA BAÍA

Biblioteca, Jornais, Livros Culturais e Folclóricos, Festas Regionais, Excursões, Conferências, Turismo, Cinema e Reuniões Sociais.

Estas duas Associações Portuguesas dependem da sua colaboração e principalmente da sua presença.



Edifício do Gabinete Português de Leitura

Petrobrás

SEU PROGRAMA DE

1957

EM consequência da revisão dos esquemas de financiamento da PETROBRÁS, proporcionada pela promulgação da lei número 2.975, de 27 de Novembro de 1956, os planos de realizações da Empresa tiveram de sofrer modificações tendentes a:

- ampliar as actividades de exploração;
- acelerar a execução dos projectos industriais e planejar novos;
- intensificar os programas de formação e aperfeiçoamento do pessoal técnico, no país e no exterior, para todas as especialidades essenciais à indústria do petróleo.

O orçamento para 1957 já sofreu, em grande parte, a influência das novas disponibilidades de recursos. Os investimentos a serem realizados pela Empresa, em 1957, deverão atingir a cifra de seis e meio bilhões de cruzeiros. Desse montante, cerca de 50 % serão destinados à exploração, em busca de novas reservas de petróleo bruto e gás natural, e ao desenvolvimento da produção das reservas já conhecidas no Recôncavo ou das que eventualmente forem reveladas no curso do exercício. A outra metade do montante de investimentos distribui-se adequadamente pelos vários sectores que compõem a complexa super-estrutura da indústria do petróleo.

As actividades de pesquisas contarão, em conjunto, com 38 equipas, sendo 15 de geologia de superfície, realizando 170 turmas-mês de trabalhos de campo; 15 equipas de geofísica pelo método sísmico, executando tarefas correspondentes a 174 equipas-mês; e 8 equipas de gravímetro e magnetômetro, realizando serviços de 94 equipas-mês.

As actividades de perfuração pioneira estão programadas para executar, em 1957, 44 poços, sendo 11 na Amazônia, 7 no Maranhão, 5 em Sergipe-Alagoas, 18 na Baía e 3 na Bacia do Paraná. Além desses furos pioneiros, estão programadas 34 perfurações estratégicas, sendo 9 na Amazônia, 19 na Baía e 6 na Bacia do Paraná.

A fim de executarem esses trabalhos estão destacadas 12 sondas para os poços pioneiros e 6 sondas para furos estratégicos. Mesmo que dos trabalhos agora programados resulte a descoberta de novas reservas substanciais de petróleo, constitui directriz do governo, transmitida à PETROBRÁS, manter o ritmo de trabalho de exploração no país; na hipótese, porém, de não alcançarmos imediatamente resultados positivos nessas pesquisas, então os programas deverão ser ampliados de modo a dar uma cobertura extensa às áreas sedimentares do país para localização de novas províncias petrolíferas.

No sector da produção espera-se atingir, em fins de 1957, a meta mínima de 40.000 barris diários, fixada para 1960. A antecipação em três anos dessa meta mínima já constitui um facto e não uma hipótese. As instalações do oleoduto principal de Mata de São João e Candéias e do terminal marítimo de Madre de Deus serão ampliadas para dar vazão a 60.000 barris diários.

No sector da refinação, prosseguem os trabalhos de ampliação da Refinaria de Mataripe para 37.000 barris diários e serão avançados os trabalhos preliminares de construção da Refinaria do Rio de Janeiro, com 90.000 barris diários. Esses dois projectos a serem inaugurados em 1959, elevarão a capacidade total de refino do país a 245.000 barris diários. Ainda no ano de 1957 devem ser iniciados os estudos para a construção de uma outra unidade, com capacidade inicial em torno de 20.000 barris diários, no Estado de Minas Gerais. Assim, em 1960, poderá o país refinar 85 a 90 % do seu consumo de derivados de petróleo.

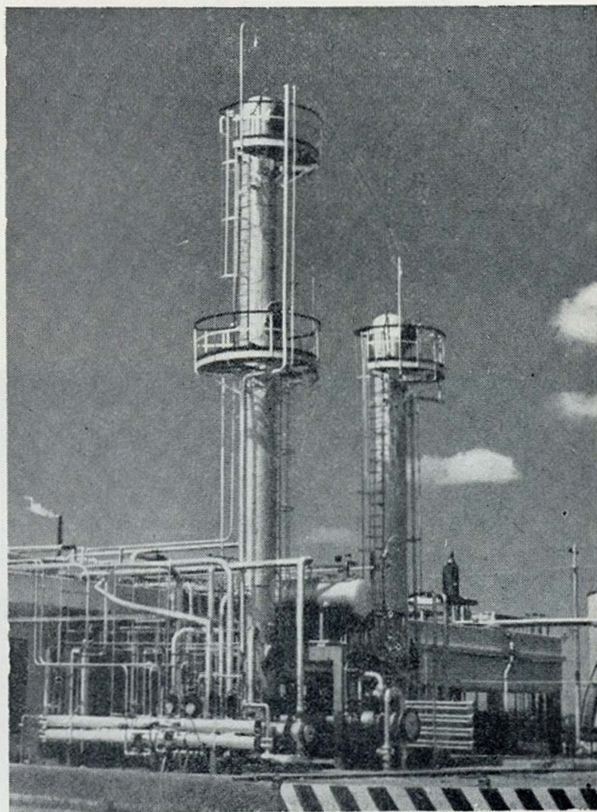
No sector dos transportes marítimos iniciou-se uma consulta e tomada de preços no mercado internacional para a construção de 7 navios super-petroleiros de 33.000 dwt cada um (4 já foram encomendados a estaleiros holandeses), ele-

vando-se a tonclagem da Frota para 450.000 dwt. A PETROBRÁS estuda a encomenda de 10 navios, de 5.000 a 10.000 dwt cada um, para substituir a sua actual frota de petroleiros de pequena cabotagem. Ainda nesse sector, foi adquirido em 1956 um novo navio de 6.000 dwt, especializado em transporte de óleos lubrificantes.

No sector das indústrias petroquímicas, serão iniciados os estudos para a instalação de unidades de fabricação de vários produtos até a borracha sintética e na Fábrica de Fertilizantes de Cubatão é prevista a ampliação para produzir soluções amoniacais.

Além desses planos e projectos fundamentais, muitos outros, como terminais marítimos e oleodutos, serão autorizados na medida em que o desenvolvimento dos sectores básicos exigir.

A indústria do petróleo caracteriza-se pela lenta maturação de resultados. Os índices revelados pela PETROBRÁS, por isso, excedem as expectativas. O facto de que o valor de sua produção em 1957, nos vários sectores, ascenda a um montante equivalente a US\$ 80 milhões, sem contar com a provável descoberta de novos campos petrolíferos, é suficiente para satisfazer à justa expectativa da opinião pública com relação à política do petróleo.



Um aspecto da Refinaria de Mataripe na Baía

A Maior Organização Comercial de Vidros da América Latina
COMPANHIA COMERCIAL DE VIDROS DO BRASIL

CVB

CASA SANTOS SEABRA

Escritório - Depósitos e Oficinas
Rua da Independência, 13/21
Telefones 1035 e 1036
Telegrama: "VIDROS"- Caixa Postal, 334

Loja
Av. 7 de Setembro 61/63
Telefone 4022

Loja Viegas
R. Santos Dumont, 22
Telefone 1536

BAHIA

Agências nos principais Estados do Brasil

SÃO PAULO

Rua Cons. Crispiniano 317
CVB — Escritório Central
CVB — Vitrais Franco
CVB — Casa Mano
CVB — Casa Conrado
CVB — da Penha
CVB — Depósito Central

SANTO AMARO

CVB — de Santo Amaro

SANTOS

CVB — Santista

RIO DE JANEIRO

CVB — Casa Santos Seabra
CVB — Vidraria Nacional

NITERÓI

CVB — Fluminense

MINAS GERAIS

CVB — Casa Santos Seabra
CVB — Casa Santa Cruz
CVB — Casa Alberto Mota
CVB — do Triângulo Mineiro
CVB — Lojas Normandy

RIO GRANDE DO SUL

CVB — do Sul
CVB — de Santa Maria

PARANÁ

CVB — Paranaense

LONDRINA

CVB — Vidrospel

PERNAMBUCO

CVB — do Norte

CEARÁ

CVB — Cearense

GOIÁS

CVB — Goiana



Fachada da Sede da CVB - CASA SANTOS SEABRA em SALVADOR - BAHIA

Fábrica de Velas e Sabão Progresso, Limitada

**UM GRANDE ESTABELECIMENTO FABRIL QUE HONRA OS
SEUS PROPRIETÁRIOS NO CONCEITO INDUSTRIAL DO BRASIL**

A FÁBRICA DE VELAS E SABÃO PROGRESSO, LDA., situada na Rua Nilo Peçanha, n.º 111 e 113, na Baía, foi fundada em 1889, tem nos seus 68 anos de existência, devido à sua alta eficiência técnica, justificado orgulho do lugar que marca dentro da Indústria Brasileira.

Merecem na verdade, referência especial os seus produtos fabricados pelos mais eficientes processos e produtos que utiliza, que a torna par do que melhor se fabrica no seu género em qualquer parte do mundo.

Em sabão destacam-se as marcas bem conhecidas: o sabão marmorizado «Ideal», massa «Sertanejo» e outras mais de renovada fama e crédito.

Em velas, também são bem conhecidas e apreciadas as marcas, de tamanhos e formatos diversos, que o público prefere, seguros de uma compra compensadora; por isso as marcas: «Marianas», «Santa Fé», «Luz do Oriente», (velas comuns), e, em cores «S. José» e Santo António», são sem discrepância as de maior consumo entre as suas congêneres concorrentes.

Possuindo refinaria própria de óleos vegetais, para a confecção dos seus sabões, fabrica o «Sapoleo Imperial» que se torna indispensável em todos os lares, como complemento de qualquer limpeza que requer o seu uso, satisfazendo em absoluto os imperativos da higiene.

O papel para cigarros marcas «Progresso» e «Sertanejo»,

estão conquistando um mercado seguro, mercê da sua qualidade.

Tendo ao seu serviço uma centena de operários especializados nas diversas actividades, demonstram um ciclo social numa comunhão de interesses recíprocos entre a Empresa e o seu pessoal, que constitui um exemplo dignificativo.

Designar os nomes dos proprietários da FÁBRICA DE VELAS E SABÃO PROGRESSO, LDA. é apontar um exemplo vivo do que se pode fazer, dentro de uma orientação construtiva, e honesta ao serviço da Grei e da Nação, e, para nós motivo de orgulho porque são portugueses e um espanhol que irmanados no mesmo anseio, honram as suas Pátrias de origem, e aquela onde vivem, e que contribuem para o seu progresso.

A empresa fabril é constituída por: Manuel Anthero Gomes Cardim, português, natural da Ilha da Madeira; Avelino Alves Moreira Maia, português, natural do Porto; e Ernesto Sanchez y Gonzalez, espanhol, natural de Pontevedra, tendo ainda como gerentes e interessados os Srs. Fernando Cardim, Carlos Maia e Manoel Sanchez, respectivamente filhos dos senhores acima citados.

Como sequência lógica do seu progresso tem concorrido a várias Exposições, assim, foi premiada com medalhas de ouro na Exposição Nacional de 1908; Liceu de Artes e Ofícios da Bahia e Produtos Bahianos de 1916. Justo prémio de uma vontade ao serviço de bem servir.

FACHADA DA FÁBRICA
DE VELAS E SABÃO
PROGRESSO, LIMITADA
BAÍA



VALÉRIO COMPANHIA TECIDOS S/A.

TECIDOS EM GROSSO

**ENDEREÇO TELEGRÁFICO - MALERIO -
RUA DA ARGENTINA, 1 - CAIXA POSTAL 233 - TELEFONE 5817 - BAHIA**

CASA *Ao Mundo Elegante*

Fundada em 1885

AUGUSTO MELLO

Artigos finos para homens, material fotográfico e cinematográfico, canetas e lapiseiras Parker, Bijouteria, Cutelaria, Artigos para presentes, sempre novidades.

**R. Conselheiro Dantas, 29 Tel. 4760 End. Tel. Equador
SALVADOR - BAHIA**

Edmundo Pires Granjo

**ENDEREÇO TELEGRÁFICO - EDANTO -
CAIXA POSTAL, 672
SALVADOR - BAHIA**

GONÇALVES IRMÃOS - TECIDOS S. A.

TECIDOS EM GERAL * COMPLETO SORTIMENTO * OS MELHORES PREÇOS

MATRIZ

Rua Júlio Adolfo, 6 e 8 e Rua Cons. Saraiva, 5 e 7
Telefone 3170 - Caixa Postal, 426
SALVADOR - BAHIA

FILIAIS

B A H I A — Lojas «Osgonçalves»
Ruas: Júlio Adolfo, 9 e Guindaste dos Padres, 10 (duas frentes)
Avenida 7 de Setembro, 71 e Rua P.º Antoniode Sá, 12 - Calçada
A R A C A J Ú
Rua João Pessoa, 298

ENDEREÇO TELEGRÁFICO PARA A MATRIZ E FILIAIS: -OSGONÇALVES-

ALVES, IRMÃOS & CIA. LTDA.

ARMAZÉM DE FAZENDAS EM GROSSO

Rua Portugal, 3-1.º andar - Telefone 2743 - Caixa Postal, 259 - Telegramas - Modas.

LOJAS ALVESIRMÃOS

Loja n.º 1: Praça Cairú, 19 - Loja n.º 2: Rua Dr. J. J. Seabra, 271 - Telefone 1641

Salvador - Bahia

*Tecidos de linho, sêda,
lã e algodão, confecções,
miudezas, perfumarias,
artigos para homens e
artigos de cama e mesa.*

AVIAÇÃO BRASILEIRA

ASAS CONTINENTAIS E ASAS ATLÂNTICAS

ASAS para a Paz, asas gloriosas, dignas sucessoras no «tempo», daquelas outras asas que bateram a força da gravidade na data memorável de 23 de Outubro em Bagatelle, assombrando Paris e o mundo.

Asas brilhantes, bem maiores, de envergadura considerável, mas que respeitam o velhinho histórico 14-Bis, curvando-se respeitosas perante um nome que não é do Brasil, mas do Universo: «SANTOS-DUMONT»!

Asas extraordinárias percorrendo os céus das 3 Américas, numa união de raças que levaram a civilização a todo o Mundo!

Asas heróicas, saltando o Atlântico, centenas, milhares de vezes, ligando dia e noite o Novo ao Velho Mundo!

Asas beijando o Céu de Portugal e saudando o solo de França, descrevendo no espaço letras de ouro que, só por si são o orgulho duma raça de heróis e de santos: «Santos-Dumont», «Gago Coutinho»!

AVIAÇÃO BRASILEIRA!...

Que são estes heróis do AR, que percorrem milhares de quilómetros da extensíssima Pátria Irmã, arriscando a sua vida, procurando com a sua ciência aeronáutica dar segurança aos que confiam no seu saber e na sua técnica!

Missões militares e civis, rondas e transportes para a Paz, contam nas suas fileiras numerosos pilotos distintos, dos mais ilustres e competentes do Mundo.

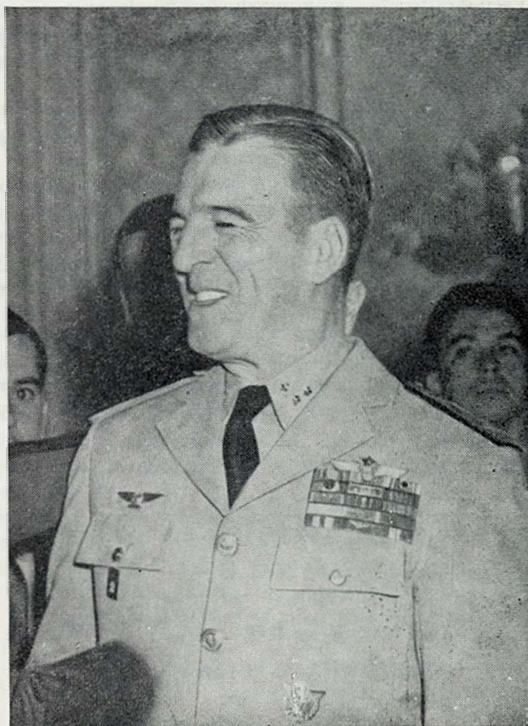
Continua a Pátria Irmã a ter um escol de brilhantes oficiais da aviação, desde o seu actual Chefe Supremo até aos menos categorizados.

Há que destacar porém S. Ex.^a o Ministro da Aeronáutica, Francisco Assis Corrêa de Mello e o Chefe do Estado Maior, Major Brigadeiro Armando Ariragboia, independente de muitos outros como o Coronel Edyvio Caldas Sanctos, oficial distintíssimo (cursos do Estado Maior da Aeronáutica e Superior de Comando); o capitão-aviador Sylvio de Almeida Monteiro piloto de caça e de transporte que possui mais de 4.000 horas de voo; capitão Pitaluga, etc.

Mencionar mais nomes, poderia parecer depreciativo para os restantes e distintos oficiais brasileiros, quando todos, afinal, são ornamentos brilhantes duma aviação, que foi o «farol» dos progressos aeronáuticos de hoje.

As atenções que têm sido dispensadas a «Duas Pátrias» pela gloriosa Aviação da Nação Irmã, são credoras da nossa maior gratidão.

Saudemos pois os filhos do Brasil que, elevando-se nos espaços a bem da obra da Paz e da Civilização, constituem, simultaneamente, o penhor seguro da defesa dos céus das Terras de Vera Cruz!



Major-Brigadeiro do Ar

FRANCISCO DE ASSIS CORRÊA DE MELO

Ilustre Ministro da Aeronáutica do Brasil

Federação das Associações Portuguesas e Agremiações Lusitanas no Brasil

CONTINUA a Revista-Documentário Luso-Brasileira «Duas Pátrias» a prosseguir na senda do papel que se impôs, não só elevando o Brasil no conceito de Portugal e do Mundo em geral, mas também demonstrando o papel importantíssimo que a colônia portuguesa na Pátria Irmã tem tido no progresso das terras de Santa Cruz.

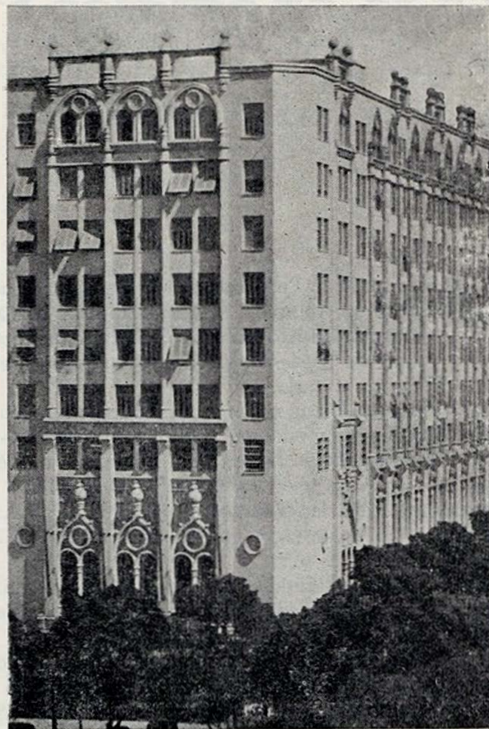
Merece o carinho de todos quantos trabalham em «Duas Pátrias», não só a «Federação das Associações Portuguesas» no Brasil, mas igualmente todas as «Associações Lusitanas» e «Casas Regionais», elos esplêndidos que ligam o espírito dos portugueses espalhados não só pelo Brasil, mas também pelo Mundo.

Em reunião convocada pela Direcção de «Duas Pátrias» e realizada na sala «Luciano Cordeiro» da «Sociedade de Geografia de Lisboa», reuniram-se as Direcções das «Casas Regionais» da capital portuguesa, a fim de serem discutidas e aprovadas as redacções dos pergaminhos a entregar a S. Excelência o Presidente da República do Brasil, o ilustre Médico-Cirurgião, Doutor Juscelino Kubitschek de Oliveira e a «Federação das Associações Portuguesas» na Pátria Irmã, pergaminhos esses que serão presentes às entidades referidas dentro do espírito que o protocolo exige.

Os documentos em causa são formosíssimos, escritos em letra gótica, iluminados e assinados pelos representantes das «Casas Regionais».

A Direcção de «Duas Pátrias» espera, para o programa que tem em vista, a maior colaboração de todas as entidades regionalistas portuguesas do Brasil e Portugal, pois que disso depende o êxito do «estudo» que fez e que, decerto, será grato a todos os portugueses e brasileiros.

A completar a nossa acção jornalística e de mais íntima aproximação entre os dois gloriosos povos irmãos, o nosso Director Augusto Krusse Afflalo, que em breve se deslocará ao Brasil, fará uma série de Conferências



Edifício do Liceu Literário Português do Rio de Janeiro, um dos maiores Padrões da Cultura Portuguesa no BRASIL

sobre Portugal e suas Províncias, com a proficiência e competência que tem demonstrado na sua carreira de Conferencista, que tanto tem sido apreciado na Pátria Lusa e no Estrangeiro.

O GUARANI

GRANDE ARMAZÉM DE FERRAGENS

Casa fundada em 1847

NUNES, CUNHA & CIA.

Rua 15 de Novembro, 9

Telefones: 4311 e 3496

CAIXA POSTAL 832

Telegramas: GUARANI

BELÉM — PARÁ — BRASIL

•
Ferragens em geral
Eletricidade
Louças e materiais para construções civis e navais
•

E. V. d' OLIVEIRA & CIA.

REPRESENTAÇÕES E CONTA PRÓPRIA

R. Guilherme Moreira, 278

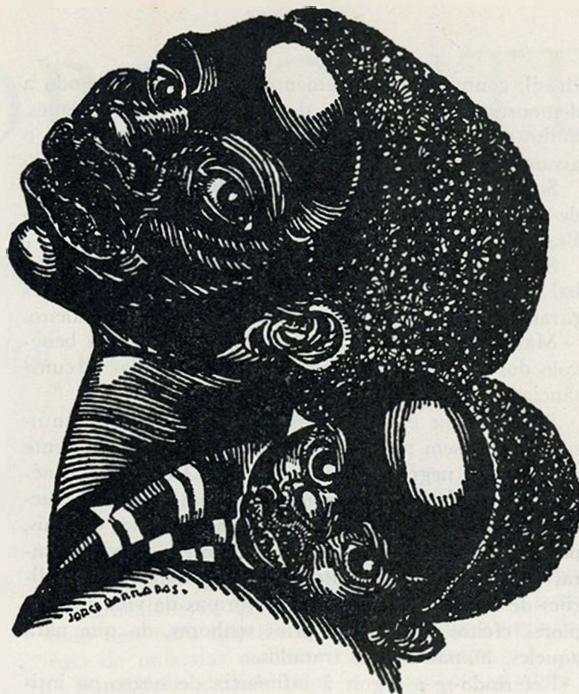
End. Teleg.: «Trasmontes»

Telefones 1046 e 2517

Caixa Postal, 141

MANAUS

O negro no Brasil



JÁ EXISTIA QUANDO ESTE

GRANDE PAÍS FOI DESCOBERTO PELOS PORTUGUESES

A quem suponha que a raça negra pisou pela primeira vez as terras do Brasil quando, passados muitos anos sobre a descoberta, se verificou a necessidade do auxílio de seus braços para ser levada a bom termo a obra estupenda da colonização.

Só então os navios negreiros teriam aportado à América do Sul com os primeiros africanos, oriundos de Moçambique, da Guiné, do Congo, de Angola e outras regiões, iniciando-se assim o período da escravatura.

Está, no entanto, provado que muito antes da chegada de Colombo e de Cabral àquelas bandas do Atlântico, a raça negra já ali se tinha estabelecido, havendo-se encontrado numerosos vestígios de sua origem e tendo, até, sido vistos alguns exemplares em carne e osso.

Assim o afirma Francisco Lopez de Gomara na sua «História General de las Indias, con todo el descubrimiento y cosas notables que han acacido desde que se ganaron», etc., naquela passagem em que nos conta que, ao entrar Balboa em Quereco... halló algunos esclavos negros del señor. Preguntó de donde los habian y no supieron decir ó entender, más de que habia hombres de aquel color cerca de alli.

Balboa, por sua vez, na «História del Peru», declara que encontrou negros nas ilhas da costa, e Gonzalez Suarez, na «História del Ecuador», regista os mesmos dizeres.

Quatrefages, em «L'Espèce Humaine», igualmente se refere a determinadas tribos escuras do Brasil, de cabelos encarapinhados, e por fim Orozco y Berra, na «História antigua y de la conquista de México», relata o estabelecimento dos africanos na América antes da descoberta, firmado, entre outros investigadores, em

Rafinesque que, sobre o interessante assunto, apresentou em tempos à Sociedade de Geografia de Paris uma curiosa memória.

A arqueologia ajuda a documentação histórica, de jeito a não restar qualquer dúvida quanto às anteriores afirmações, e Wiener, em «Pérou et Bolivie», dá-nos, pictograficamente, alguns pedreiros da época do império dos Incas construindo um muro, entre os quais se notam vários negros.

Em Vera Cruz, perto do vulcão Taxila, pode também admirar-se, trabalhada em granito, uma enorme e primitiva cabeça de negro.

Finalmente, o grande escritor brasileiro Gustavo Barroso estuda o caso com superioridade, concluindo que os melhores testemunhos da existência do negro na América antes da descoberta, podem ser fornecidos pelo próprio folclore comparado, citando a seguir interessantes analogias entre a língua Guarany e a de certos africanos.

Apura-se, portanto, que não cabe aos portugueses nem aos espanhóis a introdução da raça negra na América Latina, e esclarece-se, sobretudo, que algumas tribos índias já tinham instituído a escravatura negra antes dos descobrimentos de Colombo e de Cabral, o que, apenas como comentário, não deixa de ser interessante.

Lá vem a confirmação na «História General de las Indias» de Gomara: — «Entró Balboa en Quereco y halló algunos esclavos negros del señor».

* * *

Dito que não foram os portugueses os iniciadores da escravatura na América, nem mesmo os espanhóis, ocupemo-nos do negro na colonização portuguesa no

Brasil, conquanto sucintamente pelo menos de modo a demonstrar que, a par de incontestáveis verdades, muito exagero e muita injustiça se têm escrito sobre o assunto.

Sem receio de desmentidos pode bem afirmar-se que, de 1500 a 1750, o número de escravos africanos no Brasil era, relativamente, diminuto.

Só no reinado de D. José I, sob o Governo de Pombal e com a criação das Companhias, os negros começaram afluindo em larga escala ao território brasileiro.

Mas está provado que o português foi o mais benévolo dos povos que adoptaram, pela força das circunstâncias, a escravatura.

Bomfim, que estudou o assunto com profundo entusiasmo mas sem paixões mesquinhas, na parte referente aos escravos negros diz, no seu livro «O Brasil na América»: — Se é possível apontar algumas relativas crueldades nos quadrados de senzalas dependentes dos cafezais, pelo resto do Brasil era uma inocente escravidão rural e doméstica. Inocente — porque, dadas as condições de cultura dos escravos, as formas de vida tinham piores efeitos para os próprios senhores, do que para aqueles, humanamente tratados.

Referindo-se a seguir à influência do negro na intimidade da família, quase sempre emiscuído nos trabalhos da cozinha e nos segredos das alcovas, Bomfim conclui que embora da escravidão derivassem vários males para a vida moral da sociedade brasileira, ela foi até certo ponto um bem porque, ao seu contacto, abrandavam-se os corações.

De maneira que o negro, gozando de uma determinada liberdade rural e doméstica, é bem provável que muitas vezes, esquecendo-se da sua qualidade de cativo, se considerasse mais do que feliz.

Jonathas Serrano, na sua «História do Brasil», lembra ainda que, na época em que se começou o tráfico dos escravos, atravessava a história da África o período da escravidão militar. Os negros, escapando da tirania dos seus régulos e trocando de cativo, só tinham a ganhar, fossem quais fossem as tiranias a que estavam expostos. No Brasil encontrou o escravo negro a melhor das suas guaridas. E acrescenta: — As leis portuguesas abrandam o cativo dos negros.

Em muitas casas brasileiras oriundas de portugueses há, de facto, inúmeros exemplos de negros e negras tratados como família.

O português indo buscar aos sertões africanos o negro trabalhador e activo, teve apenas em vista o ideal colonizador do Brasil, esse ideal impunha-se e foi preciso por isso trazer o negro, porém, sem recorrer aos bárbaros procedimentos que os ingleses e franceses praticavam sobre os escravos, como pode ler-se em «Causas Célèbres des Colonies», por Dubois et Bouchet.

* * *

A chegada do negro ao Brasil tinha fatalmente que influir na sua vida social em formação, essa influência foi como o sinete perdurável que se provou para sempre nos seus usos e nos seus costumes, patentes em muitas lendas; na crença em feitiçarias; no típico tra-

jar das mulheres da Baía; em vários pratos da sua cozinha característica; na maioria das suas cantigas e modinhas; em parte do seu sangue e, até, na própria língua.

A escravatura negra no Brasil foi a mais benigna de todas as escravaturas.

Em fins do século XVII, princípios do século XVIII, quando estava no auge a exploração do ouro e dos diamantes em Minas Gerais, as negras, as mulatas e alguns negros também, participaram fartamente da riqueza da época.

Confirma-o, entre outros, o escritor Viriato Correia, ao demonstrar, no livro «Gaveta de Sapateiro», que por esse tempo, certos senhores de arraiais, proprietários de minas, despejam fortunas nas mãos de escravas.

Como acreditar que elas, senhoras de tamanho fausto e dominadoras dos arraiais mineiros, não protegessem e beneficiassem os da sua raça?

Não será justo convir em que, sendo elas cativas e os senhores cruéis, não precisavam estes seduzi-las esbanjando ouro.

Repare-se que o luxo estupendo por parte dos escravos atingiu tal exagero e proporções tão escandalosas, que, em 20 de Fevereiro de 1696, uma ordem régia determinava que sendo «demasiado o luxo de que usam no vestuário as escravas do Estado do Brasil e devendo-se evitar este excesso e o ruim exemplo... em nenhuma das capitánias dele possam as mesmas escravas usar de vestido algum de seda, nem se sirvam de cambraias ou holandas com rendas ou sem elas, para nenhum uso, nem também guarnição de ouro ou prata nos vestidos».

Por isto que se verifica e pelo mais que a História nos relata, torna-se bem patente a maneira como os portugueses trataram sempre, no geral, o preto, que vinha dos sertões, para o Brasil, transformando-os de selvagens em trabalhadores, obreiros de um futuro promissivo, como hoje disfrutam, devido à caridade cristã dos portugueses, que sempre entenderam que o negro também tinha alma, e, tanto mais digno se louvar, essa caridade, que hoje em pleno século XX, na era da super-ciência, se verificam conflitos racionais numa das mais adiantadas nações do Mundo, enquanto que no Brasil... os negros que o digam...

O africano, sob a direcção do português, foi o braço forte que revolveu a terra da Brasil, e fez mover engenhos e produziu lavouras, — despertando-a do sono que dormia.

Foi o coração generoso que forçado a adoptar essa terra como madrastra, chegou a estremecê-la como Mãe legítima, havendo, para com ela, ternuras de menino!

Foi a alma que desbravou florestas e agitou carcaças, para que as seculares raízes não estorvassem a nova sementeira.

E da semente rebentou a haste e dilatou-se o tronco gigantesco, e produziu-se o fenómeno natural da plantação bem lançada!

Vai daí, o novo tronco foi criando novas raízes, tão fundas e consistentes, que não há braços humanos, nem forças dinâmicas, — capazes de arrancá-lo da terra!

BELO HORIZONTE

Cidade Jardim

Capital do Estado Minas Gerais

Minas Gerais

O que nos diz este nome! É todo um passado de múltiplas facetas que ressurge. Lutas, heroísmos, ambições, glória, patriotismo.

Por aqui assim foi, assim é . . .

As virtudes de outrora mantêm-se intangíveis. E, por isso Minas Gerais progride, progride incessantemente, sob o olhar simbólico, o olhar severo do passado, o olhar saudoso das cidades velhinhas.

Minas tem algumas das cidades mais velhas do Brasil, mas tem a sua capital, que é das mais jovens, com sessenta anos de existência, a linda cidade das rosas, a Belo Horizonte, talhada ao capricho dos urbanistas e consoante as exigências dos nossos tempos, justificando-lhe o nome gracioso, com vastos e surpreendentes panoramas.

À distância de 530 quilômetros por via férrea, que atravessa o vale do rio Parahyba, deixando atrás de si Viçosa, rico município mineiro, altaneiras serranias, campos bem elaborados, vergéis floridos, pomares fecundos, magníficas vivendas. Entre o casario esgueira-se ágil o ribeirão São Bartolomeu, nas ruas gemem, ao passar, os lentos carros de bois carregados. Viçosa, deixa-nos no relance da passagem, nítida impressão de abundância e de progresso.

Para trás ficam também Bicas, São João Nepomuceno, Ubá, Rio Branco, cidades que surpreendem pelas belezas e pelo progresso.

E passam léguas e léguas de canaviais e cafézais. E passam também nas estradas, vertiginosamente, pesados caminhões a caminho das usinas e das fábricas.

Belo Horizonte...

«Cidade Jardim» lhe chamaram e a geito lhe fica o título, tão linda, florida e perfumada é a capital de um dos mais ricos e florescentes Estados da União, cheio de tradições magníficas.

Os poetas ao cantar-lhe enternecidamente as seduções, chamam-lhe «terra dos ocasos maravilhosos e da primavera eterna», «terra abençoada por Deus, para o milagre da vida».

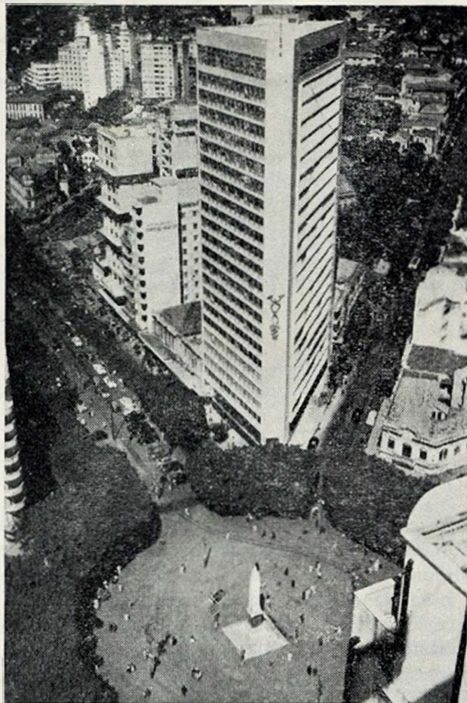
O céu ali é de azul cobalto.

Extensas e maravilhosas avenidas bem arborizadas, multiplicidade de aspectos e de belas praças e jardins, tudo tem para que lhe caiba a preceito o título honroso de uma das melhores cidades brasileiras.

Iluminação deslumbrante e magníficos serviços de tracção urbana.



Dr. Bias Fortes — Ilustre Governador do Estado de Minas Gerais



Praça Sete em Belo Horizonte

Edifícios sumptuosos, como a sede da Secretaria da Agricultura, que tão alta missão cumpre; o majestoso Palácio da Liberdade, as várias Faculdades, o Tribunal, as Secretarias do Estado, o Correio, o Hospital e tantos mais a que se juntam os particulares e os da gente de posses nas soberbas avenidas Afonso Arinos e Afonso Pena, — uma das mais largas avenidas do Brasil — Liberdade e João Pinheiro; vivendas que definem o bom gosto e o amor ao conforto, características da hospitaleira e generosa família mineira, com que é grato o convívio, tão fidalgos se mostram ao receber.

Excelentes hotéis, dotados de todas as comodidades e higiene e dos processos mais recentes da indústria hoteleira.

E, por toda a parte palmeiras, acácias, roseiras, jasmineiros e mangueiras enchendo o ar de aromas deliciosos, enamorando a vista com coloridos suaves.

Belo Horizonte, que é sede de extensa zona ferroviária, onde convergem vários ramais de grande movimento, é também centro universitário de antigas e honrosas tradições.

Em Minas Gerais encontram-se as melhores e mais afamadas termas brasileiras, onde se vão buscar tantos alívios, graças às propriedades terapêuticas das suas águas: Poços de Caldas, Caxambú, Lambary, Cambuquira, São Lourenço, Araxá, Contendas . . . Todas dotadas dos confortos modernos e absolutamente em condições de cumprirem a sua tarefa, quer como estações de cura e de repouso, quer como centros mundanos.

O Estado de Minas Gerais está situado na parte centro-leste do Brasil, zona tropical, mas possui os mais variados climas. É sulcado por vários rios e atravessam-no soberbas cordilheiras. Oferece-nos estes três aspectos: matas, campo, sertão, a par das suas formosas e progressivas cidades, a par também das suas cidades vetustas, as cidades-museus, coevas da colonização.

Belo Horizonte possui a sua Universidade. Ali se acham magnificamente instaladas as Escolas, Superior de Engenharia, de Medicina, Farmácia, Agronomia e Veterinária, Odontologia, e outros núcleos escolares de grande projecção cultural, possuindo uma rede hospitalar das mais modernas e bem aparelhadas da América Latina.

No próximo número, desenvolveremos num largo âmbito o que é o grande Estado de Minas Gerais nos seus pormenorizados aspectos, tanto cultural, bibliográfico e económico e turístico. Nesse número colaborarão além do Ilustre Chefe do Estado do Brasil, Doutor Juscelino Kubitschek de Oliveira, os maiores nomes do Brasil, que tiveram a ventura de nascer no grande Estado de Minas Gerais.



CASA DAS LOUÇAS

a rainha dos presentes

COMÉRCIO DE LOUÇAS BEIRÃO S. A.

TUDO PARA SUA CASA, NA CASA QUE É SUA.
Louças, cristais, porcelanas, alumínio, talheres, pratos e metais.

R. São Paulo, 704 - 708 (em frente à capela do Orfanato Santo António) - Telefone 2-3824 — BELO - HORIZONTE

ECOS DA VIAGEM DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA

a **Belo Horizonte**

ESTA moderníssima cidade de meio milhão de habitantes, capital do Estado de Minas Gerais, construída sobre terras de um vilarejo — Cural d'El-Rei — fundada por portugueses chefiados por Francisco Homem d'El-Rei, piloto da nau «Nossa Senhora da Boa Viagem», da frota da Índia, recebeu fidalgamente os presidentes Craveiro Lopes e Kubitschek de Oliveira.

Eram 11 horas e 30 do dia 13 de Junho, quando o «Viscount» presidencial aterrou na pista do aeroporto da Pampulha, a 9 quilómetros do centro de Belo Horizonte.

Milhares de pessoas deslocaram-se ao aeroporto da Pampulha, para receber o Chefe de Estado português.

Depois das honras militares e dos cumprimentos oficiais, estes apresentados por representantes dos Poderes estaduais, do Corpo Consular e das associações luso-brasileiras, organizou-se o cortejo presidencial para a cidade, acompanhado por uma escolta de cavalaria.

Uma salva de vinte e um tiros assinalou a entrada na cidade do automóvel dos dois Chefes de Estado.

Ao chegar o cortejo à Avenida Afonso Pena, no Centro de Belo Horizonte, milhares de pessoas aclamaram Craveiro Lopes e Kubitschek de Oliveira. Pode dizer-se que foi uma das mais entusiásticas manifestações populares registadas até agora na história da capital mineira e, sem dúvida alguma, a maior homenagem prestada, em Belo Horizonte, a um estadista visitante.

O cortejo dirigiu-se, em seguida, para o Palácio das Mangabeiras, onde o Presidente Craveiro Lopes ficou hospedado.

Depois do almoço íntimo, que se iniciou cerca das 13 horas, o Chefe do Estado português fez a sua visita oficial ao Governador do Estado de Minas Gerais, Bias Fortes, no Palácio da Liberdade onde chegou às 15 horas.

Durante a visita, o Governador Bias Fortes condecorou o Presidente Craveiro Lopes com a mais elevada distinção que o Estado de Minas Gerais pode conceder a um Chefe de Estado: O Grande Colar da Inconfidência, medalha criada em 1955, quando era Governador do Estado o Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira.

A Ordem foi concedida ao General Craveiro Lopes em três graus: a insígnia do Mérito Cívil, a Medalha de Honra e o Grande Colar, que premeia méritos excepcionais.

O primeiro Grande Colar da Inconfidência Mineira concedido até hoje, foi o que recebeu agora o Chefe do Estado de Portugal, por decisão do Conselho da Ordem, constituído pelas maiores autoridades do Executivo, do Judiciário e do Legislativo de Minas Gerais.

Na medalha que pende do colar, destaca-se em pontos de ouro o Cruzeiro do Sul, sobre fundo azul celeste.

Ao mesmo tempo, a Senhora de Craveiro Lopes visitava, também no Palácio da Liberdade, a Senhora de Bias Fortes.

Entre as homenagens de que foi alvo, nesta cidade, o Presidente Craveiro Lopes recebeu da direcção do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais o diploma que lhe confere o título de sócio eminente daquela Instituição.

É o seguinte o texto do referido diploma:

«O Instituto Histórico e Geográfico, constituído pelos historiadores e geógrafos de Minas Gerais que têm examinado com rigor e isenção a obra construtora da Coroa e dos filhos de Portugal na formação e estabelecimento da Capitania das Minas Gerais, de que somos herdeiros e sucessores, vem declarar, como solenemente o faz neste documento, que a colonização portuguesa por suas leis e seus homens é uma construtora de civilizações.

A língua, a religião, o sentimento e a paisagem portuguesas constituem a característica da nossa Minas Gerais. Assim sendo, este Instituto tem a honra de conferir a Vossa Excelência o diploma de Sócio Eminente.

Bem-vindo seja a estes planaltos do oiro e dos diamantes.

Belo Horizonte, 13 de Junho de 1957».

* * *

Acompanhado pelo governador do Estado de Minas Gerais, Bias Fortes, o Presidente Craveiro Lopes saiu do Palácio das Mangabeiras, na manhã do dia 14, de automóvel, cobrindo rapidamente o trajecto de dez quilómetros até ao centro da cidade.

Às 10 horas e 6 minutos o General Craveiro Lopes chegou à Prefeitura. Mais de três mil pessoas prestaram então ao Presidente português uma calorosa ovação.

À entrada do edifício receberam o Presidente da Nação lusitana o Prefeito de Belo Horizonte, Celso Melo de Azevedo, e o Presidente da Câmara Municipal, João Baptista.



A Colónia Portuguesa de Belo Horizonte recebe no seu Centro os dois Chefes de Estado, Srs. Juscelino Kubitschek e General Craveiro Lopes

No primeiro andar, encontravam-se outros membros do Governo, do Estado e do Município, que tributaram ao Senhor General Craveiro Lopes uma prolongada salva de palmas.

O Prefeito saudou, com breves palavras, o Presidente de Portugal, saudando, ao mesmo tempo, o povo português, ao qual o Estado de Minas Gerais está intimamente ligado.

Na saudação que logo à chegada dirigiu ao Presidente de Portugal, o Prefeito Celso Melo de Azevedo declara:

«Na oportunidade em que Belo Horizonte recebe a visita do Presidente Craveiro Lopes, apresento a Sua Excelência as cordiais saudações do povo belo-horizontino, jubiloso e desvanecido pela honrosa presença do ilustre homem de Estado.

Não se trata de cumprir unicamente um dever de hospitalidade e de protocolo. Mais do que isso — é o momento de colocarmos na recepção e nas homenagens ao visitante aquele calor das virtudes de espírito e co-razão que herdámos da gente lusitana.

Saúdo, pois, Sua Excelência dentro das próprias tradições que os portugueses nos legaram e que aqui se reencontram como sinal autêntico de continuidade de virtudes históricas no tempo e no espaço.

Sinta-se, pois, Sua Excelência nesta cidade como se estivesse entre o valor afectuoso do seu próprio povo, em casa amiga, cercado de admiração e de estima.

Tributando a Sua Excelência as honras da cidade, envolvemos nessa homenagem a profunda amizade e a constante admiração que nutrimos por Portugal e pelo seu povo».

O Senhor General Craveiro Lopes agradeceu a saudação, dizendo que ficara «muito impressionado», quer com o que já vira de Belo Horizonte, quer com a visita a Ouro Preto, onde sentira «particularmente gran-

de emoção» ao entrar na igreja matriz de Nossa Senhora do Pilar, que contém preciosidades bem representativas do trabalho de brasileiros e de portugueses.

O Presidente acrescentou:

«Verifico cada vez mais quanto estão ligados, pela tradição, pelo sangue e pelo trabalho, o Brasil e Portugal».

Acompanhado agora pelo Presidente Kubitschek de Oliveira, o Senhor General Craveiro Lopes dirigiu-se, depois, ao Centro da Colónia Portuguesa, na Avenida da Curitiba, às 11 horas e 40. Aguardava-o aí dando-lhe as boas-vindas, o presidente do Centro, o grande patriota e grande amigo do Brasil Sr. João António Cardoso.

Os dois Chefes de Estado descerraram, no Centro da Colónia Portuguesa, placas comemorativas da sua visita.

Em saudação ao Presidente Craveiro Lopes, o Dr. Narciso dos Santos, em nome da direcção do Centro, afirmou:

«É natural que Vossa Excelência queira saber como vivem os portugueses nesta boa terra de Minas Gerais. Animados daquele espírito de ordem e de respeito às leis do país que os hospeda, trabalham os portugueses incansavelmente com mais ou menos sucesso, mas sempre procurando, pela boa conduta, honrar as tradições da sua gente, tudo fazendo para conquistar o respeito da sociedade onde trabalham. Vivem em harmonia e em unidade moral perfeita, sempre com a Mãe-Pátria no pensamento.

Pedirei a Deus que vele por todos os que trabalham pela grandeza de Portugal, pelo seu progresso e desenvolvimento.

Peço licença a Vossa Excelência para lembrar aqui o artífice máximo do engrandecimento da nossa Pátria, Sua Excelência o Presidente do Conselho, Senhor Pro-

fessor Doutor António de Oliveira Salazar, a quem nunca saberemos agradecer bastante os sacrifícios que tem feito na sua vida ao serviço de Portugal».

Estrondosa salva de palmas sublinhou o final das palavras do Dr. Narciso dos Santos, ouvindo-se, depois, vibrantes «vivas» a Salazar e a Craveiro Lopes, assim como a Kubitschek de Oliveira e ao Brasil.

O primeiro secretário do Centro, Horácio Silva, que saudou o Senhor General Craveiro Lopes, disse por seu turno:

«O Centro da Pátria Portuguesa está a viver um acontecimento sublime: o reencontro com a Pátria no nosso lar brasileiro».

«Esta é a nossa casa e é também a de Vossa Excelência porque é o lar de todos os portugueses. Aqui se cultivam as salustares e velhas tradições portuguesas, por inspiração do santo amor à nossa grande Pátria e respeito pelos nossos bravos e honrados antepassados e por essa pléiade ilustre do presente, de que é exemplo, esse grande estadista, Oliveira Salazar, que tão alto ergueu o nome glorioso de Portugal».

O Presidente Craveiro Lopes usou, depois, da palavra. Disse que por toda a parte por onde tem andado sempre ouviu elogiosas referências ao espírito de colaboração, às grandes qualidades de trabalho, à eficiência e ao carácter dos portugueses que vivem no Brasil e que intimamente colaboram com os brasileiros para o progresso e para a grandeza da admirável Nação Brasileira. Essas referências, ouvira-as ele, aqui, em Belo Horizonte, mais uma vez, ontem e hoje. Isso o desvanecera e o orgulhara. Desvanecimento e orgulho que tinha o prazer de comunicar aos portugueses ali reunidos. Terminou fazendo um apelo por que continuassem sempre a trabalhar com afinco, com dedicação e com inteligência, porque, fizessem o que fizessem ao Brasil e pelo Brasil, nunca seria o suficiente para

retribuir o carinho e o amor com que os brasileiros os recebem.

A frase final do breve discurso de Craveiro Lopes, e que foi quase coberta por uma indescrevível ovação, foi a seguinte: *«Os trabalhadores portugueses que trabalham pelo Brasil trabalham também para Portugal».*

* * *

O Presidente Craveiro Lopes chegou às 13 horas e 25 ao Automóvel Clube, onde se realizou o almoço oferecido em honra do Chefe do Estado português pela colónia lusitana de Minas Gerais, assistindo também as principais autoridades do Estado e as mais altas individualidades de Belo Horizonte. Reuniram-se, ao todo, 220 convivas.

Terminado o almoço no Automóvel Clube, o Senhor General Craveiro Lopes recebeu os cumprimentos dos corpos directivos das associações luso-brasileiras do Estado, assim como do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, da Academia Mineira de Letras, da Academia Belohorizontina de Letras e do Automóvel Clube de Belo Horizonte.

Durante a recepção o presidente da Academia Belhorizontina de Letras, Júlio Pinto Gualberto, entregou ao Chefe do Estado de Portugal um artístico pergaminho, de saudação.

Terminada a recepção, o Senhor Presidente Craveiro Lopes deixou o Automóvel Clube, às 15 horas e 45, dirigindo-se para o Palácio das Mangabeiras.

Às 20 horas iniciou-se um banquete, de quarenta talheres, oferecido no Palácio da Liberdade, pelo Governador Bias Fortes. Ao banquete assistiram também o Presidente Kubitschek de Oliveira, o Ministro português dos Negócios Estrangeiros, Prof. Paulo Cunha; e o Embaixador de Portugal no Rio, Dr. António de Faria.

Usou então da palavra o Governador do Estado de



Após o banquete oferecido em honra do General Craveiro Lopes, os dois chefes de Estado dos dois países irmãos, deixam-se fotografar

Minas Gerais, Bias Fortes. Depois de afirmar ao Chefe de Estado de Portugal que a recepção que Minas Gerais lhe prestara tinha sido muito mais do que «fria cerimónia dos actos meramente protocolares», declarou, no seu discurso proferido na qualidade de anfitrião:

«Estou certo que há-de ser grato a Vossa Excelência a carinhosa intimidade desta reunião, na qual se apertam ainda mais, se isso é possível, os vínculos de fraternidade entre Brasileiros e Portugueses.

A verdade é que tudo nesta nossa província há-de transmitir-lhe a impressão de que está pisando ainda a terra portuguesa, pouco importando que a vista de Belo Horizonte, a mais moderna das metrópoles brasileiras, não lhe ofereça a sensação de um encontro repentino com aquelas paisagens e o velho espírito da Lusitânia.

O Brasil é Portugal em profundidade e em tudo que há de permanente e insubstituível na estrutura íntima da nacionalidade portuguesa e da qual se compõe o tecido moral da nossa Pátria, cada dia mais fiel às raízes espirituais em que foi modelada. E aí de nós, se, no meio dos ásperos temporais e nos dias que decorrem, não tivéssemos para nos amparar a própria força das raízes a que, desesperadamente, nos agarramos».

Mais adiante o Governador Bias Fortes afirmou:

«O Presidente Kubitschek de Oliveira está aqui presente, nesta hora e na sua terra, movido por aquele impulso emocional que nos chama para perto, quando são maiores as efusões do sentimento familiar».

A concluir o seu discurso de homenagem ao Presidente Craveiro Lopes, o Governador de Minas Gerais disse:

«É com a mais respeitosa admiração pelas altas virtudes do ilustres visitante que vou levantar a taça, formulando votos, em meu nome e no de minha Esposa, pelas felicidades pessoais de Vossa Excelência e pela crescente ascensão da Pátria Portuguesa».

Em resposta ao Senhor governador do Estado de Minas Gerais, o Senhor Craveiro Lopes proferiu o seguinte discurso:

*«Senhor Governador de Minas Gerais:
Minhas Senhoras e Senhores:*

Na pessoa de Vossa Excelência desejo agradecer pehoradamente a hospitalidade magnífica que o Estado de Minas deu ao Chefe do Estado de Portugal. Minha mulher e eu nunca esqueceremos não só as constantes amabilidades de Vossa Excelência e de sua Exma. Esposa, como o carinho e o entusiasmo que nos dispensou o seu povo desta formosíssima cidade.

Foi uma recepção que fez transbordar de orgulho e de gratidão o Chefe do Estado de Portugal, porque todas as aclamações, toda a alegria enternecedora das crianças, todo o vibrar desta generosa população, se

dirigiam não só a mim, mas à minha ditosa Pátria — Portugal.

Senhor Governador, um horário mais inexorável, que a limitação das minhas forças humanas, — mesmo perante o afecto deste Brasil que descobri como se novo fosse, tão mais para além de tudo quanto imaginei ele se me mostrou — a inexorável brevidade do tempo não me deixa alongar, nem permite que possa dizer ao Estado de Minas Gerais na pessoa ilustre Vossa Excelência, tudo quanto sinto neste momento.

Visitei Ouro Preto — aí de mim! — em visita que, com sacrifício, tive que encurtar. Em nome de Portugal, depuz flores no monumento que a cidade mais genuinamente do Brasil erigiu ao herói nacional, o Alferes Tiradentes.

No Estado da Inconfidência Mineira recebi de toda a gente e por toda a parte provas não só de cordialidade, mas também de real afecto.

Que o Estado ao qual compete de direito o título histórico de ser politicamente brasileiro antes mesmo de haver o Brasil político, tenha recebido com este transbordante carinho o Presidente da República de Portugal — e isto é por si só mais eloquente, mais significativo e mais revelador da unidade das nossas duas Pátrias do que poderiam exprimir frases por mais engenhosas.

Desejo acrescentar uma palavra sobre Belo Horizonte. Conheço a história quase fantástica desta bela capital. Observei o largo traçado das avenidas magníficas, o arrojo e o gosto das grandiosas construções modernas; revigorei-me com a pureza e a frescura deste ar; banhei-me na luz puríssima desta terra em que o azul é mais azul do que o azul e o sol mais vermelho do que o vermelho.

A caminho de Ouro Preto, senti a grandeza da austera montanha. Compreendi que esta natureza, doce na sua luz suavíssima, mas grandiosa na sua forma, só pode gerar homens ao mesmo tempo fortes e bons, homens de carácter, de empreendimento, de lealdade, homens de um futuro largo.

Bebo, Senhor Governador, por esse futuro tão rasgado, pelo esplêndido futuro do Estado de Minas Gerais».

Seguiu-se depois uma recepção oferecida pelo Governador Bias Fortes à alta sociedade de Belo Horizonte, nos jardins do Palácio da Liberdade.

Durante a recepção, o corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro apresentou-se no «ballet», «Los Sylphides», com acompanhamento pela Orquestra da Polícia Militar.

A Orquestra Sinfónica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro executou alguns números do seu repertório.

Eram 9 horas e 20 do dia 15 quando o Presidente Craveiro Lopes partiu de Belo Horizonte para S. Paulo, no «Viscount» posto à sua disposição pelo Chefe do Estado brasileiro.



Centro da Colónia Portuguesa de

BELO HORIZONTE

*Sede do Centro da
Colónia Portuguesa
em Belo Horizonte*

FOI fundado em 15 de Setembro de 1912.
A sua finalidade principal é a de beneficência.
Ampara os portugueses que, mesmo sem estarem
integrados no seu quadro social, se acolhem à sua
protecção.

É a única instituição portuguesa existente na Capital do
Estado de Minas.

A sua população associativa é, actualmente, de 450 mem-
bros.

Mantém serviço médico gratuito para os associados, como
lhes concede um abono mensal na doença. Se são pobres,
ampara-os, na medida do possível, na invalidez.

As suas despesas anuais, de serviços médicos subsídios e do-
nativos orçam na quantia aproximada de Cr. \$150.000,00.

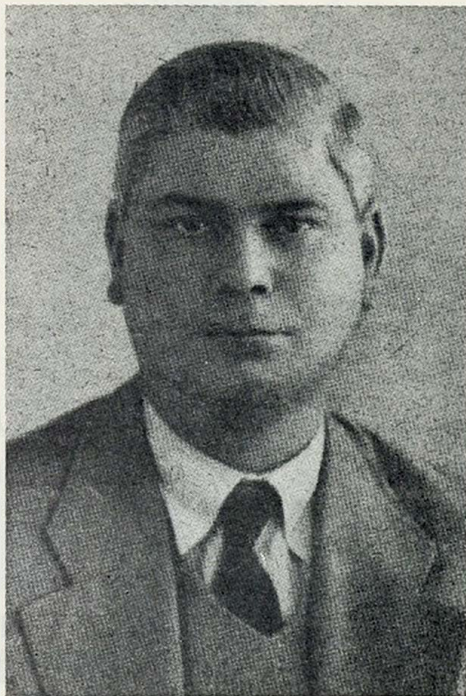
Por vezes, estende a sua acção beneficente a instituições
de caridade instaladas na Capital do Estado de Minas Gerais
e outros. Há poucos anos distribuiu várias centenas de cober-
tores e camas aos sinistrados da Represa de Pampulha. Tam-
bém doou um pavilhão aos pobres da Cidade Ozanã. Alguns-
as organizações beneficentes sédidas em Portugal, como
ASSISTÊNCIA AOS TUBERCULOSOS POBRES, INSTI-
TUTO DE SOCORRO A NAUFRAGOS, CASA DO
GAIATO e outras têm recebido auxílios monetários enviados
por este Centro.

Actualmente está aguardando a doação, pela Prefeitura lo-
cal, de um terreno destinado à construção de um hospital.

O Centro desfruta de grande prestígio nos meios sociais
de Belo Horizonte, nomeadamente entre as autoridades bra-
sileiras, graças à sua conduta de austeridade de que se não
afastou desde a sua fundação. O actual Presidente do Brasil,
Dr. Juscelino Kubitschek, faz questão de dizer que já era só-
cio honorário do Centro quando ainda não pensava elevar-se
ao alto cargo que hoje ocupa. Inúmeras individualidades de
grande destaque, portuguesas e brasileiras têm visitado o Cen-
tro. Aqui estiveram: Gago Coutinho, Sacadura Cabral, Júlio
Dantas, Cardeais Cerejeira e Mota, Melo Viana e tantos ou-
tros. Ultimamente, recebeu a visita do Senhor General Cra-
veiro Lopes e toda a sua comitiva. Presidente do Brasil, Go-
vernador Bias Fortes, Prefeito Melo Azevedo, altas patentes
militares, eclesiásticas e consulares.

O Centro tem como corpo directivo uma Directoria com-
posta de 9 membros, eleitos bianualmente. É das raras insti-
tuições existentes no Brasil exclusivamente composta de por-
tugueses.

Os seus dirigentes actuais são: Presidente, João António
Cardoso; Vice-presidente, Álvaro da Rocha Correia; 1.º se-
cretário, Horácio Silva; 2.º secretário, Francisco Ricardo Ven-
tura; 1.º tesoureiro, Osvaldo Armando Formoso; 2.º tesourei-
ro, Júlio Vaz de Oliveira; 1.º procurador, Manuel Pinto Dias;
2.º procurador, Ismael da Silva Ribeiro; bibliotecário, Antó-
nio Augusto Alves Barbosa.



João António Cardoso

Presidente do Centro da Colónia Portuguesa de Belo Horizonte

Natural da freguesia de Poço do Canto, concelho
da Meda.

Há cerca de 40 anos residente no Brasil, pelo seu
esforço, inteligência e primores de carácter, conse-
guiu destacar-se em primeiro plano, como uma das
mais fulgurantes figuras da Colónia Portuguesa no
Brasil.

Grande industrial, de inextinguível patriotismo, de-
dicação acrisolada ao Brasil reflecte-se e divide-se no
seu afecto pelas duas Pátrias.

Espírito benfazejo, preside hoje aos destinos do
Centro da Colónia Portuguesa de Belo Horizonte,
organização beneficente, cujo lema é bem-servir, es-
palhando o bem, atestando assim as qualidades rá-
cicas dos portugueses, em seu reflexo no amor ao
próximo. João António Cardoso é bem o tipo do por-
tuguês beirão, trabalhador, serviçal, bom e patriota,
honrando em perfeita comunhão Portugal e Brasil,
na consubstanciação de uma só Pátria à sombra de
duas bandeiras.

FÁBRICA DE BISCOITOS E BALAS

CONFIANÇA

de J. A. CARDOSO C.A, LIMITADA

FUNDADA EM 1920

UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO
INDUSTRIAL
DE BELO HORIZONTE

★

RUA MATO GROSSO E RUA TAMOIO -
BELO HORIZONTE -
MINAS GERAIS

★

AS MELHORES ESPECIALIDADES EM
BISCOITOS - BOLACHAS - BOMBONS -
CARAMELOS - REBUÇADOS - DROPS, ETC.

Fabrico esmerado

Grande consumo dos seus produtos no Estado de Minas Gerais e outros Estados do Brasil

**um lar
para sua
família !**



A Comiteco, S. A., lhe oferece por seus planos de venda, facilidades para a aquisição do seu terreno

**PRESTAÇÕES SEM JUROS
E A LONGO PRAZO**



Co.Mi.Te.Co.S/A



A maior organização imobiliária no Estado de Minas

ALLIARY

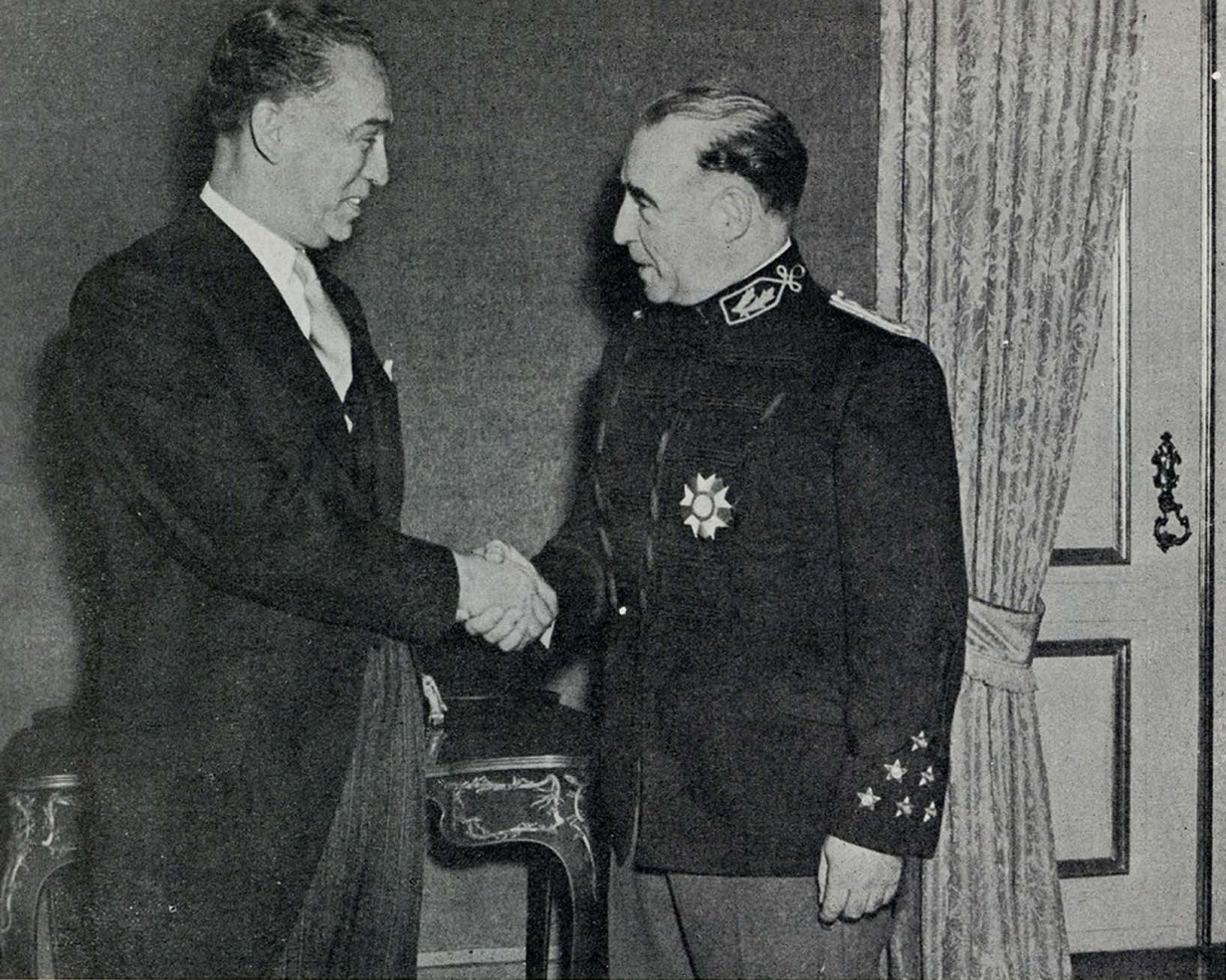
CAPITAL REALIZADO

Cr\$ 28.200.000,00

RUA CURITIBA, 607

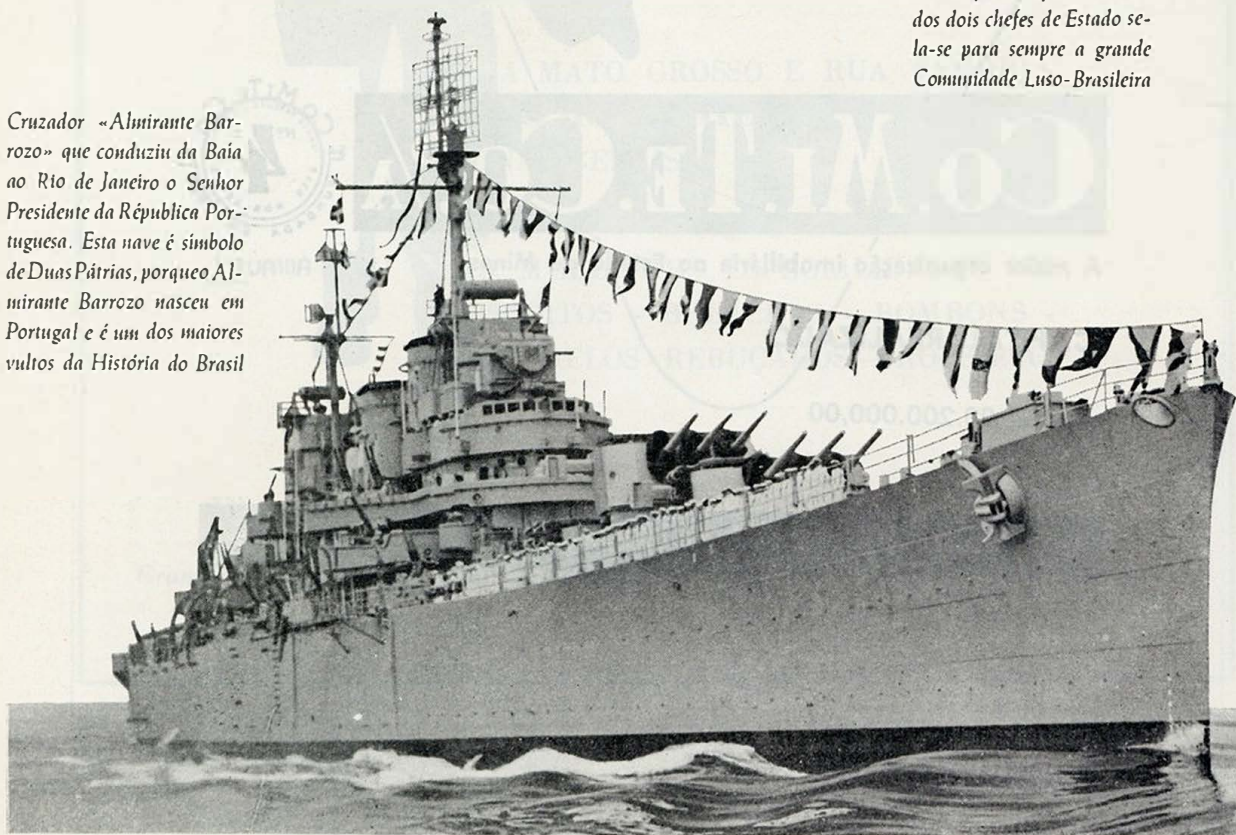
FONE 2-2313

PEÇAM INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO À NOSSA SÉDE



Neste efusivo aperto de mão dos dois chefes de Estado sela-se para sempre a grande Comunidade Luso-Brasileira

Cruzador «Almirante Barroso» que conduziu da Baía ao Rio de Janeiro o Senhor Presidente da República Portuguesa. Esta nave é símbolo de Duas Pátrias, porque o Almirante Barroso nasceu em Portugal e é um dos maiores vultos da História do Brasil



DA REDACÇÃO

PARA merecido repouso, compensador da brilhante acção jornalística desempenhada no Brasil, chegaram a Portugal, D. Dolores Montenegro Matias, ilustre Administradora da nossa Revista que vem acompanhada da distinta jornalista D. Angeline Kalinkova, directora do «Flashes Brasileiros», que vem a Portugal tratar de assuntos relacionados com a sua publicação.

Já em Lisboa, foram recebidas por Sua Excelência o Senhor Presidente da República, General Craveiro Lopes, ao qual entregaram uma linda «flâmula» alusiva à sua viagem ao Brasil, mandadas fazer pela Revista «Duas Pátrias» e foram distribuídas pelos vários Estados que Sua Excelência visitou.

O Senhor Presidente da República entreteve longa palestra, pelo muito interesse que lhe despertou os relatos de vários episódios relativos à sua viagem que muito o sensibilizou.

D. Dolores Montenegro Matias e D. Angeline Kalinkova, depois duma breve digressão pela Europa, partirão para a U. S. A., onde visitarão os núcleos portugueses, desempenhando-se da missão jornalística de que foram incumbidas especialmente.

A acção patriótica da nossa Revista, será completada pela ida ao Brasil do nosso Director-Adjunto, o historiador Augusto Krusse Afflalo, que fará uma série de conferências, cujo interesse deverá ter o mesmo êxito das que realizou não só em Portugal, mas também no estrangeiro.

E então, será ocasião do nosso Director-Adjunto, abraçar com muita amizade, as altas personalidades brasileiras que conheceu e contactou em Portugal, entre as quais, sem prioridade de citação, cumpre distinguir Gilberto Freire, Tito Lívio Ferreira, Olegário Mariano, Artur César Ferreira Reis, Enzo da Silveira, etc.

Estamos certos de que o nosso Director-Adjunto será recebido na Sociedade Geográfica Brasileira e no Instituto Genealógico do Brasil de que é sócio, com as mesmas atenções com que foi distinguido em Madrid, na «Sociedad Cervantina» de que é sócio fundador com as mais altas personalidades do mundo intelectual, como Gregório Maraño e outros.

Augusto Krusse Afflalo é um amigo dedicado e grande admirador do Brasil, como são prova as suas conferências e as cartas que tem recebido sobre o assunto, entre as quais, para não prolongar as citações, as que recebeu do antigo Embaixador do Brasil em Lisboa, o Príncipe dos Poetas Brasileiros Olegário Mariano, da «Sociedade de Geografia de Lisboa», da «Biblioteca Municipal de Fernandes Tomás», da Figueira da Foz, da «Casa do Concelho de Gouveia», etc.

Dolores Montenegro Matias e Angeline C. Kalinkova



Dolores Montenegro Matias e Angeline Kalinkova despedindo-se dos seus camaradas e amigos no Rio de Janeiro



A bordo da nave «Vera Cruz» de regresso a Portugal

BREVEMENTE

SERÁ DISTRIBUÍDA
A MAGNÍFICA
E LUXUOSA OBRA CULTURAL
HISTÓRICA
ECONÓMICA
E BIOGRÁFICA

FLASHES BRASILEIROS

que se está a completar em Portugal

COM A COLABORAÇÃO
DOS MAIS EMINENTES INTELECTUAIS
E ECONOMISTAS PORTUGUESES

FLASHES BRASILEIROS

EDITADA EM PORTUGUÊS E INGLÊS

*É o melhor trabalho escrito com sinceridade
no mais ardente amplexo Luso-Brasileiro*

Há um ano! Em Dezembro de 1956! O número especial dedicado a

SANTOS-DUMONT

E O ENCERRAMENTO DAS COMEMORAÇÕES DO
50.º ANIVERSÁRIO DO «MAIS PESADO QUE O AR»

Promovidas pela Revista «Duas Pátrias»

ALCANÇARAM UM ÊXITO EXTRAORDINÁRIO

A Direcção da Revista Documentário Luso-Brasileira «Duas Pátrias» tem-se dedicado, como é óbvio, mas com entusiasmo e profundidade extraordinários, a uma acção intensa, para aproximação dos espíritos e interesses da, hoje, «Comunidade Luso-Brasileira», exemplo admirável de entendimento entre povos do mesmo sangue, pensando pelo mesmo coração.

Cremos que esta afinidade, será exemplo para outras idênticas, de povos de sangue e cultura semelhantes e — porque não? — para povos embora diferentes na raça e nos costumes.

As raças humanas, ontem divididas em pequenas nações rivais, hoje em blocos abrangendo sangues diversíssimos, atingiram sucessivamente um ponto importantíssimo, com as designações de Mundo Ocidental e Mundo Oriental, penúltimo grau da concepção de Pátria única, Humanidade pura e simples, idealizada por Vitor Hugo e cujo «centro-capital» seria Paris!

A Ciência conseguiu já para si, esse «desideratum»!

Na data em que escrevemos, dois casos, constituem uma «consolação» para os espíritos bem formados: o espírito de colaboração entre os cientistas portugueses (Mundo Ocidental), com os cientistas russos (Mundo Oriental), no estudo dos fenómenos a observar na erupção do «monstro vulcânico» dos Açores; e o grau de interesse e «post-colaboração analítica» de todos os cientistas do Mundo Ocidental, com os do Mundo Oriental na observação do Satélite artificial enviado para o espaço pelos sábios da Rússia.

Não admira pois, que nós, portugueses e brasileiros, nos entendamos como irmãos amigos, colaboradores de civilização cristã nos dois Continentes atlânticos.

E, naturalmente, à imprensa está reservado um papel importante nesse entendimento, independentemente e mesmo dependentemente do que seja concertado nas chancelarias.

Contudò, entendeu a Direcção da nossa Revista que, além da sua acção pròpriamente jornalística, se deveria juntar, para «Bem» do desenvolvimento histórico dos dois povos irmãos atlânticos, Portugal e Brasil, uma

A SESSÃO DE HOMENAGEM PROMOVIDA PELA NOSSA REVISTA AO ILUSTRE BRASILEIRO, FOI RADIO-DIFUNDIDA PARA O BRASIL, PORTUGAL E ULTRAMAR LUSITANO.



O nosso Director Augusto Krusse Affalo, numa das suas conferências de propaganda da aproximação Luso-Brasileira

série de Conferências públicas em lugares selectos e de alto nível intelectual.

E assim, com uma projecção de grande categoria, um dos nossos Directores, o Historiador Augusto Krusse Afflalo, amigo e discípulo do glorioso Almirante Gago Coutinho, tem tido uma acção altamente importante na aproximação do Brasil e Portugal.

Mais duma dúzia de Conferências têm sido pronunciadas em todo o Portugal e estrangeiro, em que, além do interesse histórico e científico, é constantemente afirmado o grande amor de Portugal pela pujantíssima Nação Irmã.

E isto foi reconhecido, inclusive, pelo próprio Embaixador do Brasil, o eminentíssimo Príncipe dos Poetas, Olegário Mariano, quando, em carta de 23 de Julho de 1954, fez declarar que muito penhorado havia ficado pela amizade e dedicação que o nosso Director e, consequentemente, a nossa Revista nutria pelo Brasil.

Mas, nem só esta declaração constitui afirmação única da acção do nosso Director e, portanto, da nossa Revista, em prol do Brasil e de Portugal. Muitas agremiações e entidades oficiais o notaram e nos escreveram sobre a acção desenvolvida.

Mereceu a nossa Revista de intelectuais espanhóis, entre eles o grande crítico de arte e ilustre escritor A. J. Onieva, as seguintes palavras, que bem revelam a acção patriótica que temos desenvolvido: «Hoy, merced al eminente escritor Krusse, Director de «Duas Pátrias», se ha trasladado todo Portugal a Madrid» (28-X-54).

* * *

O número especial dedicado pela nossa Revista a «Santos-Dumont», foi, indiscutivelmente, mais um elo a ligar portugueses e brasileiros. Nelê colaboraram S. Ex.^a o Presidente da República Brasileira, o ilustre Doutor Juscelino Kubitschek de Oliveira; o Ministro do Ar do Brasil, Brigadeiro Henrique Fleiuss; o Subsecretário da Aeronáutica Portuguesa, Coronel Kaulza de Arriaga; o General Costa Macedo, Chefe do Estado-Maior das Forças Aéreas lusitanas; o General Frederico Costa, Sub-Chefe do mesmo Estado-Maior; o Embaixador do Brasil e ilustres escritor, Doutor Álvaro

Lins; o eminente escritor, Doutor Jaime Cortesão; o General Dario Oliveira, Comandante das Forças Aéreas Operacionais; o General Venâncio Deslandes, Comandante de Instrução e Treino das Forças Aéreas; o General Humberto Pais, das Forças Aéreas Portuguesas e Professor do Instituto de Altos Estudos Militares; General Humberto Delgado, actual Director da Aeronáutica Civil e antigo Chefe da Missão Militar Portuguesa em Washington; Almirante Afonso de Cerqueira, antigo Director da Aeronáutica Naval; General Alfredo Sintra, antigo Director da Aeronáutica Civil; General da aviação, Anselmo Vilardebó; Capitão de Mar-e-Guerra Ferreira da Silva, Chefe do Gabinete do Subsecretário da Aeronáutica; Capitão de Mar-e-Guerra Newton da Fonseca, Capitão do Porto de Lisboa e Presidente do Club Militar Naval; Coronel Edgar Cardoso, adjunto do Comando de Instrução e Treino das Forças Aéreas; Comandante Aviador José Cabral, um dos pioneiros da Aviação Civil e ilustre Director da T. W. A.; Coronel Luís de Bettencourt, antigo Director da Aeronáutica Civil (interino); Coronel Pinheiro Correia, Presidente do Aero-Club de Portugal; Major Oliva Teles, Presidente do Aero-Club do Porto, etc.

O «cocktail» que a nossa Revista ofereceu às entidades oficiais e representantes de Companhias de Aviação, para encerramento do ano «Santos-Dumont», constituiu um sucesso de alta categoria, tendo a sessão sido radiodifundida para o Brasil, Portugal e Ultramar.

* * *

Pelo que se verifica não nos temos poupado nem a esforços nem canseiras e até prejuízos financeiros, para prosseguirmos na missão que nos impusemos, para que, cada vez mais, a amizade entre Portugal e Brasil seja cada vez maior, aplanando o caminho para chegarmos a uma unidade pela qual nos batemos e que tomamos como lema: UMA SÓ PÁTRIA À SOMBRA DE DUAS BANDEIRAS, frase extraordinária que hoje corre pelo Brasil inteiro, escrita especialmente para esta Revista pelo grande poeta, glória da Comunidade Luso-Brasileira que é Olegário Mariano.

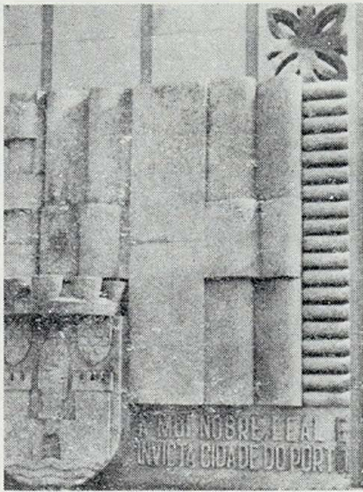
Marques Pinto, Exportação S. A.

Importadores e Exportadores

MADEIRAS, FIBRAS, ALGODÃO

AV. CASTILHOS FRANÇA, 71 - 1.º F.
Caixa Postal, 332 - Telefone: 15 59
Telegramas PINTOS
BELÉM - PARÁ - BRASIL

RUA JOÃO PESSOA, 314
Caixa Postal, 3 — Telegrama PINTOS
SANTARÉM - PARÁ - BRASIL



CIDADE DO PORTO

DEBRUÇADA sobre as águas do Douro, espraçada pela orla do Atlântico distendida até às terras de Matosinhos, Maia e Gondomar demora esta vetusta cidade, cujo nome alicerçou o da própria nacionalidade: o PORTO

O Porto moderno, aquele em que se transformou o senho de grandeza de muitos dos seus filhos, soube já amearhar as mais inestimáveis riquezas; umas, panorâmicas, outras monumentais, preciosas todas. Matizam-no ridentes jardins, cruzam-no ou marginam-no largas avenidas, ligam-no à margem oposta do Douro notáveis pontes metálicas, esmaltam-no imponentes edifícios, enriquecem-no valiosas obras de arte estatuária.

Belezas panorâmicas, perspectivas soberbas, aspectos pitorescos, a cada passo se deparam à curiosidade dos visitantes e à sua emotividade.

Vale bem o tempo que se empregue em visitar a cidade do Porto, segunda cidade de Portugal, cidade dos maiores valores espirituais da raça portuguesa, alfobre ubérrimo onde nasceram e vicejaram as maiores figuras que iluminaram a História da Humanidade.

**ABRIL EM PORTUGAL
AVRIL AU PORTUGAL**
SÔMENTE NO JARDIM DO

HOTEL DE PARIS

N O P O R T O

27 - RUA DA FÁBRICA - 29

NO CENTRO DOS NEGÓCIOS
A 3 MINUTOS DAS GARES
TELEFONE P.P.C. 21095
TELEG.: HOTEL PARIS

Hotel magnífico com todas as comodidades
Salas de leitura e visitas
Telefones em todos os andares
Quartos com sala de banho
Água corrente, quente e fria
Aquecimento central
Cozinha esplêndida

Preferido por brasileiros, franceses e ingleses
Fala-se: FRANÇAIS - ENGLISH - ESPAÑOL

Gerentes: *Constante Gonzalez Lorenzo*
José Martinez Lago

SOCIEDADE INDUSTRIAL VILLARES

S. A. R. L. - FUNDADA EM 1847

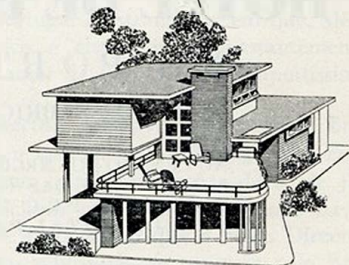
BOLACHAS
CONFEITARIA
BISCOITOS

Escritórios: R. Santos Pousada, 140 - Fábrica: R. Santos Pousada, 145
Telef. P.B.X. 51834 e 52240 - End. Teleg. VILLARES - PORTO

Senhores Capitalistas !!!

Se estão interessados em colocar os seus capitais, recorram à EMPRESA PREDIAL NORTENHA, a organização que se distingue das outras, pela seriedade de processos e rapidez de actuação.

A «NORTENHA» tem para venda, tanto em Lisboa como no Porto, prédios com um rendimento de 7 a 10% por preços que vão de 40 a 18.000 contos.



Trabalhando com a «NORTENHA», o seu capital será altamente valorizado, facilmente transaccionável e rapidamente útil.

Empresa Predial Nortenha

«Colham referências»

PORTO: Praça D. João I, 25 - 1.º (Edifício Arranha Céus)

Telefs. 26706 - 30181 - 31038

LISBOA: Praça da Alegria, 58-2.º

Telefs. 366812 - 333731 - 35313

O MAIS BEM SITUADO DE LISBOA. COM FRENTE PARA R. AUGUSTA E ROSSIO - CONFORTO - ÓPTIMA SALA DE JANTAR - O MELHOR SERVIÇO DE MESA - QUARTOS COM CASA DE BANHO, ÁGUAS CORRENTES QUENTES E FRIAS, E COM TELEFONE

Hotel

INTERNACIONAL

ROSSIO - LISBOA

Telefones: 22775 - 31913 - 31914
gramas: Honal - Lisboa

Tele

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

RUA DO COMÉRCIO, 94-LISBOA

CAPITAL 200.000 CONTOS

FUNDOS DE RESERVA 241.983 CONTOS

FUNDOS DIVERSOS 179.084 CONTOS

BANCO EMISSOR NAS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS DE CABO VERDE, GUINÉ, S. TOMÉ E PRÍNCIPE, MOÇAMBIQUE, ESTADO DA ÍNDIA, MACAU E TIMOR

52 FILIAIS NA METRÓPOLE. 11 DEPENDÊNCIAS URBANAS E SUBURBANAS. 20 FILIAIS NO ULTRAMAR. BANCOS FILIADOS NO ESTRANGEIRO: BANCO ULTRAMARINO BRASILEIRO S. A., NO BRASIL. ANGLO-PORTUGUESE BANK LTD., EM LONDRES. BANQUE FRANCO PORTUGAISE D'OUTRE-MER, EM PARIS.

AGENTES E CORRESPONDENTES EM TODO A MUNDO, TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

COMPRA E VENDA DE CAMBIAIS. ABERTURA DE CRÉDITOS DOCUMENTÁRIOS. CONTAS DE CRÉDITO. TRANSFERÊNCIAS POSTAIS E TELEGRÁFICAS EM MOEDA NACIONAL OU ESTRANGEIRA. DESCONTO E COBRANÇA DE LETRAS. COFRES FORTES. SERVIÇO DE TÍTULOS. DEPÓSITOS À ORDEM, COM PRÉ-AVISO E A PRAZO.

ENXOFRE SUBLIMADO

EM ROLOS DA MARCA



O MELHOR PARA A
INDÚSTRIA DA REFI-
NAÇÃO DE AÇÚCAR

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

LISBOA — Rua do Comércio, 49

PORTO — R. Sá da Bandeira, 82

ESPECIAL PARA
«DUAS PÁTRIAS»



Tenente-Coronel Alvaro Salvação Barreto

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

A PERENE FRATERNIDADE DAS
DUAS PÁTRIAS, GARANTINDO O
PRESTÍGIO DA LÍNGUA PORTU-
GUESA É VALIOSA CONTRIBUIÇÃO
PARA UM MUNDO MELHOR E MAIS
DIGNO.

SALVAÇÃO BARRETO (ÁLVARO). Oficial de artilharia do exército, nascido em Lisboa a 26 de Junho de 1890. Concluiu o curso do liceu em 1907. Seguidamente fez os preparatórios para a admissão do curso de Artilharia, na Escola de Guerra, onde ingressou em 1911. Foi promovido, sucessivamente, a alferes, em 1 de Novembro de 1914; a tenente, em 1 de Dezembro de 1916; a capitão, em 20 de Julho de 1918; a major, em 16 de Setembro de 1927 e a tenente-coronel, em 5 de Setembro de 1940, tendo passado à reserva em 11 de Outubro de 1940.

Na Grande Guerra de 1914 fez parte do C. E. P., como adjunto-técnico do comando do 2.º grupo do Corpo de Artilharia Pesada, em Inglaterra e França, até 1918, passando a comandar, em França, a 5.ª bateria do mesmo grupo até Março de 1919. Foi professor do Colégio Militar no período 1921 a 1927. Exerceu os lugares de Director dos Serviços de Censura, desde 28 de Maio de 1926 a 5 de Março de 1944; de vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa, desde 13 de Julho de 1933 a 31 de Dezembro de 1937; deputado nas legislaturas de 1938-1944; director-geral da Educação Física de Desportos e Saúde Escolar, desde 1942; e procurador à Câmara Corporativa desde Março de 1944. É presidente do Município de Lisboa, desde 6 de Março de 1944. Foi sob a sua presidência que se reuniu, em Lisboa, o II Congresso Internacional das Capitais. É agraciado com as seguintes condecorações: Ordem Militar de Avis, Ordem Militar de Cristo, medalha comemorativa das campanhas da França em 1914, da Vitória, de Comportamento Exemplar, grau O B E do Império Britânico e grau K C V. O, da ordem da Rainha Vitória.

Lisboa recebe entusiàsticamente o Chefe da Nação, ao regressar da sua gloriosa viagem ao Brasil

Em todo o percurso pelas ruas de Lisboa a caminho do palácio de Belém, o Chefe de Estado de Portugal é acolhido com entusiasmo pela população, que continuamente o aclama pelo êxito da sua viagem ao Brasil.



EM LISBOA

Museus (Museums)

(NATIONAL MUSEUM OF ANCIENT ART) Museu Nacional de ARTE ANTIGA
 (NATIONAL MUSEUM OF CONTEMPORARY ART) MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
 (NATIONAL MUSEUM OF ROYAL COACHES) MUSEU NACIONAL DOS COCHES
 (ARCHAEOLOGICAL MUSEUM) MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO
 (ARTILLERY MUSEUM) MUSEU MILITAR
 (DECORATIVE ART MUSEUM) MUSEU DE ARTE DECORATIVA
 (ETHNOLOGICAL MUSEUM) MUSEU ETNOLÓGICO DR. LEITE DE VASCONCELOS
 (MUSEUM OF FOLK ART) MUSEU DE ARTE POPULAR
 (NUMISMATIC MUSEUM) MUSEU NUMISMÁTICO — CASA DA MOEDA
 (MUSEUM OF RELIGIOUS ART) MUSEU DA MISERICÓRDIA (CITY MUSEUMS):
 MUSEU DO PALÁCIO DA MITRA
 MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO
 (AQUARIUM) AQUÁRIO VASCO DA GAMA

Monumentos (Monuments)

(JERONIMOS MONASTERY) MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS
 (BELEM TOWER) TORRE DE BELÉM
 (CARMO OLD CHURCH) RUÍNAS DO CONVENTO DO CARMO
 (CATHEDRAL) SÉ CATEDRAL
 (ESTRELA) BASÍLICA DA ESTRELA
 (MADRE DE DEUS CHURCH) IGREJA DA MADRE DE DEUS
 (ST. GEORGE CASTLE) CASTELO DE S. JORGE
 (ST. VICENT) IGREJA DE S. VICENTE

Jardins públicos (Public gardens)

(BOTANICAL GARDENS) JARDIM BOTÂNICO — FACULDADE DE CIÊNCIAS
 TAPADA DA AJUDA — INST. SUP. DE AGRONOMIA
 (FOREST OF MONSANTO) PARQUE DO MONSANTO
 (ZOOLOGICAL GARDEN) JARDIM ZOOLOGICO
 (GREENHOUSE) ESTUFA FRIA

HOTEL



Embaixador

«AMBASSADOR»

Avenida Duque de Loulé — LISBOA

TELEGRAMAS — «Embaixador»

TELEFONE — 5 81 81 (14 linhas)

O mais Distinto e Moderno Hotel de Lisboa

*The Newest and Most Distinguished
Hotel in Lisbon*

Le Plus Moderne et le Plus Distingué

100 quartos, todos com casa de banho, chuveiro, telefone e rádio

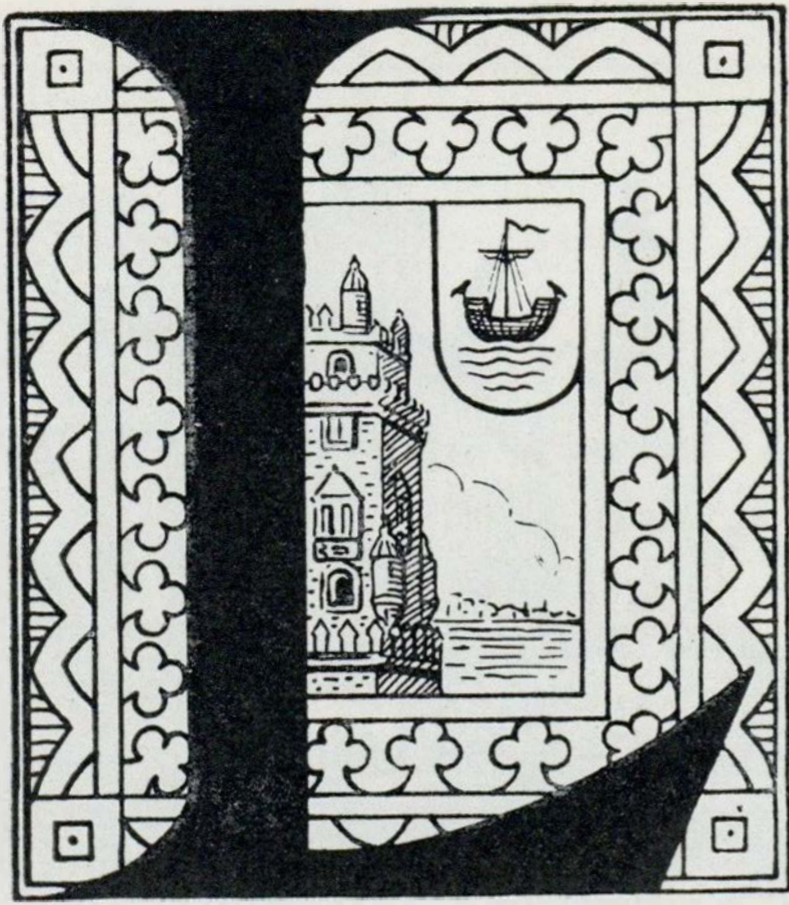
100 rooms all with private bath and shower, telephone, rádio, and shaver sockets

100 chambres toutes avec salle de bain, douche, T. S. F. et téléphone

Sala de banquetes, «COCKTAIL-BARS», «SNACK BAR», Sala de Reuniões, Restaurante no 9.º andar, com magnífica vista sobre a cidade, «GRILL-BOITE» no 10.º andar, Terraço-Solitário-Miradouro

Florista, Livraria, Tabacaria, Barbeiro, Manicura e Cabeleireiro de Senhoras

AR CONDICIONADO



LISBOA

Lisboa é uma cidade diferente. Nascida da aventura é ainda uma aventura, estranha e magnífica, um cântico de amor, uma sinfonia de luz e de perfume!... Da doçura do seu clima privilegiado, do afável trato das suas gentes e da magia do seu encanto natural, leva o estrangeiro que a visita, gravada no coração, uma das expressões mais doces de todos os idiomas — a SAUDADE!...

O SEU DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO

CONQUISTADA aos sarracenos pela força indomável do primeiro rei português, D. Afonso Henriques, em 1147, logo a cobiçada LISABONA extravasa das suas fortes linhas de fortificação — a cerca moura — construída em redor do seu vetusto castrum.

Lisboa já cristã — ela que fora póvoa fenícia e cartaginesa, que recebera de César o título de Felicitas Júlia e as honras do município romano — ganha desde então novos horizontes. A sua privilegiada situação geográfica, fez dela, mais tarde (D. Afonso III), capital do reino nascente e, com D. Dinis, fundada a Universidade, o centro espiritual da Nação.

Após o primeiro cerco de Castela, D. Fernando envolve-a numa nova linha de muralhas (cerca fernandina). E, com elas, Lisboa resiste heróicamente a nova investida das hostes inimigas. Lisboa, cabeça da Nação, mantém intacta a soberania do Reino.

Dos 16,60 hectares da Lisboa mourisca, a cidade passa a ter, neste final do século XIV, a área de 103 hectares. Estende-se para Nascente e Poente, galga os subúrbios, alastra-se para a orla do Tejo.

D. João I abre um novo ciclo na sua história. Outorga-lhe o título de «entre todas excelente e maior» e faz dela, na visão de um Portugal maior, o grande porto de mar, de onde, rumo a Marrocos, partem as armadas gloriosas da expansão portuguesa. O Infante D. Henrique traça-lhe o seu destino ecuménico.

Senhora já dos mares até então ignotos, rainha de horizontes vastos, a linda cidade do Tejo foi, sem dúvida, alguma, nos primórdios do século XVI, a capital digna de um grande império. Ascende às culminâncias do maior império comercial do mundo.

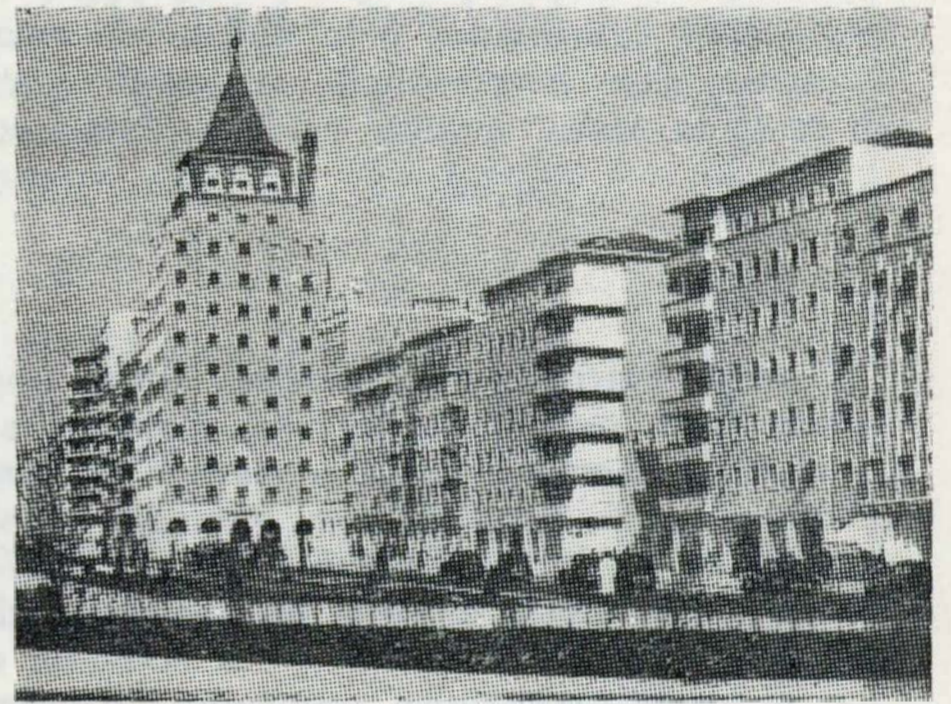
D. Manuel, no apogeu do seu reinado, escreve na sua história as páginas mais brilhantes. Veneza sente que uma rival surgira nos mares do Ocidente. A população duplica e novos palácios, novos templos e mosteiros se erguem, marcando nitidamente uma arquitectura nova, expressão simbólica das nossas descobertas, bebidas nas artes decorativas do Oriente e do Sul. No torvelinho febril das suas ruas cruza-se uma população cosmopolita, mercanciam-se os mais variados produtos de além Atlântico, as especiarias do Oriente.

* * *

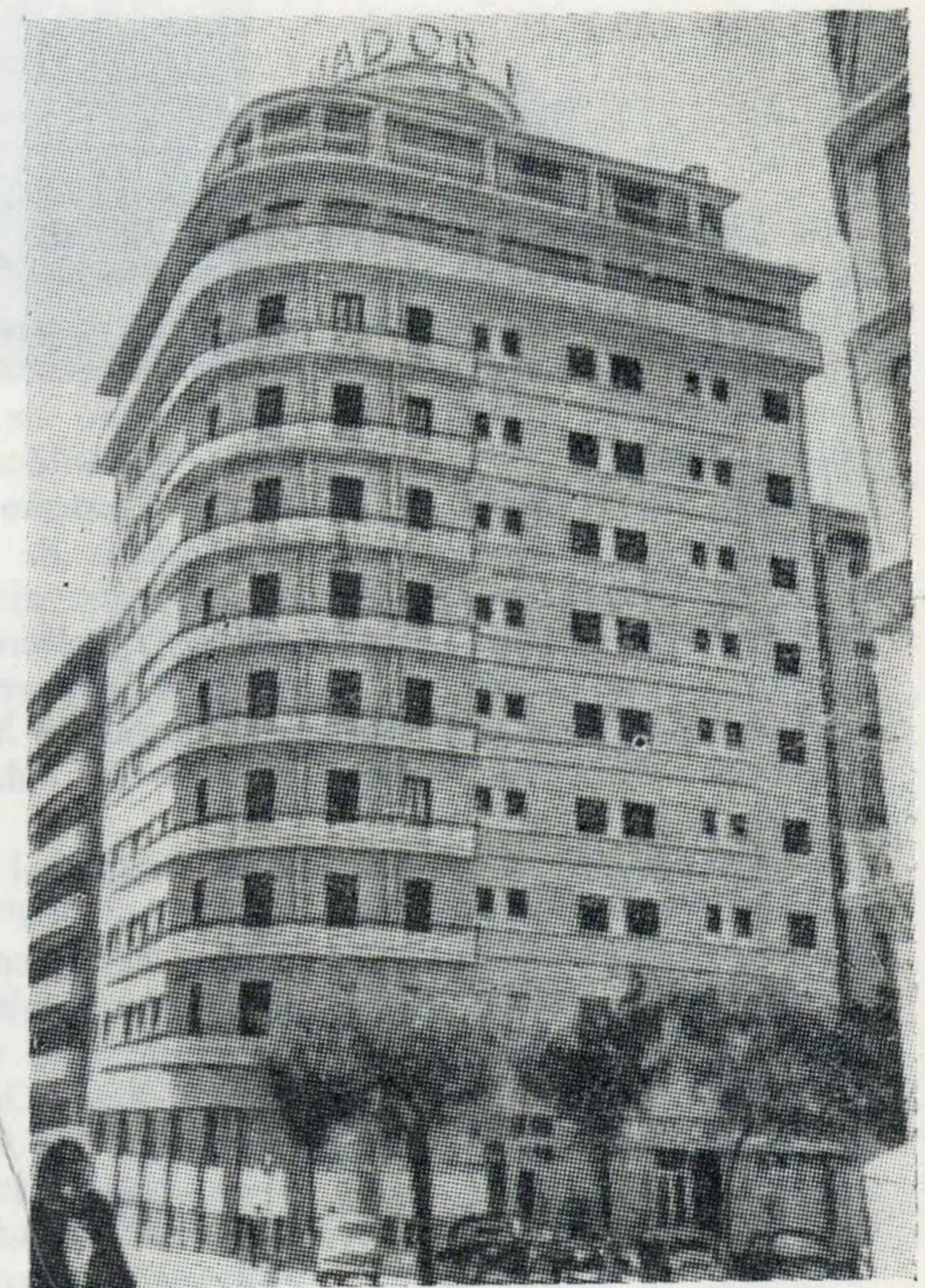
Dobrado o primeiro quartel do século XVIII Lisboa, que vivera horas terríveis, de dor e de luto, de epidemias e de terramotos, que sofrera, após a infeliz jornada de el-rei D. Sebastião às terras da Mauritânia, os malefícios de uma fictícia monarquia dualista, ganha um novo impulso urbanístico. Um monarca de apurado gosto traça-lhe novas perspectivas, enriquece-a com a construção de novos e belos monumentos e solares onde sobressaem o grandioso Aqueduto das Águas Livres, a preciosa capela de S. João Baptista e, a alguns quilómetros da cidade, a fábrica sumptuosa do Mosteiro de Mafra.

Na manhã do dia 1.º de Novembro de 1755 Lisboa foi violentamente sacudida por um sismo avassalador que a transforma, em parte, num montão de ruínas.

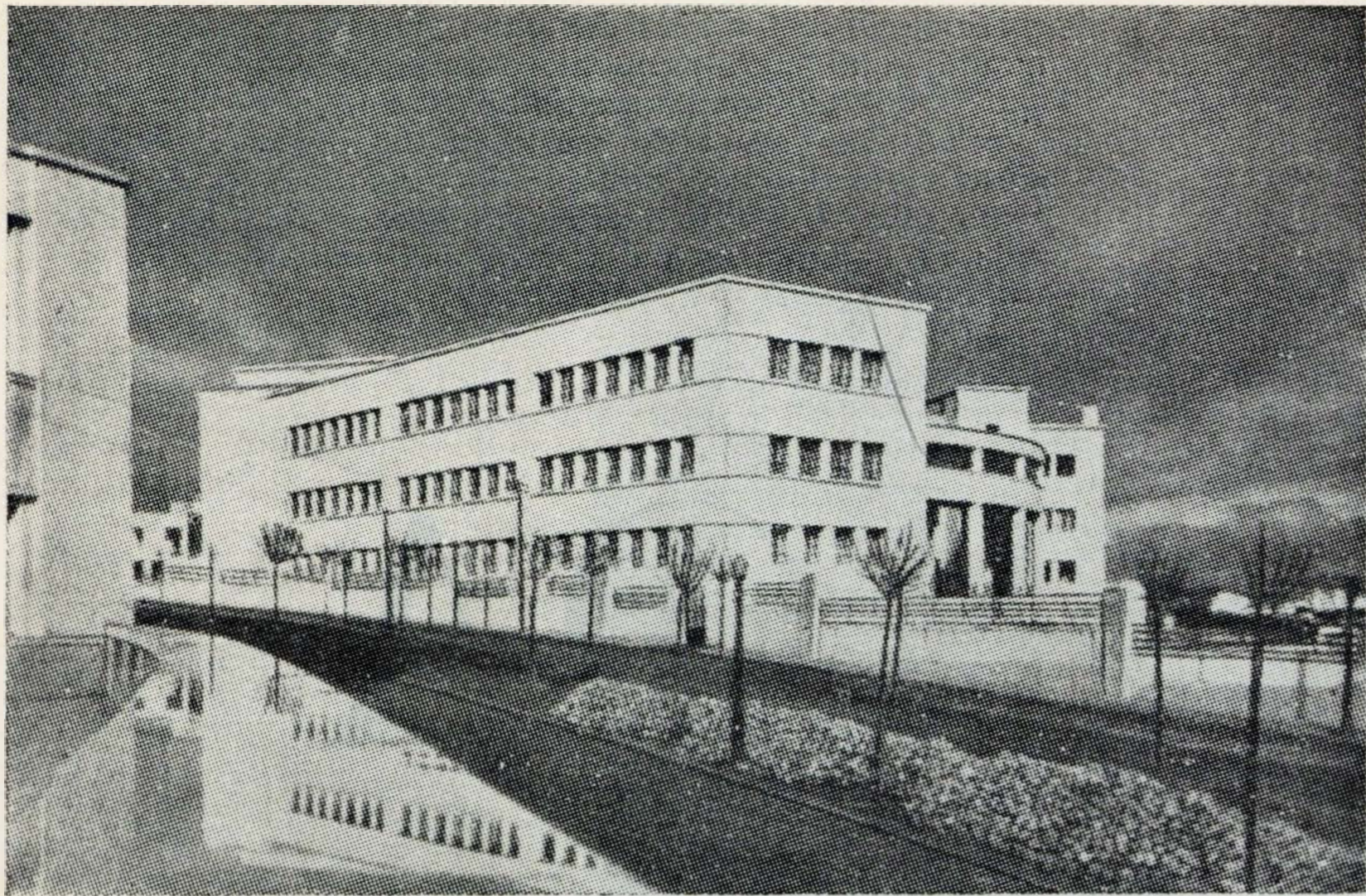
A próspera e florescente cidade de D. João I, de D. Manuel, de D. João V vai, uma vez mais, receber um impulso que a transforma quase radicalmente. Surge, com a vontade forte do Marquês de Pombal, primeiro Ministro de el-rei D. José, a Lisboa pombalina. Em breve, toda a urbe sente os efeitos benéficos do terrível cataclismo. O paradoxo compreende-se: Lisboa, nos



Um aspecto da Avenida de Roma



Hotel Embaixador



Instituto Superior Técnico



Cinema Monumental

locais mais aglutinados pelo dédalo de casario, de ruelas, de betesgas quase inverosímeis, vê surgir, mercê de um plano de rasgada visão, amplas artérias, construções arejadas.

* * *

E novos bairros se constroem. Novos traçados expandem a cidade para os seus subúrbios. Rasgam-se largas alamedas. Às abas do Rossio, contra o clamor da população saudosista e conservadora, Rosa Araújo, vereador persistente e arrojado, derruba as grades do Passeio Público, expressão de uma época frívola e mundana, legenda da cidade romântica e faz surgir a maior avenida de Lisboa — a Avenida da Liberdade.

É o primeiro impulso renovador. Ressano Garcia segue-o, transformando, em breve, os campos vizinhos em bairros modernos, saudáveis, com a abertura das chamadas «Avenidas Novas». A cidade expande-se para o Norte, no sentido errado do seu desenvolvimento. A obra, contudo, é grandiosa.

* * *

A Lisboa de hoje, é bem o espelho da época de ressurgimento que Portugal viveu nestes últimos trinta anos. Uma administração sã e fecunda abriu-lhe o caminho das grandes realizações. Nos últimos trinta anos ergueram-se escolas, estádios, hospitais, edifícios para instalação de serviços públicos, asilos, quartéis, novos templos, esplêndidos hotéis, cinemas luxuosos, etc. Dentro do plano de expansão e urbanização da cidade, construíram-se as amplas saídas de Lisboa, a auto-estrada, a estrada marginal para Cascais; ajardinaram-se e arborizaram-se recintos admiráveis de recolhimento ou pequenos recantos onde se avistam panoramas surpreendentes da cidade e do seu rio. O grande parque florestal do Monsanto — manto verdejante da urbe (velha aspiração da cidade) — é hoje um facto.

O Castelo de S. Jorge e a Sé Catedral foram cuidadosamente restaurados, mercê de uma política inteligente de carinho e respeito pelos monumentos históricos e arqueológicos.

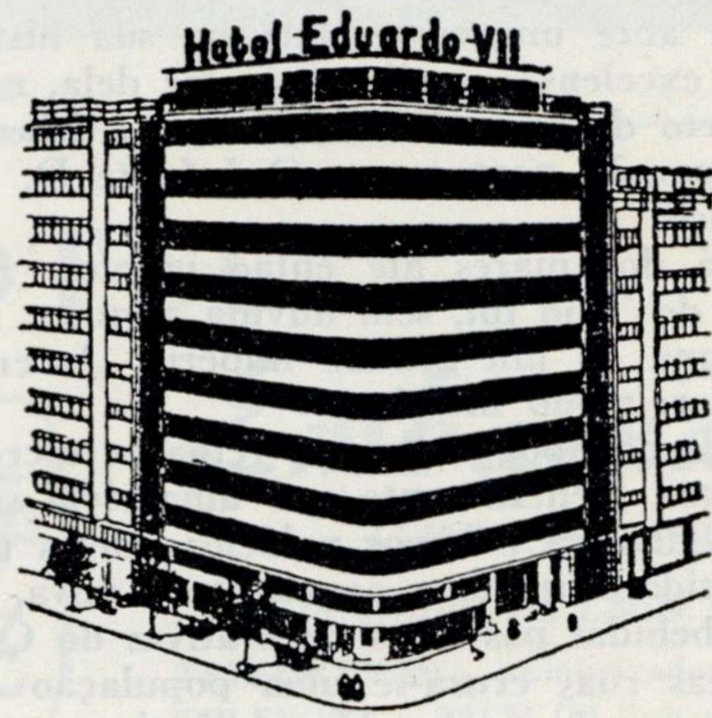
Por toda a cidade, num impulso impressionante, crescem os bairros novos, de habitações económicas (a substituírem os velhos aglomerados insalubres) ou de luxo. Os novos arruamentos da encosta da Ajuda, a cavaleiro do rio, trouxeram, de novo, a cidade para o seu Tejo, revalorizando este, no sentido lógico do seu enquadramento na paisagem citadina.

Lisboa é, assim, graças à acção desenvolvida nos últimos anos pelos responsáveis da sua administração, uma das mais belas e mais modernas cidades da Europa.

LISBOA TEM UM NOVO HOTEL



Hotel EDUARDO VII



Foi recentemente inaugurado em Lisboa, Portugal, o Hotel Eduardo VII, classificado de primeira categoria e considerado um dos melhores da capital portuguesa.

Possui 103 quartos, todos com banho e duche, barbeiro, cabeleireiro, salão de beleza, etc. e todo o conforto moderno.

Está situado no centro da cidade, na Av. Fontes Pereira de Melo, a dois passos do Parque Eduardo VII.

Do seu Restaurante-Bar «A Varanda», instalado no 10.º andar disfruta-se o mais grandioso panorama de Lisboa e do Tejo.

Este hotel pertence à mesma «cadeia» da qual faz parte o Hotel de Turismo da Guarda e Hotel Savoy da Ilha da Madeira.

Direcção de: J. PAREDES ALVES e L. RIBEIRO DA SILVA



A CASA MAIS SELECTA

*BOM AMBIENTE, BOA
COZINHA E BOM FADO
SÓ NA ADEGA MACHADO!*

**IS OPEN TO 3,30 A. M.
FERME VERS 3,30 HEURES DU MATIN**



Boite de Nuit

TELEFONES 35634-368649

NIGHT CLUB



Soirées a partir das 22,30 horas



RUA DA MISERICÓRDIA, 12

Lisboa ✕ Portugal

AMBIENTE SELECIONADO COM AS MELHORES ATRAÇÕES INTERNACIONAIS



PATRICIO

Estrada de Loures

Telef. 051168

Ambiente tipicamente português



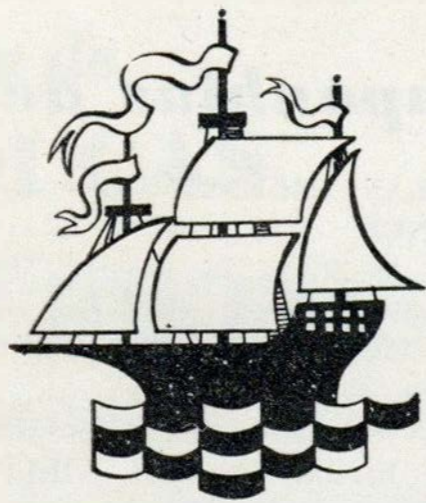
Preferido pelo Corpo Diplomático
e Estrangeiros que visitam Portugal



**BOA COZINHA À PORTUGUESA, BOM
FADO E DANÇAS REGIONAIS**

DIRECÇÃO ARTÍSTICA DO
CANTOR **RAÚL PROENÇA**

Abertos até de madrugada



NAU CATARINA

ALFAMA

Travessa de S. Miguel

Telef. 3 43 38



**Apresentação dos melhores
Artistas do Fado**

(Aberto das 12 horas às
3 e 30 horas)

Todas as noites

Esplêndidos Serviços de Cozinha e Bar

**ALMOÇOS · JANTARES · CEIAS
MAGNÍFICAS E MODER-
NAS INSTALAÇÕES**

**R. da Barroca, 48-56 Tel. 29387
Bairro Alto — LISBOA**

EM LISBOA

Restaurants

	Telefone
A CENTRAL DA BAIXA — Rua Áurea, 94-98	2 02 80
A GALEOTA (French Restaurant) — Avenida Sidónio Pais, 28	5 12 81
A GONDOLA (Italian cooking) — Avenida de Berne, 60	77 04 26
ALVALADE — Campo Grande (Near the Lake)	77 91 51
AQUÁRIO — Rua Jardim do Regedor, 34-50	36 83 93
AKCO IRIS — Praça do Azeiteiro, 8	72 53 49
CAFÉ MONUMENTAL — Avenida Fontes Pereira de Melo, 43-B	5 84 17
CAFÉ RESTAURAÇÃO (Tasty's steaks) — Rua 1.º de Dezembro, 105	2 94 95
CASTANHEIRA — Estrada da Torre, 77-A	77 91 68
CHARCUTERIE FRANÇAISE — Rua do Carmo, 23-25	2 76 83
CHAVE D'OURO — Rua 1.º de Dezembro, 42	3 21 48
DISCOTECA (Snack Bar) — Av. António Augusto Aguiar, 3-A	4 83 84
HOTEL CONDESTÁVEL — Travessa do Salitre, 7	3 39 22
HOTEL EMBAIXADOR (Ambassador) — Av. Duque Loulé, 73	73 01 71
GAMBRINUS — Rua das Portas de Santo Antão, 25	36 89 74
GARE MARÍTIMA (Maritime Station) — Alcântara	66 50 02
GIRASSOL — Avenida do Aeroporto, Chalé, 31	72 01 17
IBÉRIA — Rua Ivens, 28	2 82 18
IMPERIUM — Rua de Santa Justa, 105	2 75 27
IRMÃOS UNIDOS — Praça D. Pedro IV, (Rossio) 112	36 86 97
LEÃO D'OURO — Rua 1.º de Dezembro, 89	2 61 95
MACAU (Chinese & Macao cooking) — Rua Barata Salgueiro, 26	5 88 88
MONTE CARLO — Avenida Fontes Pereira de Melo, 41-C	4 47 89
MONTES CLAROS — Montes Claros	63 65 66
NEGRESCO — Rua Jardim do Regedor, 39-45	36 80 93
PAM PAM — Avenida Almirante Reis, 151-A	4 92 46
PIQUE-NIQUE (Snack Bar) — Praça D. Pedro IV, 28	3 51 31
PIRILAMPO (French Restaurant) — Rua dos Sapateiros, 168	3 16 12
RAMALHETE — Rua D. Pedro V, 56	3 14 60
SMARTA — Rua Barata Salgueiro, 3	5 34 48
SOLMAR (Beer and shell'fish) — R. Portas de Santo Antão, 106, 108-A	3 00 10
TÁGIDE — Largo da Biblioteca Pública, 19	3 53 27
TAVARES — Rua da Misericórdia, 35	2 11 12
TERMINUS-Bar Expresso — Rua 1.º de Dezembro, 67-69	2 45 97
TIQUE-TAQUE (Snack Bar) — Avenida de Roma, 29 B	77 03 25
VERA CRUZ — Avenida da Liberdade, 12	2 33 01
YORK-BAR — Rua Serpa Pinto, 17-F	2 20 85

Restaurants (arredores de Lisboa)

	Telefone
CACILHAS (Ginjal) — FLORESTA	07 00 87
CACILHAS — MUXITO	02 11 37
QUELUZ — COZINHA VELHA — Palácio Nacional	09 12 32
CAXIAS — MÓNACO	04 23 39
CACÉM (Aguilva) — A MESQUITA	09 41 00
ESTORIL (S. João) — A CHOUpana	06 80 99
ESTORIL — CASINO	06 07 30
ESTORIL — TAMARIZ	06 04 03
ESTORIL (Monte) — RONDA	06 09 65
ESTORIL (Monte) — BAR INGLÊS	06 04 13
CASCAIS — PALM BEACH	08 08 52
CASCAIS — FIM DO MUNDO	08 02 00
CASCAIS — EST. SOLAR DE D. CARLOS	08 09 61
CASCAIS (Marinha) — FURNAS LAGOSTEIRAS	08 92 43
CASCAIS (Guincho) — BARRACA MUCHAXO — Praia do Guincho	08 92 21
SINTRA — ESTALAGEM DA RAPOSA	09 84 65
COLARES (Várzea) — RECREIO DA VÁRZEA	09 90 08
PRAIA DAS MAÇÃS — BAR-CONCHA (Piscina)	09 00 67
ERICEIRA — GALEÃO	00 55
ERICEIRA — HOTEL TURISMO	00 25
MAFRA — FREDERICO	00 01 09
VILA FRANCA DE XIRA — MAIORAL	00 01 50
VILA FRANCA DE XIRA — ESTALAGEM GADO BRAVO	00 03 24
SESIMBRA — ESPADARTE	02 91 89
ARRÁBIDA (Portinho) — ESTALAGEM SANTA MARIA	02 89 27
SETÚBAL — O PESCADOR	2 29 69

Teatros

	Telefone
NACIONAL DE S. CARLOS (Ópera) — Largo do Directório	36 86 64
NACIONAL D. MARIA II — Praça D. Pedro IV	2 03 79
MONUMENTAL — Praça Duque Saldanha	5 51 33
MARIA VITÓRIA — Parque Mayer	3 17 40
VARIEDADES — Parque Mayer	2 60 37
A. B. C. — Parque Mayer	36 67 45
AVENIDA — Av. da Liberdade	2 72 73

Cinemas

	Telefone
ALVALADE — Av. de Roma	76 30 80
AVIS — Av. Duque d'Ávila	4 71 63
CAPITÓLIO — Parque Mayer	2 74 93
CONDES — Av. da Liberdade	2 25 23
EDEN — Praça dos Restauradores	2 07 68
IMPÉRIO — Alameda Afonso Henriques	5 5134
MONUMENTAL — Praça Duque Saldanha	5 51 31
ODEON — Rua dos Condes	2 62 83
POLITEAMA — Rua das Portas de Santo Antão	2 63 05
ROMA — Av. de Roma	72 77 78
S. LUÍS — Rua António Luís Cardoso	2 71 72
SÃO JORGE — Av. da Liberdade	5 41 53
TIVOLI — Av. da Liberdade	5 65 95

Moedas (Câmbios)

	Telefone
CANAS, MARTINS & OLIVEIRA, LDA. — Rua Áurea, 81	2 06 09
CARDOSO, LDA. — Rua Áurea, 63	2 64 06
COSTA, LDA. — Rua Áurea, 109-113	3 05 06
J. BURNAY, LDA. — Rua Áurea, 72	2 12 73
MONTENEGRO CHAVES & C. LDA. — Rua Áurea, 135-137	3 28 20
PAULO GONÇALVES — Gare Marítima Rocha Conde Óbidos	67 24 14
RIBEIRO & LOPES, LDA. — Rua Áurea, 103-105	2 38 18
SOC. CAMBISTA JOSÉ BONNIZ — Rua Augusta, 55	2 89 61
VENCES VALENTE, LDA. — Rua Áurea, 56-60	2 73 24
VICTOR GONÇALVES, LDA. — Rua Áurea, 152	2 65 58

Companhias de Navegação Aérea

	Telefone
AEROLINEAS ARGENTINAS — Rua Barata Salgueiro, 33	5 35 83
AIR FRANCE — Avenida da Liberdade, 120	3 09 81
ALITALIA — Praça da Alegria, 58-4.º	2 52 03
BRITISH EUROPEAN AIRWAYS — Av. da Liberdade, 23 27	3 09 31
BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION — Av. da Liberdade, 23-27	3 09 51
CANADIAN PACIFIC AIRLINES — Av. Fontes Pereira de Melo, 3-1.º	5 61 92
K. L. M. — ROYAL DUTCH AIRLINES — Praça Marquês de Pombal, 4 r/c Dto.	4 31 44
LINEA AEROPPOSTAL VENEZOLANA — Rua Rodrigues Santpaio, 132-A	4 75 40
LUFTHANSA — GERMAN AIR LINES — Praça da Alegria, 58, 2.º-H	36 68 63
PANAIR DO BRASIL, S. A. — Av. da Liberdade, 68	3 19 63
PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS — Praça dos Restauradores, 46	3 21 81
SABENA — BELGIAN WORLD AIRLINES — Praça da Alegria, 58, 1.º	3 35 38
SCANDINAVIAN AIRLINES SYSTEM — Avenida da Liberdade, 236-A	5 71 39
SWISSAIR — Avenida da Liberdade, 158-A	3 07 34
TRANS WORLD AIRLINES, INC. — Avenida da Liberdade, 258	5 81 23
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES — Rua Braamecamp, 2	5 91 01

PRINCIPAIS ESTABELECEMENTOS EM LISBOA

Alfaiataria G.L.D ENGLAND — A melhor alfaiataria de Lisboa — Rua Augusta, 109

Telefone
2 65 84

BORDADOS DA MADEIRA (THE MADEIRA HOUSE) — Rua Augusta, 131, 1.º

2 05 57

CAMISARIA MODERNA — A melhor camisaria de Lisboa — Praça D. Pedro IV, 110

2 43 50

FILIGRANAS PORTUGUESAS — OURIVESARIA SARMENTO
Rua Áurea, 251

Telefone
2 67 74

LIVRARIA FORTUGAL — Livraria de todo o mundo — Rua do Carmo, 70

2 62 20

SAPATARIA PRESIDENTE — Luxuoso calçado para senhoras e cavalheiros — Rua 1.º de Dezembro, 11 e 13

66 77 25

TABACARIA ROSSIO, LDA. — Os melhores tabacos estrangeiros
Rua Áurea, 295

2 52 27

Central
de Ferragens, S/A

**ARMAZÉM
CENTRAL**

RUA MARECHAL DEODORO, 92

Casa de
**LOUÇAS
E CRISTAIS, etc.**

RUA MARECHAL DEODORO, 116

Em frente ao Correio

DEPÓSITO

R. THEODURETO SOUTO, 135 - 137

**Caixa Postal, 272 - End. Teleg. «CENTRAL» - Telef. 1546
MANAUS - BRASIL**

tique - taque

(SALÃO DE CHÁ, CAFÉ, RESTAURANTE, PASTELARIA E CHARCUTARIA)



- SITUADO NA MAIS MODERNA AVENIDA DE LISBOA

- Pastelaria
- Charcutaria
- Café

- Esplêndido Snach-Bar

- Primoroso serviço de Restaurante

Servem-se banquetes para :

- Casamentos
- Baptizados
- Recepções

Avenida de Roma, 29-B

TELEFONES : 77 77 23-77 03 25

LISBOA